



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DIFERENÇAS ÉTNICAS E O LUGAR DO ÍNDIO-
DESCENDENTE NA ESCOLA EM BOA VISTA-RR**

JONILDO VIANA DOS SANTOS

MANAUS

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



JONILDO VIANA DOS SANTOS

DIFERENÇAS ÉTNICAS E O LUGAR DO ÍNDIO-DESCENDENTE NA ESCOLA EM BOA VISTA-RR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Área de Concentração: Educação, Cultura e Desafios Amazônicos, Linha de Pesquisa: Identidades e Processos Educacionais na Amazônia.

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira

MANAUS

2007

JONILDO VIANA DOS SANTOS

**DIFERENÇAS ÉTNICAS E O LUGAR DO ÍNDIO-DESCENDENTE NA
ESCOLA EM BOA VISTA-RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Área de Concentração: Educação, Cultura e Desafios Amazônicos, Linha de Pesquisa: Identidades e Processos Educacionais na Amazônia.

Aprovado em 15 de outubro de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira, Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Carlos Alberto Marinho Cirino, Membro
Universidade Federal de Roraima

Prof^a. Dr^a. Arminda Rachel Botelho Mourão, Membro
Universidade Federal do Amazonas

À Bete Viana dos Santos, como ela se identifica, *uma caboca do Amazonas*, minha mãe, mulher de luta que muito me ensinou sobre a vida; A Alcino Martins dos Santos, meu pai (*In memoriam*) homem trabalhador e honesto

A mim por não perder a f!

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível mediante a colaboração, compreensão e ajuda de muitas pessoas

À minha orientadora Prof.ª Amélia Helena Batista, professora, pela paciência e dedicação na condução do entendimento da proposta de pesquisa

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas pela acolhida nesse desafio que é a pesquisa em Educação

À FAPES, pela ajuda financeira

Aos eternos amigos que conheci na UFAM: Olívia Benício, Márcio Roberto, Sidnei Campos, Sebastião Constantino, Sandra Damasceno e Telenice Pereira

Ao meu irmão Daniel Viana, meus sobrinhos Iran, Jailton, Binho e Danielle. Ostendo também ao pai, mãe e ao irmão, que nas horas de solidão estavam ao meu lado

Aos estudantes entrevistados

Aos colegas da UFAM

Aos amigos: Jerônimo Ribeiro, Anderson, José Bernardo e Carla Ostrela, uma amiga de longe

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho com gestos de solidariedade, generosidade e palavras de apoio

Minha eterna gratidão.

Somos todos juntos uma miscigenação

E não podemos fugir da nossa etnia

Todos juntos uma miscigenação

E não podemos fugir a nossa etnia.

Índios, brancos, negros e mestiços

Nada de errado em seus princípios

O seu e o meu são iguais

Corre nas veias sem parar.

(Etnia)

Chico Science

RESUMO

Oste estudo investi+ou o preconceito um fen<meno social percebido nas salas de aula das escolas de ensino fundamental na cidade de Boa Vista . capital do Ostado de *oraima 7 preconceito !tnico entre alunos etnicamente diferentes 7s %ndios e seus descendentes sã tidos como sujeitos !tnica e socialmente inferiores, v%timas vulner5veis da viol-ncia e da não aceita#ão para a vida em uma sociedade não.ind%ena, que se intitula civili"ada. A discrimina#ão est5 quotidianamente presente nas rela#=es sociais, embora seja disfar#ada por mecanismos sutis de evita#ão, mas que interferem no acesso do %ndio.descendente >s oportunidades de forma i+ualit5ria a outras etnias Ostudamos os mecanismos de confi+ura#ão do preconceito !tnico no ambiente escolar, sua rela#ão com constru#ão das identidades como tamb!m o discurso montado 'ois, em *oraima durante o processo de intensa coloni"a#ão no s!culo ??, se pro#etou por parte do dominante uma ima+em ne+ativa dos ind%enas e seus descendentes 'ensamos que essa pro#e#ão ne+ativa provoque atitudes ou comportamentos preconceituosos e discriminat\$rios que se concreti"am atrav!s da verbaliz#a#ão, da e@clusão, causando esti+matiz#a#ão por parte do e@clu%do 'ela nature"a da investi+a#ão trabalhamos a partir trabalho de campo e um debate interdisciplinar que teve como base o ima+in5rio social sobre o homem da Ama"<nia, o estudo da identidade social do estudante e suas representa#=es sociais 'ara tanto, utili"amos as vo"es dos sujeitos como e@pressão representativa atrav!s da auto.identifica#ão, e da sua visão sobre o outro, para isso usando como recurso metodol\$+ico ima+ens dos tr-s +rupos !tnicos predominante nos trabalhos did5tico.peda+\$+icos, acrescidos a estas, os princ%pios da pesquisa biblio+r5fica 1oram colhidas trinta e oito entrevistas de estudantes de terceira e quarta s!rie na fai@a et5ria entre nove e do"e anos de idade 7s resultados indicaram a presen#a de situa#=es conflituosas no ambiente escolar por causa da diferen#a de cor e etnia, a falta de um curr%culo que atenda a esse debate e o despreparo de docentes para lidar com tais situa#=es

Palavras-chave: 'reconceito,)iscrimina#ão, Aidentidade, *epresenta#=es, Osti+ma

RESUMEN

Este estudio investigó el prejuicio un fenómeno social percibido en las clases de las escuelas en la enseñanza fundamental en la ciudad de Boa Vista Capital del Estado de Moraima, el prejuicio étnico entre alumnos étnicamente distintos. Dos indios y sus descendientes son vistos como sujetos étnica y socialmente inferiores, víctimas vulnerables de la violencia y de la no aceptación para la vida en una sociedad no indígena, que se titula civilizada. La discriminación está cotidianamente presente en las relaciones sociales, entretanto sea disfrazada por mecanismos sutiles de evitación, pero que interfieren en el acceso del indio descendente a las oportunidades de forma igualitaria a otras etnias. Estudiamos los mecanismos de configuración del prejuicio étnico en el ambiente escolar, su relación con construcción de las identidades como también el discurso montado. Pues, en Moraima durante el proceso de intensa colonización en el siglo XX, se ha proyectado de parte del dominante un imaginario negativo de los indígenas y sus descendientes. Pensamos que esa protección negativa provoque actitudes o comportamientos prejuiciosos y discriminatorios que se concretan por medio de la verbalización, de la exclusión, causando estigmatismo por parte del excluido. Por la naturaleza de la investigación trabajamos a partir de trabajo de campo y un debate interdisciplinar que tuvo como base el imaginario social sobre el hombre de la Amazonia, el estudio de la identidad social del estudiante y sus representaciones sociales. Para tanto, utilizamos las voces de los sujetos como expresión representativa a través de la auto identificación, y de su visión sobre los otros, para eso usando como recurso metodológico imágenes de los tres grupos étnicos predominante en los trabajos didáctico pedagógicos, acrecido a estas, los principios de la pesquisa bibliográfica. Fueron realizadas treinta y ocho entrevistas de estudiantes de tercer y cuarto grado en la faixa etaria entre nueve y doce años de edad. Dos resultados indicaron la presencia de situaciones conflictuosas en el ambiente escolar por causa de la diferencia de color y etnia, la falta de un currículo que atendiera a ese debate y el des preparo de docentes para lidiar con tales situaciones.

Palabras claves: Prejuicio, discriminación, identidad, representaciones, estigma

ABSTRACT

ai he

This study investigated a social phenomenon perceived in the classrooms in the elementary schools in the city of Boa Vista, the state of Roraima's capital city, and the ethnic prejudice among students with ethnic differences. The Indians and their descendants are seen as socially and ethnically inferior, vulnerable victims of the violence and rejection for a life in a non-Indigenous society, so called civilized. The discrimination is present daily in social relations, though masked by subtle avoidance mechanisms, but it interferes in the egalitarian access to opportunities by the Indian descendant as compared to other ethnic groups; we studied the configuration mechanisms of the ethnic prejudice in the school environment, its relationship with the construction of identities as Gell's prepared speech. An oraima, during the intense colonization process of the 17th century, the dominant class projected a negative image of the indigenous and its descendants; we think that such negative projection causes prejudiced attitudes or behaviours and discrimination that are materialized through verbalization and exclusion, causing stigmatization by the excluded. Due to the

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	KK
K MONTANDO O CENÁRIO – O ETNOCENTRISMO VISIONÁRIO	
K K 'rimeiras impressões	IL
K I 7 estrangeiro de dentro	MI
K M Sobre o lugar e o sujeito da pesquisa	LN
K M K A escolarização	NK
K M I 3en5rio da diversidade sócio.cultural	NL
2. ESCOLA, IDENTIDADE E DISCRIMINAÇÃO	
I K Anterão Sócio. *representativa dos sujeitos da aprendizagem	NO
I I A construção da identidade social e o universo escolar	PO
I M)o *acismo, discriminação e o preconceito	QP
I L)e quem estamos falando	QO
3. REPRESENTANDO UMA POSTURA	
M K A escola como espaço de conflitos	SP
M I *relativizando a questão negra com a questão indígena para início de uma reflexão crítica	SS
M M 7 lugar da minoria	OM
M L Burro, feio e preconceitos socialmente construídos	KJP
M N 2m olhar sobre o outro4 diante do espelho alheio	KJO
ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS	KKS
REFERENCIAIS	KIL
ANEXOS	KMK

INTRODUÇÃO

Em os últimos anos muito tem se escrito sobre preconceito, discriminação, estigmatização e suas diversas perspectivas teóricas no intuito de compreendê-los, apesar disso, parecem ser poucas as soluções concretas a respeito desses fenômenos sociais, mesmo sendo legalmente proibido no Brasil se estivesse ocorrendo práticas sociais discriminatórias no cotidiano. Além disso, parece assumir uma dinâmica tão complexa e imprecisa, que quando se pretende responder diretamente acerca da origem ou manutenção desse problema nas relações interpessoais, inevitavelmente nos deparamos com suas várias vertentes teóricas, pautadas em aspectos da política, da economia, da psicologia, da educação, entre outros, o que torna mais difícil entender a sua manutenção. Este trabalho vem no sentido de contribuir nesse debate.

Com o objetivo geral de investigar até que ponto as relações sociais estabelecidas no âmbito da escola entre estudantes de origens étnicas diversas estimulam o preconceito e a discriminação étnica na escola de ensino fundamental, seus mecanismos, suas categorias, manifestações e consequências.

7 objetivos específicos:

- a) Analisar as manifestações de preconceito no ambiente escolar;
- b) Conhecer quais as características e quais os mecanismos de sua manutenção;
- c) Descobrir os grupos étnicos estabelecidos nas escolas;
- d) Perceber se as vítimas do preconceito étnico traem sequelas e se essas sequelas interferem na sua aprendizagem.

A pesquisa qualitativa s\$ocio.educacional tem como problem5tica a representa#ão do preconceito !tnico entre estudantes de terceiras e quartas s!ries do ensino fundamental na faixa et5ria entre 0 a KK anos de idade em Boa Vista, *oraima

7 interesse pela problem5tica do preconceito !tnico na escola se ori+ina a partir de observa#=es feitas no decorrer do nosso curso de forma#ão de professores, reali"ado entre os anos de K00P a K00S na 0scola de 1orma#ão de 'rofessores de Boa Vista, quando not5vamos defasa+em na forma#ão dos docentes de disciplinas que abordassem as quest=es li+adas >s diferen#as, sobretudo a !tnica, não somente no ambiente escolar, mas na sociedade boavistense como um todo, tendo em vista que a popula#ão do 0stado de *oraima ! formada por apro@imadamente setenta por cento de mi+rantes vindos de todas as re+i=es do Brasil, tendo seu maior contin+ente advindo do , ordeste brasileiro^K, se+uido das demais re+i=es do Brasil, com tamb!m imi+rantes da Vene"uela e / uiana An+lesa

7 interesse se refor#a tamb!m da nossa e@peri-ncia como docente de ensino fundamental que nos proporcionou conviv-ncia com alunos das mais diversas ori+ens, dessa maneira captamos al+uns discursos e pr5ticas discriminat\$rias entre os alunos) essa nossa conviv-ncia percebemos nitidamente a e@ist-ncia de discursos que os alunos *não-índios*, filhos de mi+rantes, reprodu"em a respeito dos alunos com fen\$tipo que o caracteri"a como %ndio.descendente, mar+inali"ando.os

Osse interesse inquietante aumenta quando nos deparamos com estudos te\$ricos sobre sociedade e cultura, em especial na Ama"<nia e em *oraima, durante nossa estada no curso de Bacharelado em 3i-ncias Sociais na 2niversidade 1ederal de *oraima

A tem5tica pesquisada ! movida por motivos pessoais, pois o pesquisador social antes de ser pesquisador, ele ! um sujeito inserido em seu meio, que vive e sente as

^K) ados do AB / 0

manifestações da sociedade e lança seu olhar sobre ela, a respeito dessa opinião Cardoso de Oliveira (KOOP, p. 10), nos mostra que

talvez a primeira experiência do pesquisador esteja na domesticação do olhar, porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre qual dirigimos o nosso olhar foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo.

Isso por motivos acadêmicos, que surgem a partir de debates formais travados na academia em disciplinas como Teorias Antropológicas, Identidade e Diferença de Parentescos, Antropologia do Brasil e outras, e em nosso local de trabalho

Por assumirmos nossa origem descendente fomos vítimas de preconceitos no ambiente de trabalho, no ambiente universitário e no outros ambientes sociais. Por mais que seamos acadêmicos, profissionais e militantes dos movimentos sociais, a imagem que é produzida no consciente coletivo é que o indígena e o descendente são seres sem valor, sem competências, sem dignidade.

Ao vermos entre os alunos e sentirmos essas manifestações discriminatórias em vários ambientes, fomos levados pela inquietação que é característica do professor. Pesquisador, observar mais a fundo esse fenômeno social existente em Boa Vista e propor uma pesquisa científica que pudesse contribuir com alguns esclarecimentos.

A sociedade dominante que se caracteriza por atributos advindos da cultura massificada, impõe um modelo cultural e estético que privilegia apenas aqueles que estão dentro dos padrões preestabelecidos por ela para serem aceitos e terem uma vida uniforme, deixando de lado a diversidade cultural¹ e conseqüentemente a étnica. Dessa maneira, as

¹ , o conceito da chamada política de identidade, o termo está associado ao movimento do multiculturalismo. Nessa perspectiva, considera-se que a sociedade contemporânea é caracterizada por sua diversidade cultural, isto é, pela coexistência de diferentes e variadas formas (étnica, de gênero, sexuais) de manifestação de identidade humana, quais não podem ser hierarquizadas por nenhum critério absoluto ou essencial. O mais geral, utilizado o termo para advogar uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas. SÁDVA, Eoma. Eadeu da Teoria cultural e da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 10.

minorias étnicas como os indígenas e seus descendentes ficam a margem do contexto aceitável, por possuir traços físicos, hábitos e costumes que o caracterizam como sujeito

As posturas e manifestações de hostilidade contra os índios vêm desde o começo do processo de colonização do alto rio Branco, hoje Estado de Roraima, e continua com o avanço do processo histórico. Agora com novos atores e cenários descendentes dos primeiros colonizadores, índio descendentes e novos colonizadores

Porém alguns aspectos, são consensuais nesta temática que este é um fenômeno multideterminado e que tem manifestado mudanças no seu modo de expressão no contexto da sociedade atual. Seus principais termos teóricos empregados em oposição ao preconceito tradicional, atualmente são *Racismo Simbólico* ou *Moderno*; *Racismo Aversivo*; *Racismo Ambivalente* e *Preconceito Sutil*

Estas nomenclaturas servem para expressar a ideia de que a discriminação aberta, que remete a crenças quanto à inferioridade do grupo minoritário e o distanciamento social para com os membros deste grupo, está sendo substituída por formas mais sutis no tratamento discriminatório (SANTANA, 2013, KOSL)

Procedimentos metodológicos

Os procedimentos adotados para pesquisa por se tratar de um trabalho de documentação em fontes primárias foi o método etnográfico, que consiste na descrição de determinados grupos de indivíduos^M, comunidades^L, condições e instituições, com a finalidade de obter generalizações sobre o fenômeno, abrangendo o conjunto das atividades de um grupo

^M Indivíduo é sinônimo de pessoa ou ser humano singular. Citação de Ciências Sociais, Editora 1 / V, K(Odição, maio de 1991) KOSP

^L Comunidade é uma coletividade de atores que compartilham de uma área territorial limitada como base para o desempenho da maior parte de suas atividades cotidianas. A comunidade não é necessariamente uma unidade autossuficiente (p. 31)

social particular, no caso os alunos de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, composta por cerca de 120 educandos, localizada na Zona Centro Sul da cidade de Boa Vista capital do Estado de Mato Grosso, como uma unidade concreta. De acordo com Cardoso de Oliveira (2000), essa etnografia é uma somatória do olhar, ouvir e escrever do pesquisador. Sobre esse assunto autor diz:

Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade localizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de descrever é simultâneo ao ato de pensar [...], não obstante, sendo o ato de escrever um ato inicialmente cognitivo, esse ato tende a ser repetido quantas vezes for necessário; portanto, ele é escrito e reescrito repetidamente, não apenas para aperfeiçoar o texto do ponto de vista formal, mas também para melhorar a veracidade das descrições e da narrativa, aprofundar a análise e consolidar argumentos (KOOP, p. 10)

A finalidade foi traçarmos um perfil social da escola que serviria de suporte de diferenciação entre localização de escola, classe social e nível de conflito na perspectiva da pesquisa. Dessa maneira, se fez necessária nossa presença no estabelecimento educacional escolhido, convivendo com o público em estudo.

Anuncia-se com a pesquisa de campo exploratório, descritivo combinados, que se caracteriza pela observação com o objetivo de formular questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipótese, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa mais precisa ou modificar e classificar conceito, descrever determinado fenômeno, pretende-se com a observação da vida real, coletar informações significativas nos aspectos qualitativos, essa perspectiva, etc, observa que

Essa forma de investigar, além de ser indispensável para a pesquisa básica, nos permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área do conhecimento. Ela visa criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que lá se encontra produzido (KOOL, p. 11)

A entrada em campo perpassa por vários obstáculos como uma inicial rejeição ao pesquisador, que ali é um estranho, receio por parte da direção da escola, pois a pesquisa poderia expor alguma falha na condução do estabelecimento. Precisamos saber lidar com essas adversidades, por não incorrerem em erros e inviabilizar essa etapa da pesquisa, sobre esse aspecto, eto (KOOL), faz três considerações importantes. Primeira: A aproximação com o grupo estudado deve ser gradual a cada dia de trabalho, é essencial consolidar uma relação de respeito e afetividade com o grupo; segunda: Apresentar a proposta de estudo para o grupo, estabelecendo uma situação de troca, evitando gerar situações desagradáveis e desconfortáveis; terceira e última consideração: O cuidado com questão teórico-metodológica com a temática a ser explorada, esta estando clara proporciona maior dinamismo e segurança por parte do pesquisador.

Para o registro de depoimentos individuais e coletivos usamos os recursos proporcionados pelas técnicas da entrevista, esse recurso é um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (Daly, 1975; Malinowski, 1937; Altmann, 1974; Koal, 1970; / AS] ODD, IJN) é uma conversa mais direta, efetuada de frente com o sujeito, montada de maneira metódica, clara, e espera-se dela a informação que se busca para elucidar a problemática. Em como principal objetivo a obtenção de informações oriundas do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema em questão. Para eto (KOOL), a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo, ela proporciona obter informações contidas nos atores sociais, que muitas das vezes ficam submersas na memória dos sujeitos a espera de um momento para virem à tona. Bauer; / asell (IJN), reiteram o argumento supracitado, informando que, o seu trabalho busca mapear e compreender o mundo e vida dos que eles chamam de respondentes, dizem que é o ponto de entrada

para o pesquisador interpretar e compreender as narrativas dos atores em termos conceituais e abstratos em relação a outras observações

A entrevista fornece os dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação 7 objetivo ! uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (BA20* _ / AS] ODD, IJJN, p PN)

A preparação e de realização das entrevistas balia-se pela indicação de Minayo, que chama atenção de um lado para a importância de se pesquisar as ideias como parte da realidade social, e de outro, para a necessidade de se compreender a que nas instâncias do social, determinado fato deve sua maior dependência (MA, A` 7, KOOI, p KPM)

) dentro da perspectiva da investigação do objeto, optamos pelos seguintes modelos de entrevistas (DA] AE7S; MA* 37, A, IJJM)4 entrevistas com perguntas padronizadas direcionadas a uma amostra de alunos da terceira e quarta série do ensino fundamental, seguindo um roteiro previamente discutido e testado, com a finalidade de obter respostas > s perguntas, para no momento de tratamento das informações serem devidamente analisadas, quando a reflexão se dará a partir das diferentes respostas; e entrevista com perguntas despadronizadas a serem realizadas nas atividades lúdico-desportivas e recreativas, essa técnica proporciona liberdade ao entrevistador para que direcione sua atenção para qualquer questão ou situação que considere pertinente e adequada, as perguntas podem ser feitas e respondidas como se numa conversação formal

A elaboração do roteiro de entrevista foi um processo de enriquecimento em torno do tema, e de sucessivas aproximações com os elementos que passaram a compor o elenco de questões apresentadas aos informantes-chave

Foram selecionados aleatoriamente 15 informantes-chave escolhidos entre os alunos da terceira e quarta série de cinco turmas distintas (três turmas de terceira série, e duas turmas de quarta série). Também conversas formais com seus respectivos professores

*realizamos atividades didáticas de interpretação iconográfica e de produção de textos a partir de três imagens apresentadas que eram um grupo de crianças estudantes de pele clara ou branca, um grupo de crianças negras, e um grupo de crianças indígenas. Os objetivos dessa atividade eram dois: que a criança se identificasse com um dos grupos ali apresentados, e justificasse teoricamente o porquê da escolha daquele grupo. Pois, de acordo com Penn (IJJN), Embora as imagens, objetos e comportamentos podem significar e, de fato significam, eles nunca fazem isso autonomamente. Todo sistema semiótico possui sua mistura linguística. O objetivo é que se explicita o pensamento do sujeito alvo a cerca do problema levantado

Com sequência, após o levantamento de campo, fizemos um quadro analítico que possibilitou elementos suficientes para uma visão panorâmica do material coletado, para em sequência relacioná-los > luz dos referenciais teóricos, realizando debate crítico e coeso. Para tanto, buscamos fontes secundárias, com uso de referências bibliográficas, periódicos, banco de teses, entre outros tipos de publicações. Nesta fase, procuramos ordenar os dados, para chegar a uma possível totalidade, explorando as possibilidades que se criaram com os procedimentos anteriores

Do ponto de vista histórico, a postura interpretativa dialética reconhece os fenômenos sociais, sempre como resultados e efeitos da atividade criadora, e toma como centro da análise, a prática social, a ação humana e a considera como resultado de condições anteriores, anteriores, mas também como práxis (MA, A` 7, KOOI, p 1MI)

A busca pela melhor maneira de abordar o objeto ensejou a retomada dos seus pressupostos, para estabelecer os recortes transdisciplinares por ele eivado, elencando elementos primordiais na construção das estratégias, com isso nos orientando para a construção teórica e na análise dos dados mais adequados > abordagem desse trabalho

, essa perspectiva nosso espaço social de pesquisa que a escola, vista como centro formador do pensamento e tem sua dinâmica relacionada com a conjuntura social; os modelos ideológicos empregados na prática pedagógica; a relação entre imaginário e identidade social, e sua representação, foram pontos fundamentais nos pressupostos de definição do método e dos procedimentos técnicos adotados

CP ; HGB / V

Buscamos entender a problemática relacionando as categorias de análise em um debate multidisciplinar envolvendo a Teoria das Representações Sociais, que como outrora foi dito, constitui-se em uma referência vital e indispensável > pesquisa social, fonte de recuperação de processos sociais constitutivos de uma determinada realidade, manifestando-se através de condutas, ideias, imagens e visões de mundo dos atores sociais Opressam-se através da linguagem do senso comum, e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais (Mina60, KOOI, p KQM)

vã

bre BS#

A fim de entendermos as falas dos sujeitos, a escolha da hermenêutica dialética, pareceu-nos a mais coerente com o objeto definido, para dar relevância > pr@is, o bope

Essa autora nos sugere a associação da hermenêutica com a dialética, por entender que essa é uma complementaridade possível, a partir da própria realidade objetiva, destacando que,

a reflexão hermenêutica produz a identidade da oposição, buscando a unidade perdida. Ela se introduz no tempo presente, na cultura de um grupo determinado para buscar o sentido que vem do passado ou de uma visão de mundo própria, envolvendo um único movimento, o ser que compreende e aquilo que é compreendido (Minao, 2001, p. 112)

As escolhas estão vinculadas à incessante busca que acompanha todo esse trabalho, de entender os significados, mais do que de reconstruir processos que se organizam de maneira seqüenciada, para nesse caminho, buscar na dinâmica da prática a compreensão do sentido dos fatores que compõem a dinâmica do fenômeno.

Por isso, utilizamos a hermenêutica dialética para referenciar e analisar essas interpretações, buscando entender o texto, a fala, o depoimento, como resultante de um processo social, e processo de conhecimento expressos na linguagem, e a representação social de uma realidade que se mostra e se esconde na comunicabilidade (Minao, 2001, p. 112)

Para a autora,

enquanto a hermenêutica penetra no seu tempo e através da compreensão procura atingir o sentido do texto, a crítica dialética se dirige contra seu tempo. Ela enfatiza a diferença, o contraste, o dissenso e a ruptura do sentido. A hermenêutica destaca a mediação, o acordo e a unidade do sentido (Minao, 2001, p. 112)

A dinâmica metodológica de abordagem e interpretação da descrição etnográfica, dos depoimentos, dos textos produzidos pelos alunos entrevistados de terceira e quarta série, se dará

como o debate sobre identidade social em Roberto Cardoso de Oliveira (KOSN), 1964; Lucy Kohn (KOPM), Stuart Hall (IJJN), Boaventura Santos (IJJN); com recorte teórico da teoria das representações Sociais, tendo como seus principais teóricos, Moscovici (IJJM), Selso S5 (K00P), que abordam a fundamentação teórica e metodológica das representações Sociais; concomitante faremos outros vieses teóricos, apoiada por diversos trabalhos que tratam temas similares Cavalleiro (IJJM), Araújo (IJJL), Sillar (IJJM) e Santos _ Silva (IJJN)

, o capítulo A intitulado *Montando o cenário, o Etnocentrismo Visionário*, discorreremos sobre as primeiras impressões registradas por viajantes e pesquisadores estrangeiros sobre a América e sua gente, na perspectiva de discutir o imaginário social da América, tendo o índio americano como um *estrangeiro* dentro do seu espaço social. Portanto com seu trabalho situamos o objeto no tempo e espaço, relacionando-o ao processo de escolarização colonial, e a diversidade social cultural de América

, o capítulo AA, *Escola, Identidade e Discriminação*, analisamos as interações sociais representativas dos sujeitos da aprendizagem, quando apresentamos a construção teórico-metodológica de condução da pesquisa, explicitando os conceitos utilizados e sua relação com o objeto na construção da identidade social no universo escolar, seguindo o processo de conceitualização discorreremos sobre os conceitos relacionais de racismo, discriminação e preconceito. Oportunizamos a abordagem e a trajetória dos procedimentos, como também quem são os sujeitos da pesquisa através do levantamento da classificação étnica dos alunos pelo registro de nascimento e pela auto-identificação, para em seguida no próximo capítulo analisarmos as falas dos sujeitos e a relação entre identidade e suas representações no debate sobre discriminação e preconceito

7 capítulo AAA, *Representado uma Postura*, relativos a questão negra com a questão indígena para início de uma reflexão crítica acerca das diferenças étnicas e suas abordagens quando se estuda essas diferenças no âmbito da escola de ensino infantil. Mostramos o funcionamento de nosso instrumento de coleta de informações quando usamos fotografias que proporcionaram a comparação entre grupos étnicos predominantes no processo de ensino e um modelo de entrevista semi-estruturada onde registraram sua auto-identificação e justificaram o motivo de escolha daquela etnia. Ao analisar as posturas dos sujeitos relacionamos suas falas ao lugar dado a uma minoria no imaginário social e no ambiente escolar, e as consequências desse processo de exclusão e invisibilidade.

Finalizamos e ponho a reflexão sobre a necessidade de entendermos os espaços de exclusão do índio na história, de um currículo que trabalhe as diferenças étnicas de maneira crítica, observando que a problemática do desrespeito as diferenças causa desestímulo, e estimativa o vitimado pela exclusão.

A pesquisa social qualitativa em nossa concepção tem tripla relevância que se articulam dentro do debate teórico desenvolvido no decorrer da pesquisa, na categorização dos dados coletados no trabalho de campo e na análise interpretativa desses dados.

A primeira relevância é a teórica, que contribui com a discussão acerca da problemática social pesquisada, reforçando o entendimento e reformulando novas formas de análises científicas. A Segunda é a acadêmica, pois ela nos permite enriquecimento de conhecimentos e a mudança de nossa posição diante dos fenômenos sociais. A terceira, e última relevância é a política, pois com o resultado das análises produzidas pelo pesquisador, podemos evidenciar necessidade de mudanças.

nessa maneira, acreditamos que esse debate de caráter interdisciplinar sobre esse fenômeno também pode fomentar iniciativas no sentido de entender, caracterizar e atenuar esse fenômeno sócio-educacional nessa relação que faz parte da América

1. MONTANDO O CENÁRIO – O ETNOCENTRISMO VISIONÁRIO

1.1 Primeiras impressões

7s discursos sobre Ama" < nia, sua hist\$ria, sua +ente e seu futuro sempre povoaram e ainda povoam o ima+in5rio de pesquisadores nacionais e estran+eiros, e tamb!m de simples habitantes dessas para+ens de dimens=es continentais, que no seu cotidiano criam e recriam suas vis=es de mundo. Entar entender a Ama" < nia, a partir do ima+in5rio do outro, requer de nossa parte a constru#ão de um mosaico capitulado por perspectivas dimensionais da vis=ão do Yestran+eiroZ e suas percep#=es

7 ima+in5rio pode ser definido como sendo um ato que antecipa a e@ist-ncia ou pr! . conceitua o real, se caracteri"a pela ima+ina#ão ilus\$ria e fant5stica^N, sistemati"a um con&unto de s!mbolos e atributos de um povo ou de determinado +rupo social, que se reprodu" atrav!s dos relatos e re+istros, modelando uma representa#ão daquilo que foi observado. 7 ima+in5rio ! muito mais que um produto an<nimo que um processo con+elado; nele se destacam su&eitos e n=õ ob&etos, narradores e narrativas, e portanto, se confirma como resposta de uma realidade ob&etiva, a partir do sub&etivo, representado inteli+ivelmente atrav!s da intercomunica#ão do que foi percebido (B 7 MBASSA * 7, K00Q)

3astorides (K0SJ) atrav!s do conceito de instituinte, reconceitua hipoteticamente o ima+in5rio social como ato de fala institu#da ou ato de fala instituinte como movimenta#ão de tens=ão do primeiro. 'ara esse autor, o ima+in5rio social ! possibilidade intersub&etiva de constru#ão de cen5rios tramados para apresentar uma percep#ão

^N Al+uns elementos do fant5stico4 YA transmiss=ão do pensamento, alucina#=es, catalepsia, influ-ncias m5+icas, talism=es, predi#=es. 10 ** 0A*A, Ser+io Buarque de : olanda; *on5i, 'aulo Mar de : ist\$rias *io de 9aneiro4 9os! 7 l6mpio, KONS p KL

7 ima+in5rio antecipa, podendo por interm!dio de uma vis!o primeira prender ou se confi+urar numa constru#!o libert5ria, ! aberto a novas possibilidades de sentido e desdobramentos ar+umentativos, ou se!a, os atos da fala

Searle (KOSK; KOSL), conceitua os atos da fala como objetos de v5rias dimens=es, que transbordam a materialidade e a intencionalidade da fala, ar+umenta que YfreqVentemente, o que di"emos si+nifica mais que realmente di"emos, e que falar ! uma forma de comportamento re+ido por re+rasZ, que o ima+in5rio ! Yato da falaZ e n!o Yato faladoZ, entre esses atos falados S5 (IJJJ) destaca os se+uintes4

[\ como fa"em as palavras as ve"es da coisaR quer di"er, o ima+in5rio falado ou escrito n!o ! mar+inal por parecer que nasceu apenas ao acaso, como lu@o ou e@cesso desnecess5rio e irrelativo Eamb!m ele n!o cabe na sua cate+oria de *Maktub*, isto !, de ato m5+ico ou fatalista, pelo contr5rio, ele ! espelho de e@peri-ncias com ou sem data#!o, com e sem autoria; poder5 ser tamb!m um recurso intencional, de antecipa#!o e e@trapola#!o vision5ria (Sb, IJJJ, p S0)

)ialo+ar como o ima+in5rio pode ser um e@erc%cio unilateral, diletante, sem conseqV-ncias, mas tamb!m pode ser conseqVente, en@er+ar pelas entrelinhas do ima+in5rio nos fornece uma e@peri-ncia fascinante de dubiedade do conhecimento estabelecido , essa perspectiva, notamos, ent!o, dois tipos de ima+in5rio4 um que se pauta em um saber alheio > re+i!o; e outro mesmo feito fora da re+i!o, que se pauta em fontes etno+r5ficas ou, pelo menos, em fontes mais pr\$@imas do saber e das inquieta#=-es das observa#=-es humanas

Atra#!o, fasc!nio, etnoc!dios, mitos, conquistas, descobertas, incerte"as, foram esses sentimentos que povoavam a mentalidade dos e@ploradores, bandeirantes, mission5rios e cientistas sobre a Ama"<nia no decorrer de quatro s!culos

A Ama"<nia apresenta.se no ima+in5rio social como sendo aquela re+i!o recortada por +randes rios e densas florestas C a "*Hylaea encantadora*" "*celeiro do mundo*", de Ale@ander Von :umboldt (cientista); "*A Selva*", de Ferreira de Castro (escritor); tamb!m "*A*

margem”, “*sem história*”, “*paraíso perdido*” de Oúclides da Cunha (1908); o “*Inferno Verde*”, de Alberto Maranhão (romancista); *El Dorado* (conquistadores espanhóis); *pulmão do mundo* (ecologistas contemporâneos); *counterfeit paradise* de Bettina Meyer (arquiteta); dentre outros (Silveira, 1994; S5, 1994)

Oste imenso espaço coberto por espécies vegetais diversas, traçado por rios caudalosos, se revela infernal e paradisíaco ao mesmo tempo, ainda se desconhece em muito os seus aspectos físicos, e ainda mais sobre os homens que o habitam e sua cultura

Oúclides da Cunha (1908), falava que a América selva sempre teve o dom de impressionar a civilização distante, a sociedade desenvolvida. Por isso ao longo de quatro séculos corajosos, visionários e abnegados forasteiros tentaram adentrar-se nela, entre eles expedições, religiosos e cientistas, posteriormente os viajantes involuntários^P, deparados de Portugal. Assim várias histórias ou estórias sobre a América puderam ser escritas, interpretadas e reescritas, levando em conta o imaginário ou os imaginários na última medida em que eles refletem, além do saber europeu, também saber local de experiências, e feitos duradouros registrados pelos preceptores maravilhados e ao mesmo tempo horrorizados com tal dimensão encontrada

Além dos lados técnicos e científicos dos imaginários sobre a América, redescobrimos o desafio da polissemia de outros tipos de imaginário que nos rodeiam: aquele imaginário europeu, outros mais cliterários, aquele imaginário apressado, aquele imaginário político no chão, aquele imaginário tecnocrático. Talvez haja um imaginário militante ou instituinte [\ (S5, 1994, p. 50)]

Para esses estrangeiros, a América consiste em uma unidade fundamentalmente imaginada, onde a história não conseguiu fixar marcas, simbolicamente efêmeras, isto é, a redutoras, predominando ainda, nessa visão, cenários selvagens, natureza bruta, populações anárquicas, errantes e dispersas, sem lei e sem rei (: A*) MA , , KOOP, *Apud*, SADVOLA, A,

^P AMARAL, 1979, *Viagens involuntárias de portugueses para a América colonial* : história, técnicas, SaTde Vol. VA (suplemento) SKM C SMI : maio de 1979, Manuais, 1994

IJL, p. 11) Ossas são representações predominantes do espaço amazônico evocado pelos estrangeiros. As investidas empreendidas no desenvolvimento do espaço amazônico se valem, quase sempre, enredadas nas tramas do sensacional e do maravilhoso enquanto dimensões primordiais da história das sociedades amazônicas e sua natureza insólita.

Como se constroem essas imagens e representações fantásticas sobre o espaço amazônico nesse contexto exploratório, o que, aliado a isso, em *A invenção da Amazônia* nos mostra quando afirma que a mesma,

não foi descoberta, sequer foi construída; sua invenção se dá a partir da construção da Índia fabricada pela historiografia europeia, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes () inclui-se, ainda a mitologia indiana que, a par de uma natureza variada de delícias e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se as monstruosidades animais e corporais, incluídas são somente enquanto oposição ao homem considerado como indivíduo normal e habitante de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas (/ 7 ,) AM, K00L, p. 10)

Osse imaginário social sobre a Amazônia se mostra como um desdobramento do ideal paradisiaco *colombino*, que situava o sonho renascentista do alargamento de fronteiras do chamado Mundo Novo,

As Amazonas^Q, mulheres brancas, altas e guerreiras guardiãs dos tesouros fabulosos são partes dos mundos e seres imaginados pelos europeus em suas contribuições face a esse Mundo Novo. Essa imagem é originada da mescla de relatos fantásticos, proféticos e concretos de muitos conquistadores na invenção e reinvenção das terras americanas.

^Q As Amazonas constituíam um povo formado apenas por mulheres guerreiras, que aparecem citadas em grande número de mitologias da América e de alguns povos vizinhos. Seriam originárias do Brasil, tendo atravessado as ilhas do mar do Sul e chegado na América e, fixando-se no Erimdon (3ª parte), junto ao ponto de encontro, no mar do Sul, próximo a cidade de Íris, onde estabeleceram como capital a cidade de Ehemiscra, dando o nome de *Amazonicus* ao monte mais elevado da região, e o de *Amazonium* a segunda cidade de seu território. A origem de tempos modernos a interpretação etimológica do termo *Amazona*: a e prefixo negativo feminino e peito, portanto *Amazona* significa "sem peito" (M7EE, K00J, p. 111)

Xuem primeiro se referiu >s mulheres +uerreiras da re+ião Ama"<nica foi o 1rei dominicano / aspar de 3arva&al, que percorreu o caudaloso rio desde a cordilheira dos Andes at! o AtlÚntico, entre os anos de KNLJ C KNLJ, acompanhando a e@pedi#ão pioneira do capitão Francisco de 7rellana (M7EE, K00J)

, o s!culo ?VAAA, ! a ve" do Monsenhor de Da 3ondamine dar seu depoimento, confirmando a universalidade da cren#a nas ama"onas em toda a e@tensão do intermin5vel cinferno verdeF, di"ia4

ao lon+o de minha nave+a#ão, não cessava de per+untar aos %ndios de diversas na#=es se tinham al+um conhecimento das mulheres belicosas de cujo nome o rio tirou se nome Eal tradi#ão ! universalmente espalhada em todas as na#=es que habitam as mar+ens do rio Ama"onas, at! KNJ l!+uas distante, pelo interior at! 3aiana Sempre indicavam para o mesmo lu+ar como sendo duas aldeias e sempre em suas l!n+uas chamam.nas pelo mesmo nome4 Ymulheres sem marido ou mulheres e@celentesZ (DA 37 ,)AMA , 0, KQNS, livro NM, *Apud* M7EE, K00J, p LK)

3onclui afirmando que, de fato, tais +uerreiras tiveram e@ist-ncia real, mas, em KQLM, apenas sua lembrança permanecia na mem\$ria dos aut\$ctones

7s naturalistas Spi@ e Martius em uma e@cursão pela : 6l!ia ama"<nica, pelos anos de KSKQ C KSIJ, ap\$e e@austivas per+untas a um nTmero e@pressivo de habitantes locais, como bons racionalistas do s!culo ?A?, concluem que as *cuniupuiara*⁸ não passavam de ima+ina#ão mitol\$+ica4 as lendas das ama"onas, de homens sem cabe#a e com cara no peito, ou outros que t-m terceiro p! no peito, e possuem caudas, resultado do conTbio de %ndios como macacos coat5s etc; são id-nticos produtos da fantasia dos %ndios A firme cren#a com que os %ndios contam tais lendas ! uma das fei#-es do seu car5ter, e o via&ante nesse pa&s deve ficar prevenido disso, para descontar a parte da ima+ina#ão nos fatos maravilhosos que ouviu da boca dos 'eles Vermelhas (MA *EA2S; S 'A? *apud* M7EE, K00J, p LJ)

⁸ , ome que tamb!m desi+nava as Ama"onas

A crença no *El Dorado*, um ambiente que proporcionaria riquezas inúmeras

começa a existir na aproximação mental e material da sociedade sobre ela ^ nesse sentido que /ondim (KOOL) fala sobre “*A invenção da Amazônia*”

Alumas das expressões que estiveram ligadas ao ,ovo Mundo permanecem, ainda, associadas > Ama"nia)enomina#es como *YEl DoradoZ* e *YParaísoZ* foram redecodificadas, mas ainda remetem a essa porção do território uma percepção de distância e inacessibilidade. A expressão *Y'araçoZ*, principalmente, aparece ligada não apenas > Ama"nia, mas a qualquer área que +uarde características de natureza intocada, mata virgem, rincão etc

Ossanoção de *Y'araçoZ*, aliás, vem sendo utilizada com referência > relação com um vínculo bastante freqüente como o turismo exploratório, cvenha explorar as belezas do paraíso amânico, frase vista com freqüência em anúncios de agências de turismo atualmente. A expressão *YOl DoradoZ*, muitas vezes, está vinculada > atividades econômicas, como o garimpo de ouro e/ou diamante, ou uma área que pode proporcionar muitas outras riquezas

A construção do imaginário sobre a Ama"nia, a partir do século XVIII, que era uma imagem associada ao ,ovo Mundo, o mundo distante; e não a Ama"nia, especificamente, foi estruturada, inicialmente, a partir das narrativas. As imagens eram criadas, a partir da fusão de formas e paisagens, às conhecidas com as informações obtidas a partir dos relatos sobre o ,ovo Mundo. Posteriormente, os desenhos, figuras, pinturas, enfim, a iconografia sobre o continente foi incorporado > representação anterior. Vieram ao Brasil do casal A+assi", KOQN. Muito depois, vieram a fotografia e o cinema, que se em certa medida transformaram o processo de constituição desse imaginário, não impedindo a prevalência de certas concepções formadas muito anteriormente, como a uniformidade da paisagem, a associação com a idéia de paraíso ou Ol Dorado.

Podemos considerar as visões sobre a Amazônia, pautada por duas formas de atitudes, o primeiro pelo impulso do desejo, a busca de conhecimento, e a segunda seria a prática propriamente agressiva do ato ou da intervenção colonializadora, e que implica no contato direto, físico, com esse meio em função da atração daquilo que veio buscar no ato da colonização (B20, 7, IJJI)

A imagem da floresta, da imensidão dos rios, são imagens geralmente desumanizadas, nesse modelo de visão não se vê o homem Amazônico como humano, e sim como parte integrada da natureza, paralelo ao animal ou plantas, com essa associação! representada a Amazônia aos olhos europeus. Seus relatos fabulosos falavam de povos estranhos, seres monstruosos, e terras igualmente fantásticas, nas quais podiam

Ossas narrativas de viagens nos proporcionam, acima de tudo, perceber como a América foi revelada ao Velho Mundo, imortalizando-se, recriando novas imagens através da palavra escrita, que no século XVIII e XIX, na era da modernidade, tem uma nova estética

1.2 O estrangeiro de dentro

, o período que se inicia no final do século XVIII, e percorre todo o século XIX, acontece uma nova modalidade de expedições, agora as de cunho científico, muito diferentes daquelas realizadas por expedicionários, marinheiros e cronistas, esse período, o mundo do conhecimento se pauta na racionalidade e no empirismo, momento em que a ciência refuta muitas verdades tidas como absolutas. Nesse contexto histórico e com esse referencial de cultura da modernidade europeia e estadunidense, que os viajantes do século XIX desembarcam na América do Sul, e na América, que já tinham notícias pelos relatos dos viajantes dos séculos XVIII e XIX

Referenciada a natureza e os interesses dos novos expedicionários, observamos que o motivo principal teve como protagonista a ciência geradora de capitais. Segundo Koon (Koon), os viajantes do século XIX partiam geralmente da Europa ou dos Estados Unidos da América. Foram cavalheiros estudiosos anunciadores de um novo tempo, um tempo em que a sociedade ocidental estava vivenciando, a ruptura com os velhos paradigmas inserindo os lugares insospitados a lógica do capitalismo expansivo

Episódio concreto e até emblemático de acontecimento apontado para a imperiosa necessidade do domínio tecnológico sobrepor-se de tal maneira sobre a natureza, aconteceu na América, no último quartel do século XIX e primeiras décadas do século XX. Foi a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. A materialização deste episódio contrariou toda a lógica capitalista, podendo até mesmo ser entendido como uma espécie de desafio que o sistema capitalista teve que enfrentar, não admitindo nem de longe a possibilidade de sair derrotado por uma floresta habitada por selvagens. Afinal de contas o projeto havia sido originalmente pensado em

Dondres, centro mundial do capitalismo, num tempo em que as ferrovias simbolizavam o poderio do sistema e a possibilidade de interligar ao mundo civilizado (idem, p. 10)

7 percussor desse novo modelo de exploração foi Damião que teve como missão dar conta de um debate que cercava a academia no século XVIII, a forma exata da terra. Já viajem de Damião > América inaugura um novo período de descobertas no continente, vultose o surgimento de um interesse realmente científico pelo Novo Mundo, aliás como pelas outras partes do globo, ainda desconhecidas (Machado, 2001, p. 15)

Damião mostra-se contraditório com algumas afirmações feitas em seus relatos, sem dúvida desfeita a lenda do rio de ouro na América, atestada por Cristóvão da Cunha, cronista da exploração de Pedro Álvares em 1500. Mas reitera o mito das mulheres guerreiras, lenda essa criada por Gaspar de Barbalho, em 1500, dessa maneira se igualando aos intrépidos aventureiros do século XVIII.

95 outro viajante, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, em sua *“Viagem Filosófica ao Rio Negro”*, mostra uma postura estritamente científica, não deixando margem e nem espaço para um raciocínio que não fosse totalmente baseado e fundamentado em termos estritamente racionais como cobrava a exploração > época. Já a riqueza da região, seu objetivo era fazer um inventário das potencialidades econômicas a serem exploradas pela metrópole, e, para se alcançar tal resultado, bastaria aplicar os resultados da pesquisa. Exploratória

^ importante frisar que, apesar das duas explorações terem estritamente cunho científico, ambas carregam em si a lógica colonial da expansão e domínio que ainda imperava no século XVIII.

Costa (K00N) diz que Da Bondamine, alia em sua conduta profissional, como pesquisador, um misto de ciências e, ao que tudo indica, de crença ainda no maravilhoso. A conduta de Alexandre Rodrigues Pereira foi marcada por ideias políticas colonialista com a metrópole

Se o século XVIII motivou a vinda de apenas duas expedições científicas à América portuguesa e outra francesa à Índia, o mesmo não pode ser dito do século XIX. O início do século XIX coincidiu com a redescoberta do Brasil e a reabertura americana, a meados do século XVIII, deu origem de ser o “Paraiso do Naturalista”, segundo o viajante inglês James Cook; alter Bates, para transformar-se no paraíso científico dos naturalistas. A reabertura passou a ser rota obrigatória para todos aqueles que queriam participar, pontualmente, dos debates e das últimas descobertas científicas do seu tempo (idem, p. 101, título do autor)

Entre os inúmeros viajantes naturalistas que tiveram a América como parte de seus roteiros de pesquisa, destacamos alguns nomes importantes que proporcionaram analisar suas visões sobre a Índia e sua gente, são eles: os alemães Spix e Martius (KSKQ e KSIJ); os ingleses James Cook; alter Bates (KSLC e KSN0) e Alfred Russel Wallace (KSLC e KSN1); e o casal suíço Louis e Elisabeth Agassiz (KSPN e KSPF). Como se tratava de pesquisadores que usavam a etnografia como instrumento de pesquisa, era de fundamental importância fixarem residência nos lugares e cidades por onde atracavam suas embarcações, com isso alicerçavam os primeiros referenciais de construção de uma visão americana.

Em princípio, o trabalho desses pesquisadores era o de catalogar o maior número de achados científicos naturais possíveis, remetendo a suas agências fomentadoras nos Estados Unidos e Europa. Embora se preocupavam em descrever os hábitos, costumes, religiosidade, arte, divisão de tarefas na produção, entre outras manifestações do homem da América. Mas o que se observa são construções de olhares, reflexões e observações etnográficas sobre o que se viu paralelo a suas pesquisas.

Estes olhares, mediados por interesses, foram também permeados por uma perspectiva crítica, tendo como referência, para essas análises, o seu mundo de 7 rios e 7 olhares desses estrangeiros sobre a região não foram inócuos e muito menos neutros, pois os viajantes tinham, nas cidades e lugares por onde passaram, interlocutores. Muitas de suas observações, coincidem, em maior ou menor grau, com os interesses de alguns setores visados em transpor os limites que a região e seus habitantes eram portadores (37 SEA, KOON, p. MP)

^ claramente percebido no conjunto dos relatos dos viajantes discursos sobre a temática da mestiçagem e seus efeitos, materializam de maneira contundente essa problemática, a partir da ética estrangeira, mostram-se perplexos e ao mesmo tempo encantados com tanta diversidade étnica e suas imbricações. A América assumiu matizes especiais, por causa do que eles chamavam de degradação do Índio e também pelos problemas relativos aos sucessivos processos de mestiçagem envolvendo as três matrizes étnicas: o branco, o negro e o Índio.

Para a maior parte dos viajantes pesquisadores, o homem da América era um empecilho ao desenvolvimento da região por o considerarem um intruso em terras tão belas, e de raça inferior, um não humano.

Ao penetrarem nos rios, furos, rios; ao adentrarem nas densas florestas, chegando mesmo, repetidas vezes, a habitarem nas pequenas vilas, lugares e cidades, onde muitas vezes escreveram em suas anotações de pesquisa ou o resultado de um dia de trabalho, esses homens depararam-se com parte da população humana local. Os homens americanos mereceram a atenção destes estrangeiros, muito mais como objeto de análise de suas investidas, do que na condição de seres humanos que eram (37 SEA, KOON, p. MO)

Em sua *“Viagem Pelo Brasil”*, Martius e Spiro, ao se depararem com o elemento humano americano, referem-se a estes status de inferior, de raça rebelde, bárbaros. Para eles, eram como sociedades incompletas, sendo que faltava ali o Estado, sem escrita, sem história. Damentam que as organizações pela América e pelo Estado a fim de civilizar os selvagens não surtiram o efeito esperado,

, em os sentimentos cristãos dos reis nem a bem intencionada disposição dos estadistas, nem a proteção da A+reia puderam levantar os Índios do /rão. 'ar5 do estado de selva+em em que foram encontrados, para os benefícios da civili"a#ão e do bem.estar cívico; como dantes permanece como ra#a rebai@ada, sofredora, sem si+nifica#ão no con&unto dos outros, &o+uete dos interesses e da cobi#a de particulares, um peso morto para a comunidade, que de m5 vontade o suporta Sim, da sua perman-ncia no mais bai@o +rau da civili"a#ão e da circunstÚncia de não se conservar quase em parte al+uma entre as outras ra#as humanas uma famÍlia de Índios puros, durante varias +era#=#es, a conclusão triste que se deve tirar ! que o Índio, em ve" de ser despertado e formado pela civili"a#ão europ!ia ao contr5rio sofre dela como do veneno lento que acabar5 por dissolv-.los e destru%.los totalmente (S'A? e MA*EA2S, KOSK V M, p IS)

, o convívio com alguns Índios Martius e Spi@ presenciaram situa#=#es cotidianas do universo cultural, defrontando suas vis=es do YBom Selva+emZ, refor#ando a ima+em ne+ativa do Índio A antropofa+ia dos *Miranhas* foi o ponto crucial dessa mudan#a, que en@er+a em princÍpio uma r5pida aprecia#ão da diferen#a para posteriormente lan#ar sinais de intolerÚncia,

as mulheres dos Miranhas se ocupam incessantemente com essa delicada parte do seu lar, e tamb!m saibam confeccionar artísticos tra#ados, nunca se lembraram, entretanto, de fa"er pe#as do vestu5rio de si mesmas Olas sempre andam vestidas no tra&e da inoc-ncia, mas sempre cuidadosamente pintadas, em ve" de roupa &mpressionou.me aqui tanto mais essa nude", porque &ul+uei notar nesse se@o al+uns impulsos superiores Ao passo que os homens se entre+am > mais despreocupada ociosidade, as mulheres são incans5veis no incessante labor dom!stico e at! mostram bondade especial nos seus esfor#os contÍnuos de nos preparar comida melhor e na compai@ão por nossa doen#a Xuase quero acreditar que o se@o mais fraco possua em menor +rau a disposi#ão e o temperamento dos aborÍines americanos, e por isso, mais facilmente ser5 possÍvel lev5.los > civili"a#ão

Onquanto os homens se dispersam para ca#ar ou para pescar, ficam as crian#as sob os cuidados da mãe, e esse momento ! de educa#ão, se ! que se pode chamar assim a ocupa#ão tola com os pequenos seres e+o!stas Di#ão de moralidade, mesmo simples bons modos, não se acha aqui; quando muito, um adestramento para a subsist-ncia entre os outros [\) efer-ncia, mod!stia, obedi-ncia, desconhecem. nas tanto as crian#as, quanto os pais (idem, p IML)

Mediante essa ar+umentação supracitada, percebemos que desaparece do ide5rio dos naturalistas toda a concep#ão de &bondadeF que antes de conhec-.los mais de perto lhe atribu%am, dando lu+ar ao *mal selvagem* em sentido e@pandido, que não se resume apenas em

ser um elemento humano estúpido, mas também indolente, ignorante, rude, pervertido, sem asseio. Beirando o estado de bestialidade

A sublimidade referenciada pelos aspectos paradisíacos de uma natureza intocada, pensada pelos naturalistas na sua percepção visionária, é barrada por uma realidade que os expõe a uma natureza cheia de percalços que os transportam a sensações opostas. A mistura de calor excessivo com umidade, picadas de insetos, chuvas, animais ferozes, inadaptação a culinária, e doenças como a malária, fazem com que essas sensações provoquem um mal-estar diante do *inferno* encontrado. Impresos diante da magnitude da floresta, seus perigos e estranhezas. Somando-se a todas essas adversidades naturais que de fato tinham de tudo para serem pivôs da perda de empolgação dos pesquisadores, aparecia a imagem negativa dos índios degenerados que potencializam a imagem de uma natureza ameaçadora. *A consciência de pertencer a um mundo considerado 'civilizado' os faz sentirem agredidos por aqueles que representam a alteridade* (MORAES, 1975, p. 112)

Do mesmo modo que a natureza brasileira se oferecia ao enriquecimento da pesquisa naturalista, a diversidade étnica dos seus habitantes prestava-se para ampliar o conhecimento acerca dos povos europeus e das raças humanas. No entanto, os diferentes tipos humanos encontrados nos trópicos são classificados pelos naturalistas segundo ideias maniqueístas de degeneração e perfeição, deixando sobressair sua convicção da superioridade da caucasica no contexto da escola evolutiva dos homens (idem p. 113)

A observação sistemática de povos indígenas no Brasil, fundamentada no evolucionismo de cunho etnocêntrico, segundo Disbois (1975) se deveu a Spiro e Martius. Mas critica a falta de sensibilidade em enxergar o índio fora do cerco etnocêntrico europeu que imperava no século XIX. Seus critérios investidos se pautavam na perfectibilidade moral, física e na capacidade de poder ou de se civilizar.

7s pesquisadores, pela sua insensibilidade racionalista não percebiam diferenças entre os povos, Yas feições da maioria dos grupos indígenas tinham pouca distinção entre um grupo e outro, parecendo todos dominados pelo que eles chamam de traços gerais da raça. Para eles, a ausência de traços individuais seria sinal da falta de desenvolvimento, um atraso no processo de evolução humana. Sendo a dúvida os indígenas são humanos ou não, essa questão, os índios vivem do lado de fora da sociedade humana, sendo fortemente conduzidos por instintos animais e dotados de uma alma definida

[\ a insensibilidade dos naturalistas diante das complexas relações sociais intrínsecas a uma sociedade colonial escravocrata para aqueles estudiosos tanto os índios quanto os etíopes e mestiços revelam uma timidez velada diante do branco, bastando um simples olhar deste e mesmo a sua presença para os amedrontar, de forma que um branco poderia em tese governar tacitamente centenas deles (idem, IJLL, p. MK)

Ao mesmo tempo em que denegam a imagem do índio como um ser degenerado, criticam aspectos da colonização e catequização com o objetivo de civilizá-los, desrespeitavam, escravizavam e assassinavam os índios. Reconhecem que a decadência moral e física, a uma política civilizadora que não deu certo pela incompetência dos jesuítas e do Estado (DASB 7 A, KOOL)

A degeneração dos índios se confunde não apenas pelas ausências de traços físicos e cultura material e imaterial, bons modos, vestimentas, etc., que insira o homem selvagem num tempo histórico, pois de acordo com Spiro e Martius, o elemento índio pertence a *não-história*, não tem passado, presente e nem há de ter futuro

A tese de a raça americana ser um ramo atrofiado do tronco da humanidade! assim encampada por Martius, enfatizando que a decadência moral e física da população indígena teria sido causada muito mais por caprichos da natureza do que pela colonização. Para Martius, sendo o primeiro fundador da civilização o domínio dos homens sobre a natureza, o vale de seres humanos da paisagem brasileira, não pode ser preenchido por índios. Os naturalistas defendem o processo civilizador ser este conduzido pela Raça caucasica. Entendem ser a irradiação da civilização, iniciada no Oriente, a grande disseminadora de cultura devendo, mais cedo ou mais tarde, atingir a América (M0) 0A* 7S, IJLL, p. ML)

7 5rduo caminho que as ra#as no Brasil deveriam se+uir tinha a misci+ena#ão como uma via ine@or5vel. A presen#a do branco representava a verdadeira salva#ão que condu"ia a superioridade sobre os demais tons de pele. Quanto mais claros os su#eitos, mas dotados e inteli+-ncia e perfei#ão de acordo com Spi@ e Martius.

Essa posi#ão em rela#ão > misci+ena#ão, como sa#da para purificar o homem da Ama"cnia, atrav!s do matrim<nio, foi defendida pelo in+l-s : enr6 Bates, o e@term#nio da ra#a ind%+ena estava dado, s\$ que o meio para atingi-lo seria atrav!s dos processos constantes, sucessivos e ininterruptos de maci#as mesti#a+ens.

A infle@ibilidade de car5ter do ind%+ena e sua total incapacidade de se adaptar a novas situa#=es irão causar, infalivelmente, a sua e@tin#ão, > medida que forem aumentando as levas de imi+rantes. Todos eles dotados de uma or+ani#a#ão mais fle@ível e a civili#a#ão for avan#ando pela re+ião Ama"cnica (BAE0S, KOSO, p. LJ).

Bates se+ue ar+umentando que a e@tin#ão dos ind%+enas seria um evento positivo para a re+ião, se+undo ele, não +eraria lamenta#=es ou condol-ncias, muito pelo contr5rio, pelo fato dessa popula#ão não estar +enuinamente adaptada a essa re+ião, entendendo-os como intrusos. Como as diferentes ra#as se misturam facilmente, tornando-se muitas das ve"es ilustres cidadãos brasileiros os descendentes de brancos e ne+ros, h5 pouco motivo para lamentar o destino de ra#aZ (idem, KOSO, p. LJ). 9ustifica

7pondo-se >s perspectivas te\$ricas de Bates e de Spi@ e Martius, o in+l-s Alfred ; allace (K0Q0), ao referir-se > popula#ão ind%+ena, teceu coment5rios mais "humanos" em parte de sua narrativa intitulada "Dos aborígenes da Amazônia". Onaltecia os %ndios do Vale Ama"cnico, di"endo que pareciam superiores, tanto no aspecto f%stico, quanto na inteli+-ncia, em rela#ão ao que vivem no Sul do Brasil, e > maior parte dos outros povos ind%+enas da

América do Sul, mostrando até certa nobreza corroborada com suas afirmações o príncipe Adalberto da Rússia (K000), que passou pela América entre os anos de KSLI e KSLM, ele registrou em suas obras a surpresa e admiração que sentiu a este respeito, em virtude da enorme superioridade desses últimos em relação aos primeiros, especialmente quanto ao porte físico mais belo e robusto e > índole mais pacífica

; aliás, ao deixar claro sua visão positiva em relação aos índios americanos, criticou os viajantes que analisaram os modos de vida e de cultura dos que habitam os arredores das cidades e a partir daí generalizam as características ali encontradas, como se fossem iguais > de todos os indígenas existentes na região americana (37 SEA, KOON, p. 10)

Para aliás, esse homem americano estaria longe de ser um sujeito degenerado, reinterpreta o conceito de degeneração de Martius, levando a crer que a degeneração não estaria no índio enquanto raça, e sim, quando o mesmo, era, por qualquer motivo, obrigado a entrar em contato com a chamada civilização. Para ele, os indígenas foram obrigados a residirem,

nas vilas, nas aldeias da civilização, () perde[m] a maior parte de seus costumes típicos, modificando seu estilo de vida, sua arquitetura, seus hábitos, sua linguagem, adquirindo os preconceitos da civilização e adotando os ritos e cerimônias das religiões católicas romanas. Tornam-se um ser diferente daquele que constitui o genuíno habitante da selva (; ADDA30, K000, p. 10K)

Compartilham da concepção de superioridade étnica eurocêntrica dos caucasianos e do preconceito em relação aos indígenas brasileiros, o casal Douis e Olinabeth Aassini, seus, > serviu dos Estados Unidos, que estiverem na metade do século 19 na América. Opressam em seus relatos, > vezes afáveis, mas na maioria das vezes ásperos, as características gerais sobre o homem da América e sua vida cultural.) deixam claríssimas as ideias de inferioridade das populações americanas

A êpedição pela América deu destaque > atividade científica de Agassiz e reforçou as estratégias de legitimação de suas teorias raciais e biológicas. Suas observações sobre a mestiçagem brasileira apóiam sua opinião de que as raças não devem se misturar, e fortalecem o campo político de parte da elite norte-americana que previa a sobrevivência dos negros.

Douglas Agassiz estudou com material deixado por Spix, após sua morte. Como Martius e Spix, ele foi educado numa atmosfera impregnada pela *Naturphilosophie* e pelas obras científicas de Goethe, as duas grandes referências científicas de Agassiz foram Alexander Von Humboldt e Georges Cuvier. Como Humboldt, Agassiz herdou a preocupação com a distribuição geográfica dos animais e o amor pelas viagens; de Cuvier, os métodos de trabalho da anatomia comparada e as crenças na "fidelidade" das espécies e na teoria dos grandes cataclismos que revolucionaram o planeta (Lima, 1998).

O método de Agassiz não apenas separa as observações culturais das explicações científicas, como parece considerar as primeiras menos sérias que as segundas. O pitoresco adquire o sentido de ameno e agradável; o científico é grave e difícil.

No início do século XIX, os naturalistas haviam passado a separar os textos considerados puramente científicos das narrativas de viagem. Estas poderiam interessar a um público culto mais amplo do que aos especialistas em história natural. Mas, apesar dessa distinção, os relatos de viagem eram escritos pelos próprios naturalistas, e os detalhes sobre costumes e as descrições das paisagens faziam parte da própria compreensão do mundo e da natureza.

Em dezembro de 1845, Olinde Rodrigues Agassiz fez a seguinte avaliação dos resultados, ainda parciais, da expedição: As seis semanas que acabamos de passar foram muito

proveitosas, do ponto de vista científico, não só A+assi" aumentou seus conhecimentos sobre os peiões, como teve ocasião de acumular uma soma de fatos novos e interessantes sobre as numerosas variedades produzidas pelo cruzamento de índios, pretos e brancos, e pode montar >s suas notas uma série bem completa de fotografias (A / ASSAW, KOQN, p. KSI) Assim, a Ama<nia foi palco de coletas para a "oolo+ia criacionista de A+assi", mas também funcionou como contra-emplo cultural e racial e ser evitado pela América do Norte ([2 * ` , IJK, p.KPL) .

7 Elemento índio . pobre e deprimido, para o casal A+assi", ! o responsável de uma classe híbrida sem expressão Ao contrário de Bates, não acreditavam que a miscigenação com outras matrizes étnicas daria resultados tão positivos, pois se tratava de uma população com aspecto débil e muito fraco) i"ia que na Ama<nia o problema parecia bem mais impressionante que no Sul do Brasil

7 contato dos A+assi" com as populações locais, apesar de afável, foi marcado por esse sentimento de tranquila superioridade Olinabeth, por exemplo, descreveu um casal de índios mundurucu, que os acompanhou de Manaus a Manaus, como se buscasse distinguir neles algum traço humano

'oder.se.ia crer que as tatuagens desses índios fariam necessariamente desaparecer todo traço de beleza física Isto não se dá com o casal que temos diante de nós 7s traços são finos, o arcabouço ! sólido e firme, mas não pesado, e no seu porte há mesmo uma dignidade passiva que se nota apesar da tatuagem , não conheço nada mais calmo que a fisionomia do homem; não ! uma estupidez obtusa, pois o olhar ! observador e denota saciedade, mas conserva uma expressão de tranqüilidade tal que não se pode imaginar que tenha ou possa ter alguma vez outra diferente (A / ASSAW, KOQN, p. KOP)

2ma das maiores preocupações de Douis A+assi" com relação >s raças que considerava inferiores era a possibilidade da mestiçagem) urante sua estada na Ama<nia, pôde observar diversos cruzamentos raciais que nunca tinha visto antes As observações eram

facilitadas, segundo ele, pelo fato de grande parte do que chama de população inculta andar seminus. O casal A+assi" ficou bastante impressionado com as possibilidades existentes para os estudos raciais na América. Oli"abeth afirmou:

Em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão facilmente

A+assi" e sua mulher parecem um tanto chocados, não apenas com a mesti#a+em propriamente dita, mas tamb!m com a aceita#ão pela sociedade de pessoas de todas as cores) urante sua estadia em Manaus, o casal teve a oportunidade de ir a um baile, oferecido em homena+em a Eavares Bastos Oli"abeth fa" o se+uinte coment5rio quanto aos participantes da festa4

Ora +rande a variedade de toaletes; sedas e cetins ro#avam.se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades, do ne+ro ao branco, sem contar as cores acobreadas dos %ndios e dos mesti#os , ão h5 aqui, com efeito, o menor preconceito de ra#a 2ma mulher preta h admitindo.se, &5 se v-, que se!ta livre h ! tratada com tanta considera#ão e obt!m tanta aten#ão quanto uma branca (idem, KOQN, p KQL)

A re+ião apresentava, nas palavras de A+assi", Yo sin+ular fen<meno de uma ra#a superior recebendo o cunho de uma ra#a inferior, de uma classe civili"ada adotando os h5bitos e rebai@ando. se ao n%vel dos selva+ensZ adotando a id!ia de evolu#ão A solu#ão para a civili"a#ão do Ama"onas seria o incentivo > imi+ra#ão de uma classe mais morali"ada que colaborasse com o processo de e@tin#ão dos indolentes, pre+ui#osos, e selva+ens

Suas observa#=es sobre a mesti#a+em brasileira ap\$iam sua opinião de que as ra#as não devem se misturar, em nome de uma cra#a puraF com todas as qualidades advindas dessa pure"a *ecuperavam um discurso que fortaleceu o campo pol%tico de parte da elite norte. americana que pre+ava a se+re+a#ão dos ne+ros Ole di", e@plicitamente4 YAqueles que p=em em dTvida os efeitos perniciosos da mistura de ra#as e são levados por falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao BrasilZ (A / ASSAW, KOQN). Sobretudo na Ama"<nia onde perceberam o fen<meno da mesti#a+em mais n%tido

As conclus=es pautaram.se no processo de mesti#a+em brasileiro, e suas conseqV-ncias que, para eles, seriam nefastas , ão queria ver nos Ostados 2nidos fen<meno semelhante ao observado no Brasil, sobretudo na Ama"<nia, &5 Yque essa mistura apa+a as

melhores qualidades, quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produziu um tipo mestiço indescritível, cuja energia física e mental se enfraqueceu. Esse modelo de hibridismo queria evitar na metrópole

7 contato com a Ycivilização sempre produzia consequências perniciosas, que por si só condenava o índio a um destino manifesto, um extermínio físico e cultural que se notou extensivamente ao longo dos séculos ?A? e ??

1.3 Sobre o lugar e o sujeito da pesquisa

, essa análise situa a construção do objeto no tempo e espaço. A análise procura traçar uma trajetória da ocupação e das ações de seus personagens, que se inicia a partir da segunda metade do século ?VAA

A falta de braços para a lavoura e outros serviços na América oriental deu origem a uma economia da caça ao índio, no alto rio Branco e seus afluentes. Em contrapartida, a igreja católica aumentava grandemente de indígenas para a catequização. Sertanistas portugueses sediados em Belém e Maranhão entravam em constantes atritos com religiosos, principalmente os jesuítas, por causa dos rumos que deveriam ter os índios aldeados (*OAS, KOSO) Os cravados ou catequizados.

Mais que uma disputa por mão-de-obra, segundo Hurtado (KOSO), era uma luta entre dois sistemas incompatíveis: o escravismo e a agricultura escravista, ficando esta confinada, pelas dificuldades enfrentadas, inclusive a de adquirir escravos africanos, para o Maranhão e áreas mais próximas do delta amazônico. Ambos sistemas dependiam inteiramente dos índios, como identifica Larae (KOOK), dos índios dependiam não só a extração das drogas do

sertão, como também todos os outros serviços voltados para a vida cotidiana dos colonos, eram eles os remeiros, os mateiros, os pescadores, os caçadores, carregadores, as amas-de-leite, as farinheiras

Durante o processo de ocupação do território da Amazônia, tropas holandesas, inglesas e espanholas andaram pelo rio Branco, a principal via de acesso para exploração, antes da chegada dos portugueses. Em 1650, os portugueses tomaram posse da área, onde as missões de vicaria vão sendo implantadas no baixo rio Branco. De acordo com Lara e (KOOK), as expedições portuguesas no rio Branco se fazem presentes nos antecedentes históricos, no século XVIII. Com KPOI, planeja-se a articulação política para aldeamentos na região do rio Branco, quando a Câmara de Belém solicita do governo português que a região seja ocupada pelos missionários, e um ano depois a solicitação foi atendida, e os padres carmelitas foram escolhidos para essa missão

Os missionários carmelitas tinham como missão transmitir a formação cristã, desde então os valores étnicos entre as populações indígenas passam a ser atredidos com a incorporação da cultura europeia, marcada por uma aprendizagem imposta e distorcida do universo cultural do qual esses povos pertenciam. A missão dos carmelitas em KQJJ era guardar as fronteiras do império das infiltrações espanholas e convencer os *silvícolas* a trabalhar para eles

No século XVIII, os missionários acompanharam os militares portugueses para aldeamentos dos índios, no século XIX, as Carmelitas e Jesuítas atuaram no rio Negro e estenderam as viagens até o rio Branco, e por ocasião da disputa de fronteiras com a Inglaterra foram enviados missionários para batizar os índios e atestar os limites do Estado (SA, EADDA, KOSO)

A formação cristã, segundo Brandão (IJJL), garantiu mão-de-obra escrava e expansão das fronteiras brasileiras, esta pretensão nasce no século XVII e estende-se ativamente até o século XVIII, e tem marcado em suas etapas históricas as relações de poder entre Igreja Católica, fazendeiros e índios. A Igreja, por sua vez, tinha como proposta o ato de *civilizar* os índios para transformá-los em cristãos produtivos, a partir de sua visão prático-capitalista, e obedientes > palavra de Deus, mediante as estratégias de ocupação, é evidente que as missões religiosas contribuíram significativamente para a dominação europeia na região do Rio Branco, neste sentido, o ato educativo torna-se instrumento para submeter e dominar um povo sobre outro.

Os padres celebravam o batismo que, por sua vez, atingiu, sobretudo, as crianças, talvez porque os adultos necessitassem de catequizações, previa quando os mesmos demonstrassem certo domínio de conhecimento. Nessa relação de formação ideológica entre índios e a Igreja teve como resultado o índio escravo.

Neste contexto, verifica-se que o procedimento do governo para ocupar as terras brasileiras, era planejado junto > as missões religiosas, a relação de contato se dava através dos ensinamentos cristãos. Aceitação de alianças e principalmente mão-de-obra escrava, que mais tarde serviria como alicerce para a construção do Forte de São Joaquim, entre as margens das confluências dos rios Jacu e Jaricoera em KQN, usado para combater as tropas inglesas e espanholas.

É que no futuro seria a fazenda, o Vale do rio Branco, chamado de fazenda de Nossa Senhora do Carmo, iniciou-se com a formação de três fazendas reais > as margens do rio Branco. A primeira das fazendas criadas, a de São Bento, na margem esquerda do rio Branco, nasceu da iniciativa pessoal do então governador e comandante do forte de São Joaquim, o alferes José Sarmiento, fundou a segunda fazenda, a de São José. A terceira, a Trina

fa"enda ainda e@istente, a de São Marcos, foi fundada por 1reire dF^vora, tido como senhor de +randes posses (* 0AS, KOSO)

Com a funda#ão do forte de São Joaquin e a implanta#ão das *fazendas reais*, os campos do rio Branco estavam incorporados ao projeto ama"cnico iniciado por Marqu-s de 'ombal de ocupa#ão e dom#nio. A cultura do +ado e a fortale"ia fi@aram ali um pequeno +rupo de ori+em europ!ia, se impondo ao ind#ena, habitante secular daquela re+ião, dando ori+em a um setor social e pol#tico de relev#ncia para posteridade, as *fam#lias tradicionais*. Com o avan#o da coloni"a#ão, estabelecem-se rela#=es de poder entre dominado e dominador, nas quais o ind#ena era subordinado pelo peso b!lico dos invasores. , essa situa#ão favor5vel ao estran+eiro, membros do contin+ente militar de bai@a patente, obri+ados a permanecer no local por tempo indeterminado, se casam com #ndias, formando fam#lias, o que era YfacilitadoZ pelas autoridades (SAM7, AA, , IJK), enquanto os militares mais +raduados, quase sempre oriundos do , ordeste do pa@s, trou@eram suas fam#lias

7s descendentes nascidos da rela#ão entre "*branco com branca*", se tornaram fa"endeiros, privati"ando as terras das fa"endas reais (BA**7S, K00N), incorporando novos elementos sociais, como o modelo educacional.reli+ioso europeu"ado. Onquanto isso, os descendentes da rela#ão entre "*branco com #ndia*", se tornavam os empre+ados dessas fa"endas +eralmente como vaqueiros, servi#ais dom!sticos e trabalhadores bra#ais

Com a passa+em do s!culo ?A? para o ??, ori+inaram +rupos familiares que ainda t-m prote#ão social em *oraima, as &5 ditas, Yfam#lias tradicionaisZ4 fam#lia Brasil, fam#lia Ma+alhães, fam#lia 3ru", fam#lia)ini", fam#lia Mota e fam#lia Saldanha, as mais destacadas. 7 correu assim, como em tantas outras partes do Brasil, um processo t#pico de estrutura#ão de uma sociedade patrimonial

A partir do século XVIII, os monges beneditinos iniciaram suas atividades catequéticas como grande desafio, que culminou em desenvolver um sistema de aldeamento educativo nas comunidades indígenas, para os índios indígenas através de internatos agrícolas para civilizados.

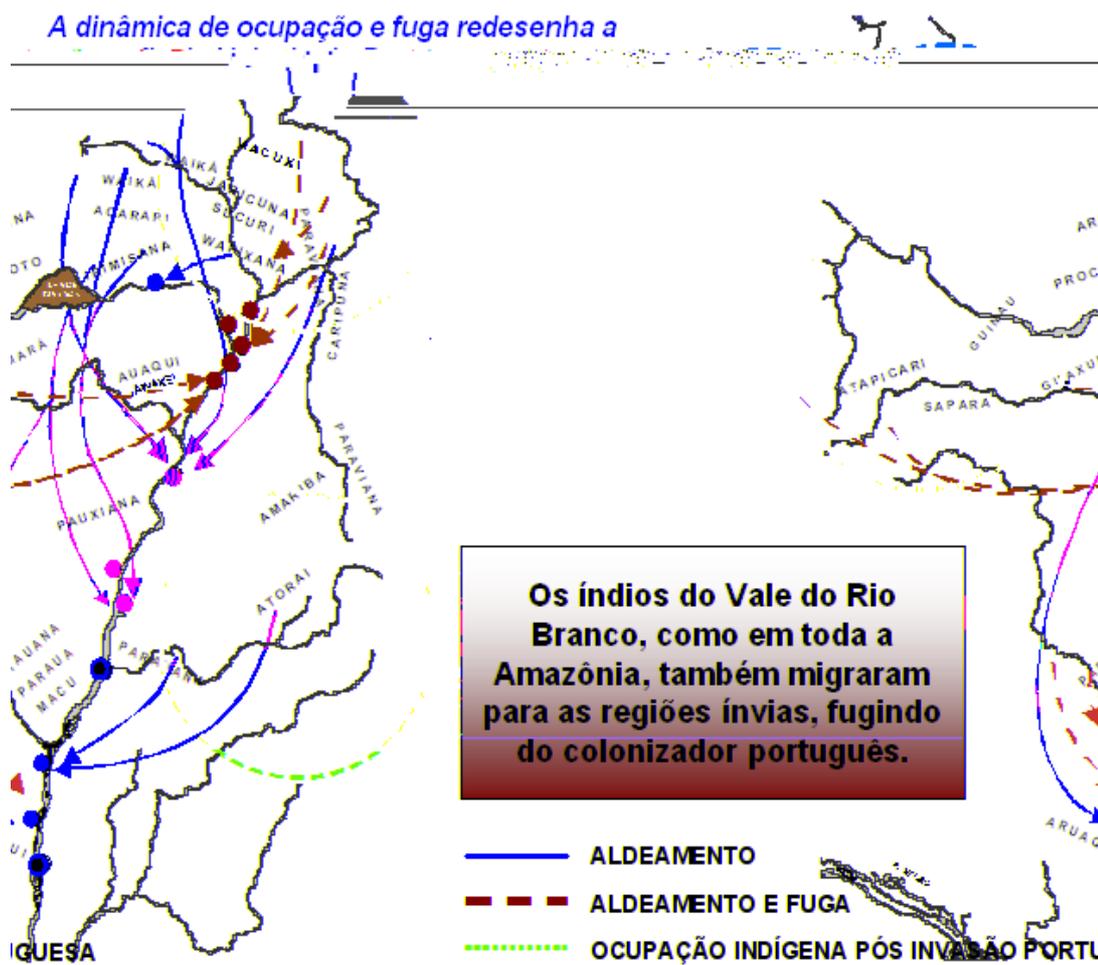
Apesar dos beneditinos não possuírem experiências com os povos indígenas, estes eram ousados e percorriam aldeias nos vales dos rios, onde desenvolveram várias atividades religiosas. Missas, casamentos, crismas e batismos. Os monges beneditinos foram considerados pioneiros na educação escolar roraimense, na obra de Santille (KOSO), são destacadas as primeiras escolas de formação construídas em KOKO, essas escolas eram localizadas na margem do rio Surumu, no nordeste do Estado, onde se iniciou o processo docente de forma sistemática em KOKJ, com o ensino elementar e a aprendizagem de ofícios como marcenaria e jardinagem para crianças indígenas.

Em KOKI, os monges fundaram um patronato para crianças indígenas, o qual funcionou como internato até KOLN, os projetos de escolarização da catequese, por parte dos monges, criaram divergências com a política do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão instalado em KOKN, a margem, o mesmo teria um papel de sobrepor as fronteiras nacionais através da mão-de-obra, enquanto os religiosos pretendiam expandir a religião católica como forma de tornar os índios cristãos. Entretanto, a oposição entre as instituições se converteu, quando a estratégia para atingir suas metas era através do processo educativo das crianças indígenas.

A partir de KOKO, foi criada pelo SPI uma escola agrícola na fazenda São Marcos, na fazenda São Marcos, para alfabetizar e formar celeiros, ferreiros e carpinteiros, o que torna evidente a intenção de transformar os habitantes nativos em serviçais, garantindo a mão-de-obra com o propósito de favorecer as elites dominantes da época como argumenta Santilli.

Apesar dos conflitos internos a pr5@is indi+enista, no rio Branco, voltou.se basicamente para uma educa#ão lato sensu da popula#ão ind#+ena como meio de coloni#a#ão 7 recrutamento tanto do S'A, quanto os beneditinos investiam politicamente na forma#ão de ne\$fitos que, uma ve" de posse do novo c\$di+o cultural, atuaram junto ao seu +rupu, propa+ando junto a estes mesmo c\$di+os, bem como alar+ando a 5rea de influencia indi+enista (SA , EADDA, KOSO, p PK)

7s principais +rupos !tnicos em *oraima ho#e são4 `eF] uana, ; ai ; ai, Eaurepan+, An+ari8\$, 'atamona, Erombeta Mapuera (1ronteira *oraimag'ar5), Maion+on+, ; aimiri. Atroari (1ronteira *oraimagAma"onas) `anomami, Macu@i e ; api@ana 7s dois Tltimos +rupos !tnicos citados, Macu@i e ; api@ana, são os mais numerosos, e os que mais tiveram contato direto com o processo de coloni#a#ão e misci+ena#ão



Fonte / e\$lo+o Salomão 3ru", IJL

7 mapa mostra os aldeamentos, a dinâmica de fuga e formação de novos espaços físicos de assentamento de indígenas no Vale do rio Branco no processo de colonização portuguesa. Os índios administrados pelos soldados dos fortes se rebelaram contra maus tratos sofridos, pois a função dos fortes era de aldear índios, retirando-lhes de suas terras originais, fazendo o que Parra (2000), chama de *muralhas dos Sertões*, no sentido de resguardar a fronteira contra a possível invasão holandesa ou espanhola, e também suprir de mão-de-obra escrava às missões.

Muitos abandonaram as antigas missões, retornando após anistia e promessas de melhor tratamento, enquanto outros permaneceram nas florestas e montanhas. Algumas etnias foram exterminadas como os Paraviana, outras, como os Anomami e os Erumbeta Mapuera ficaram margens do processo colonial, e só manteriam contatos com a sociedade dominante nos séculos XVIII e XIX com o processo de colonização bem avançado. Enquanto que os Macuá e os Apichana mantiveram mais contato com o não-índio.

1.3.1 A escolarização

As bases teóricas, ao longo desta análise, fazem demonstração de ações que promoveram conflitos, sendo que seus interesses somaram objetivos comuns, educar para servir, educar em troca de favores. Os beneditinos, além de manter firme a religião se apropriaram da cultura dos grupos para adquirir informações. Com estas ações, a igreja se manteve soberana sobre as aldeias para obtenção das riquezas naturais, na busca da acumulação de riquezas.

7 função responsável para proteger o indígena tinha como objetivo maior sustentar e garantir as fronteiras, se viu explorando a mão-de-obra em benefício de seus representantes,

os fazendeiros também lucraram com o trabalho indígena, mantiveram seus laços de amizade com os compadres caboclos civis na expansão pecuarista sobre as aldeias, pois o número de afilhados indígenas garantia uma relação pacífica entre os donos das propriedades e chefes de famílias indígenas, que lá habitavam na região antes da ocupação branca.

Os projetos educativos de procedência do S.A.C. Serviço de Rotação ao Índio, não obtiveram resultados significativos e por iniciativa da igreja católica em KOPJ, são implantadas redes de escolas para indígenas nas malocas^{KJ}, sendo que os professores em sua maioria eram brancos formados no colégio da região, um espaço em estilo neoclássico que abria para os padres, esta perspectiva, os indígenas continuaram absorvendo a cultura do branco que ao mesmo tempo não se levava em consideração o patrimônio cultural das comunidades no território.

Em 1950 nos anos de KQJ quando o governo do território assumiu o controle das escolas nas malocas, o internato, que funcionava inicialmente como orfanato tornou-se centro de formação para professores indígenas. As transformações resultantes de movimentos sociais organizados entre as décadas de KQJ e KOSJ, rompem os paradigmas das escolas liberais, nesse período os grupos étnicos reivindicam além dos direitos, as terras, uma educação escolar, que garanta atendimento às diferentes culturas das comunidades indígenas.

Dima (IJJJ) faz uma abordagem sobre a atuação sobre o Ministério da Educação, quanto à atuação em KOSN ao iniciar uma investigação diagnóstica sobre a realidade do ensino brasileiro, que resultou em uma discussão reconhecida como dia Y)Z que promoveu novas perspectivas para as comunidades indígenas, neste momento, dá-se início aos movimentos em prol de uma educação diferenciada; e a constituição de KOSS reconhece aos indígenas o direito

^{KJ}, nome dado em homenagem às regiões específicas ou localidades onde habitam os indígenas, algumas vezes confundidas com casas em seu sentido Dato

diferença, rompendo com a postura de integração e adequação das diferenças na sociedade nacional, além de assegurar os direitos > demarcação e homologação de suas terras

, este cenário, por apresentar uma diversidade étnica significativa foi palco das discussões acerca desta necessidade nacional. Contudo, até os meados do ano de 2000 foram estabelecidas pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás listas de conteúdos desassociados da realidade cultural das comunidades indígenas

Porém, as organizações indígenas, seus representantes e líderes escolares buscam construir suas matrizes curriculares, numa perspectiva intercultural em parceria com instituições educacionais que tem se preocupado com a problemática de um currículo descontextualizado da realidade cultural das escolas indígenas visando mudanças qualitativas

Este processo não difere do modelo educacional, introduzido pelos europeus nas demais regiões brasileiras relacionadas a um sistema de dominação, centrado no modo de produção escravista ao mercantilismo prático capitalista, imperando nas mais longínquas fronteiras da América brasileira. Esta análise demonstrou ao longo de uma discussão os procedimentos de uma educação que promoveu interesses de cunho religioso, governamental e latifundiário, constituída de instrumentos para sustentação da classe dominante como a servidão, a escravidão, além da ousadia de se utilizarem conceitos como "civilização" e "cultura", como forma de reforçar o preconceito contra as comunidades indígenas e seus descendentes em Goiás, menosprezando essas diferenças; ao mesmo tempo, estas comunidades tornam-se cada vez mais fortes nos dias atuais, diante das lutas na busca de seus direitos e melhor qualidade de vida, tendo na educação a busca de respeito as diferenças, como processos de mudanças qualitativas, numa perspectiva de mundo onde se transformam realidades

1.3.2 Cenário da diversidade sócio- cultural

O estado de *oraima está localizado no extremo norte da América brasileira, com uma área de 112.000 km² e uma população total de 1.100.000 habitantes, sendo que aproximadamente 1.100 habitantes são indígenas, estes estão distribuídos entre 100 aldeias, que ocupam uma área de 1.100 hectares^{KK}. A composição étnica do estado está dividida em famílias e troncos linguísticos. A família Jarib é constituída pelos grupos Macuê, Earepan, Anaric, ;aimiri.atroari, `e8uana ou Maionon, e ;ai.Gai, 'atamona, 3arafaiuiana e os Sapor. A família `anomami é constituída pelos grupos `nomam, `anomano, Sanuma e `anan ou ,inan. O povo ;apichana pertence ao tronco Arua, este povo é considerado o segundo maior grupo indígena de *oraima depois do povo Macuê.

Entre as comunidades, destaca-se o povo `anomami, que de acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), vivem em terras pertencentes aos municípios de Alto Alegre, Boa Vista, 3aracará e Mucaá. Sua população é de aproximadamente de 10.000 índios, que ocupa uma área total de 1.100 hectares. O povo `anomami ainda possui pouco contato com a sociedade não indígena. Portanto, vale a pena destacá-los como povo de uma cultura menos alterada em relação às demais etnias, apesar dos problemas enfrentados decorrentes da exploração dos recursos naturais e até mesmo da biopirataria, esses grupos resistem às diversas situações. Segundo o relatório de ação da cidadania (KOSO)^{KI}, são enfocadas várias questões na reserva, entre elas, estão a poluição da água por mercúrio decorrente do garimpo de ouro, considerado como principal responsável, uma outra consequência foi o aparecimento de doenças como a gripe, sarampo e catapora, além da escassez alimentar, resultante do afastamento da caça.

^{KK} Informações coletadas na 12, AA, AB/0 e 3A* C Conselho Indígena de *oraima

^{KI} Relatório da Comissão de Direitos Humanos do Conselho de *oraima

As etnias citadas estão lealmente vinculadas > rede pública de ensino com programas diferenciados para as comunidades. Entretanto, com o processo migratório os jovens e adultos que moram na zona urbana de Boa Vista estão matriculados na rede regular de ensino e são obrigados a se adequar ao sistema, pois até o momento atual não existe uma preparação pedagógica para trabalhar com as diferenças étnicas nas salas de aula.

7. Aluno indígena que vem morar na cidade torna-se descolado. Sa

) e KOLM a KOSS, fase em que *oraima foi Território Federal, sua população teve um crescimento fantástico, de acordo com o censo populacional de 1960 (1960, p. 100), *oraima passou de 10 mil habitantes para uma população de 100 mil habitantes

, a última fase político-administrativa, que começa no ano de 1961 com a criação do Estado de *oraima, a extinção da estrutura administrativa territorial federada em 1961, e com a conversão da lei nº 1.350 de 1961 de IPGJKK, que cria a estrutura do poder executivo, *oraima teve um crescimento de 100% em pouco mais de uma década (1961-1971), se encontrando atualmente de acordo com o censo 1971 do IBGE com 100 mil habitantes e de acordo com o mesmo censo, possuindo a maior população indígena percentualmente no Brasil, cerca de 10% da população do Estado

A partir dos anos 1960, como já demonstrado, a intensificação do contato, a descoberta de rotas fluviais, o desenvolvimento trazido pela abertura de estradas, estreitamento dos laços de aliança entre índios e não-índios e cooptação com falsas promessas de progresso, fez com que houvesse no decorrer dos anos um processo de êxodo indígena contínuo de suas regiões de origem para a capital Boa Vista, em busca das ofertas diversas feitas pelos não-índios

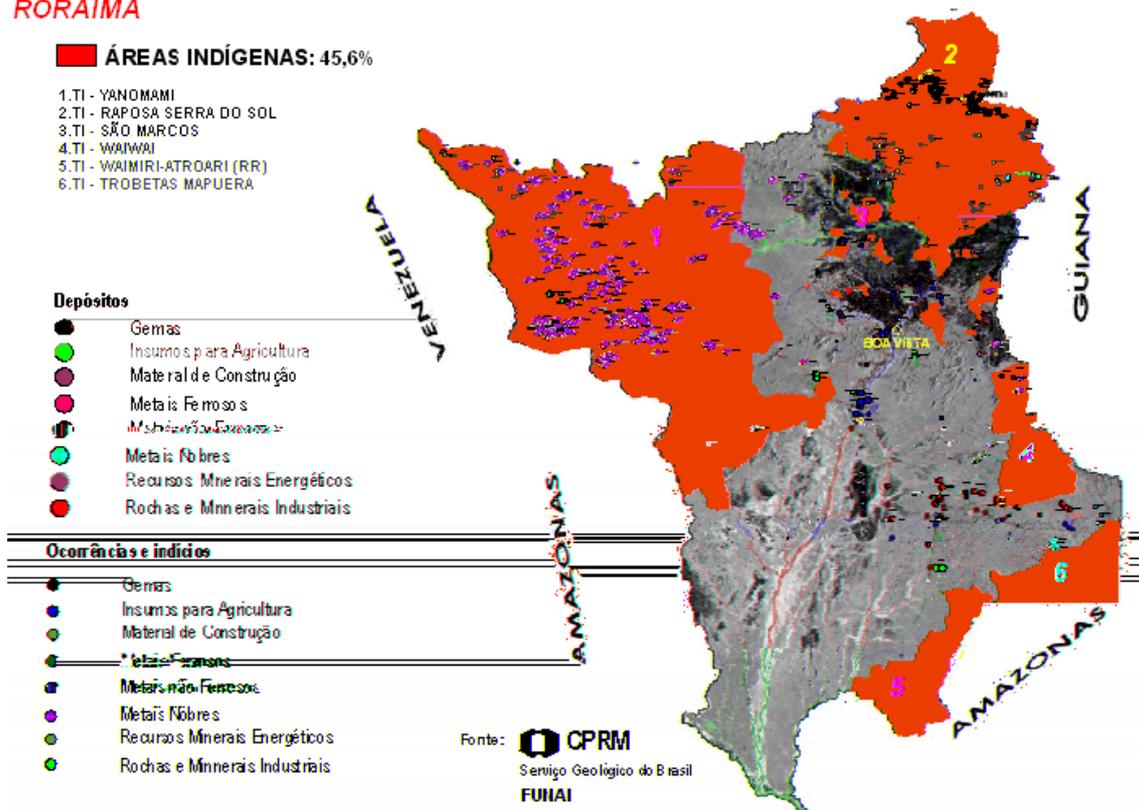
Outro fator importante que impulsionou o êxodo indígena foi a atividade de garimpo em suas terras entre as décadas de 1960 a 1970, causando inúmeros desequilíbrios de ordem não só biológica, mas principalmente de ordem social, os índios eram expostos ao mercúrio, às bebidas alcoólicas, às doenças sexualmente transmissíveis e violência física. O fechamento legal dos garimpos se deu no início da década de 1970, pelo governo Collor

, esse processo, ao migrarem para a capital, esses indígenas caíram no ostracismo por não terem oportunidades de trabalho devido à falta de qualificação profissional que era

rejeitado pelo empregador não. Indio, diferen#as na l#ngua e costumes 3omumente eram

en# 36
ca 06 36
11 11 11

TERRAS INDÍGENAS E RECURSOS MINERAIS EM RORAIMA



Oste mapa mostra que a maioria das terras indígenas está sob áreas com imenso potencial mineral, além, no caso da EA C *aposa Serra do Sol, está situada áreas férteis para a agricultura. Assim percebemos a dimensão dos interesses que estão por trás dos discursos antiindígena de progresso e desenvolvimento.

Osse tipo de crítica depreciativa ! repassado pela imprensa escrita, televisionada e radiofônica, geralmente comandada por detentores de mandato político, empresários ligados aos interesses latifundiários e explorador e goou a Yfamílias tradicionaisZ São repassados no espaço habitacional não indígena e reproduzidas pelas crianças na escola como espaço de relacionamento social

2. ESCOLA, IDENTIDADE E DISCRIMINAÇÃO

2.1 - Interação Sócio-Representativa dos sujeitos da aprendizagem

Essa discussão é uma tentativa reflexiva de aplicação do fenômeno^{KL} social que foi percebido nas salas de aula do ensino fundamental na cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, durante nossa permanência como docente por cinco anos com turmas de terceira e quarta séries. Esse fenômeno é o preconceito étnico entre alunos de fenótipos diferentes, ou seja, os de pele clara, que chamaremos de não-índios, filhos de migrantes e os de pele bronzeada, olhos pintados, filhos de indígenas, que aqui chamaremos de *índio-descendentes*, não usaremos os termos *caboclo* ou *caboco*, pelo fato do adjetivo permeiar um sentido pejorativo construído sócio-historicamente como um termo que designa a pobreza material e física em seus sentidos mais abrangentes. Alertamos para essa postura em /omes (KOOK), que diz que esse termo pejorativo é dado >queles índios, que ficam a margem do desenvolvimento [\ era, e ainda é uma maneira piedosa de tratar os índios e seus descendentes. Portanto, achamos inconveniente usar o termo *caboco* ou *caboclo* para designar os descendentes de indígenas.

A percepção da problemática em si nasce dos conflitos em uma escola pública localizada numa região pobre da cidade de Boa Vista, povoada em sua maioria por migrantes, observamos que durante as atividades didáticas em turmas de alunos da terceira e quarta séries do ensino fundamental, na faixa etária de idade entre oito e dezoito anos, assuntos que relacionavam a imagem do indígena não eram *bem vindos*. Com isso, percebemos nos alunos

^{KL}, a filosofia entende-se como aparência; nessa perspectiva fenômeno é a aparência sensível, que se opõe > realidade da qual por outro lado pode ser considerado como manifestação, ou ao fato ao qual por outro lado pode ser considerado idêntico. Assume também a correlação de coisa em si e evoca reconhecimento objetivo. Aplicado > observação da sociedade define-se como toda maneira de fazer, fazer ou não, suscetível de ser aplicado sobre o indivíduo uma coação eterna. Considerando os fenômenos sociais em si próprios, desprendidos dos sujeitos conscientes que os representam. Citação de filosofia, Nicola Abbagnano. I (ed São Paulo) Mestre Jou, KOSI

não. Índios um discurso ecludente, beirando a oleri"ã, que representava a opinião que tra"iam consi+o de al+um lu+ar, a forma#ão e a traet\$ria dessas manifesta#es nos intri+aram

, a pr5tica docente em e@peri-ncias did5tico.peda+\$icas, como interpreta#ão te@tualvisual, com obketivo de trabalhar a percep#ão e a criticidade, tendo como recurso ima+ens de paisa+ens de lu+ares pobres e hostis, com pessoas desnutridas ou fora dos padr=es de bele"ã estabelecidos que tra"iam consi+o, era comum ouvirmos dos alunos não.ind%+enas coment5rios do tipo4 “*aquela região é pobre, lá não tem comida, as crianças morrem de fome, é chato e só tem índio...*”; por outro lado os alunos %ndio.descendentes silenciavam.se

, ossa an5lise das manifesta#es discriminat\$rias e preconceituosas no ambiente escolar passa por uma discussão fomentando a forma#ão identit5ria, a partir da forma#ão populacional da cidade de Boa Vista capital, e do 0stado de *oraima, atrav!s da conte@tualia#a#ão s\$cio.hist\$rica, e como esse conte@to foi materiali"ada A no#ão de identidade aplicada ao ambiente escolar em um conte@to multicultural, nos remete a uma refle@ão sobre a e@ist-ncia representativa no ima+in5rio social de concep#es sociais e culturais do que concerne ser *indígena* ou seu *descendente* no espa#o urbano

'ara tanto, fi"emos recortes te\$ricos interdisciplinares, ele+endo com um desses recortes a Eeoria das *epresenta#es Sociais, por ser uma discussão te\$rica, que tem como procedimento metodol\$+ico observar a vida cotidiana dos suleitos atrav!s da e@pressão do senso comum, que ! elaborado socialmente, funcionando no sentido de interpretar, pensar e a+ir sobre a realidade, a partir de um conteTdo simb\$lico e pr5tico 0la favorece o desvendar dos mecanismos de funcionamento da elabora#ão social do real, tornando fundamental no estudo de id!ias e condutas sociais, seu uso se dar5 nas interpreta#es discursivas e te@tuais escritas e faladas

Concomitante, faremos um debate sobre Identidades, por ser considerada uma categoria de análise que irá mediar a compreensão da tomada de postura do sujeito no espaço social, ou seja, a identidade constitui a execução de um papel social, um elemento que é utilizado como referencial para submeter o objeto a uma análise de sua dimensão social; um recurso teórico que vai subsidiar a compreensão do fenômeno da aceitação e exclusão

Buscamos examinar as propriedades do fenômeno, dentro de uma totalidade, observando as contradições existentes entre os elementos da base social e da educação em uma sociedade recém formada, analisando de que maneira essas contradições acabam se relacionando no estágio social numa abordagem privilegiando o diálogo entre os sujeitos da pesquisa e os teóricos

Iniciamos o debate sobre a relação social estabelecida no ambiente escolar e a vertente técnica entre os alunos do ensino fundamental, discorrendo sobre a teoria da representação social, que como dito outrora se trata de uma forma de conhecimento prático, de senso comum, que circula na sociedade. Esse conhecimento é constituído de conceitos e imagens sobre pessoas, papéis, fenômenos do cotidiano

Sobre o conceito de representações sociais, encontramos algumas definições significativamente diferentes na literatura científica. S5 (KOOS) cita o uso como derivação histórica de representação para o campo do pensamento social como vinculação teórica com outras perspectivas microsociológicas e, ainda, sob a perspectiva de Berger; Ducemmann (IJJN)

Seu precursor é Serge Moscovici que em 1961 com a publicação de *Psychanalyse: son image et son public*, inaugura o debate sobre teoria das representações sociais, que desde então nasce, se distinguindo por apresentar a existência de um

pensamento social resultante das experiências, das crenças e das trocas de
 informações presentes na vida cotidiana, objetivando desenvolver uma teoria menos
 individualista que a psicologia social estadunidense e, também, um posicionamento
 relacional entre o pensamento sociológico e a psicologia social, mediadora entre o
 homem e o seu meio (M7S37VA3A, KOPK, p KJ) Sua análise foi desenvolvida, a
 partir da crença que a sociedade atual, mais tecnicada e complexa, necessitaria de
 outro conceito, menos genérico que as representações coletivas de Durkheim, para
 acompanhar, explicar e tentar compreender como ocorre a formação do
 pensamento e do conhecimento social / eor+es Friedmann converte com
 Moscovici quando di" que4

: oue, a visão do mundo que tem o adulto das cidades não é aplicável
 somente pela ação geral da sociedade, das representações coletivas! ^
 indispensável coloc

entre nossos mundos interno e eterno. Eodas as interações humanas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações que são criadas internamente. O pensamento coletivo se individualiza através desse processo mental, interno.

O referido teórico atribui duas funções às representações. A primeira refere-se à *convecionalização* de objetos, pessoas ou acontecimentos. Estes elementos, em um primeiro momento são localizados em uma categoria e depois, gradualmente, são colocados em um modelo compartilhado por um grupo de pessoas, internalizados e depois externalizados. Por exemplo, associar a cor da pele ao caráter, ou o indivíduo ao atraso desenvolvimentista. Os outros são exemplos de representações compartilhadas por um grande número de pessoas e que nos permitem compreender como um sujeito ao ser posto na categoria indivíduo pode passar a integrar o modelo do atraso capitalista. Eodas os elementos que emergem se ajustam a esse modelo e se sintetizam nele, criando uma relação que o define, e os legitimam como tal.

Até mesmo aquilo que não se encaixa em uma categoria, acaba se adequando à mesma mediante um esforço do sujeito. Cada experiência, somada a uma realidade predeterminada por convenções sociais que nos ajudam a interpretar e distinguir uma mensagem, classificando-a como significativa em relação a outras ou como um acontecimento contextual, pontual, um bom exemplo desse fenômeno. A luta dos indivíduos pela demarcação e homologação de terras em Coraima, dessa perspectiva, são vistos como o entrave ao desenvolvimento do Estado. Portanto, não são bem vistos pelo não-índio.

A segunda função, *prescritiva*, ou *seca*, refere-se a uma tradição que decreta o que deve ser pensado, impondo-se aos sujeitos. Nesse sentido, as representações são o produto de elaborações e mudanças que ocorrem em sucessivas gerações e são partilhadas influenciando a mente dos sujeitos pelos meios comunicacionais institucionalizados, entre eles a escola.

As pessoas longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmas, produzem e comunicam-se incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos produzem, as ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, escolas etc., as pessoas analisam comentam, formulam ideias espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o alimento para o pensamento (op. cit. p. LN)

As formas novas, típicas das sociedades complexas, imensas, descrições que passam a circular na sociedade passam, também, a ocupar um lugar no imaginário social e são reproduzidas pela linguagem, revelando sua ligação com conhecimentos anteriores. Essa maneira, as experiências passadas não são ideias mortas, agora desempenham atividade, penetrando e modificando as atuais experiências e ideias.

Com este argumento, Moscovici refuta, simultaneamente, os principais argumentos do behaviorismo e da psicologia cognitivista, que vêem a representação como um elemento estático, anacrônico. Para os behavioristas, a mente era apenas uma página onde nossas experiências sensoriais podem ser escritas. Para os cognitivistas, esta página se transforma num receptáculo onde as informações, palavras e pensamentos poderiam ser totalmente manipulados ou previsíveis, a depender do estímulo dado (S3 : 2DEW; KOOI *apud* : 0*WDA3 : , IJJK, p. LKJ)

A compreensão do pensamento do sujeito se daria através da aferição dos estímulos, não havendo diferença entre as reações dos sujeitos comuns e dos *cientistas especializados* (M7S37VA3A, IJJK). Moscovici defende que sujeitos ou grupos não são receptores passivos, mas participantes importantes de uma

sociedade complexa, elaboradores de um pensamento social qual constantemente avaliam, reavaliam seus problemas e soluções

Com o objetivo de provar as hipóteses de sua teoria, Moscovici procura desvendar como ocorreria a apropriação do conceito científico da psicanálise pela sociedade francesa, pois acreditava que a guerra e a instabilidade social, a inquietude e ansiedade fariam com que o público leigo adaptasse conceitos formais divulgados pelos meios de comunicação e pelas pesquisas científicas em algo mais tangível e diferente do pretendido pela comunidade científica. Assim, o conceito formal da psicanálise, foi transformado em um conceito diferente do original, ou seja, em uma representação social.

Moscovici (KOPK, p. 125) conclui que esta resignificação possui um fim prático ao sujeito e ao grupo, desenvolver uma ideia que fosse mais simples de compreender, ou seja, pela lógica não científica, o senso comum, e que pudesse, ao mesmo tempo, dar chance às pessoas na resolução de seus próprios problemas e conflitos.

, no entanto, permitir que problemas pessoais ou do grupo possam ser resolvidos a partir da elaboração deste senso não justificaria a existência de uma representação. Quando uma resignificação torna-se necessária porque existem conflitos entre o que foi dito e o efetivamente compreendido. As representações emergem nestes conflitos, apresentam uma nova compreensão e permitem que discursos diferentes convivam num mesmo ambiente, sobre essa resignificação. Moscovici argumenta que a,

la représentation facilitant l'inoculation de nombreux conflits normatifs, nationaux, sociaux, permet en même temps une transposition des langues hétérodoxes, de concepts et de théories réputés comme esotériques et qui, de ce fait, deviennent des instruments pour la communication et le comportement collectifs^{KN} (M7S37VA3A, KOPK, p. MJO)

) dessa maneira, a teoria das representações sociais nos ajudaria a explicar o fato de encontrarmos em nossa sociedade a discriminação e o preconceito étnico, apesar das explicações científicas que procuram demonstrar o contrário, que vivemos em uma *democracia racial* e que esse problema não nos afeta. O autor nos informa que as ideias novas são familiares, a partir do conhecimento e existente de forma a não colidirem ou ameaçarem a realidade pré-existente. O resultado é que as representações exercem o papel de intermediárias entre o conceito e sua percepção, entre o sistema cognitivo e a estrutura social, tornando-os intercambiáveis (M7S37VA3A, IJJK, p. KIQ)

São ao mesmo tempo ilusórias, contraditórias e verdadeiras. Embora consideradas matérias primas importantes para análise do social e também para a ação política. Apesar da ênfase de transformação, as representações sociais não conformam a realidade e seria outra ilusão tomá-las como verdades científicas, reduzindo a realidade a concepção que os atores sociais fazem dela (M7S37VA3A, KOPK, p. KQL)

Com estas características, Moscovici conclui que o propósito das representações sociais é o de prevalecer o acontecimento representado sobre a tradição e a história. É um possível distúrbio ou problema a ser avaliado, classificado em relação aos registros anteriores e adaptado ao ambiente e convencionalizado, legitimando o poder das representações sociais em alimentar as práticas em vigor na sociedade, perpetuando-as ou transformando-as (Sb, KOOS, p. NJ), e exercendo

^{KN} a representação que facilita o enunciado de numerosos conflitos normativos, nacionais, sociais, permite ao mesmo tempo uma transposição das línguas heterodoxas, conceitos e teorias conhecidos como esotéricos e que, conseqüentemente, se tornam instrumentos para a comunicação e o comportamento coletivos (M7S37VA3A, KOPK, p. MJO, tradução nossa)

o papel de interação, de estruturação das identidades individuais e sociais e de comunicação

Moscovici nos mostra dois universos de pensamento que compõem as representações sociais: o *consensual* e o *reificado*. No primeiro, o lugar onde as representações sociais são produzidas, ambientadas, o conhecimento espontâneo, elaborando suas opiniões e respostas sobre política, ciências, educação, ecologia, violência, etnofobia, doença, desigualdade social, orientação sexual, ou seja, as normas apreendidas e compartilhadas nas instituições: na escola, em casa, na rua, no ambiente de trabalho ou pela mídia (MOSCOVICI, 1978, p. 150). Nesse universo está em contínuo movimento e os sujeitos são transformados, muitas das vezes, involuntariamente em cúmplices por meios da coerção, podendo falar em nome do grupo e ser protegido por ele. Esta arte da convivência flexível que torna possível a vida social

No universo reificado, o científico, onde há o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o autorizado e o não autorizado, o qualificado e o não qualificado, observados e julgados através do instrumental metodológico: as posições sociais e categorias determinadas de acordo com os conteúdos culturais apresentados. Os conceitos ressignificação que resultam em representações se encontram no universo *reificado*, enquanto as representações sociais, no *consensual*. Esta ressignificação deve ser observada de maneira imparcial, que, em um primeiro momento pode parecer inapropriado ou errado, tem como mérito nos mostrar qual foi o raciocínio empregado, qual a sua lógica basilar estrutural

A relação entre internalidade e externalidade depende a maneira como os sujeitos lidam com o novo, com o não-familiar, adequando-o a conhecimentos já adquiridos

*epresenta#es constituem.se em um esfor#o do sujeito para tornar familiar, o não.familiar, movimento contr5rio ! percorrido pela ci-ncia, que busca transformar o familiar em não.familiar, problemati"ando a realidade, o conhecido, em busca do desconhecido Sob este ponto de vista, a ci-ncia estabelecida pelos meios acad-micos e representa#es sociais são diferentes Mas a rela#ão entr

infantil a idade adulta, de conversas com familiares e com outras famílias, das leituras que fizeram, das novelas de televisão aos quais assistiram, bem como de suas experiências pessoais. São estas imagens e conceitos aprendidos que determinam seu relacionamento com outros sujeitos, o significado que ela dá aos seus sentimentos, seus comportamentos e a maneira como organizar o ambiente no qual está inserido. O caso específico do sujeito da pesquisa, alunos do ensino fundamental, a compreensão que os pais têm desse sujeito em formação modela sua personalidade e constitui a base para a sua socialização. A dimensão histórico-social é central para compreendermos os elementos que compõem as representações dos sujeitos.

2.2 Construção da Identidade Social e Universo Escolar

A Teoria da Identidade Social parte da premissa de que todos têm uma necessidade de lograr uma identidade individual positiva e que o status que têm os grupos de pertença contribui para conseguir tal feito, assim, o sujeito encontra-se num contínuo processo de comparação e pertencimento.

Falar sobre identidade quando se discute diferença étnica, nos remete à complexidade do conceito na contemporaneidade. Mudanças estruturais no fim de século XX, e início do XXI, como o fenômeno da globalização, facilitam a troca, a interação, transformando as certezas que temos a respeito de nós próprios em relações às diversas identidades que assumimos. A influência das transformações estruturais sobre as identidades prevalece sua constante transformação, a partir de trocas com outras culturas e suas identidades (Hall, 2000).

Sua utilização mais evidente tem ocorrido em espaços segmentados como os da Identidade étnica, da identidade nacional e da identidade de gênero, encontrando, sobretudo

no tocante > identidade !tnica uma sofisticada#ão bastante not5velZ () 2A*E0 *apud*
) 2 * : AM, *et al*, KOSP, p QJ)

'or isso, consideramos necess5rio empre+ar o debateres o s da identidade nesta
discussão, dentro da an5lise das representa#=es e das rela#=es sociais dos alunos, nos dando
uma amplitude no conhecimento e entendimento deacate+o@ uma

daft
+a

ot\$ant Re D A5E
de A

casos de toda
com

processos sociais mais amplos e, portanto, compreensíveis a partir da busca de legitimidade para suas especificidades

A identidade do aluno é uma construção que se faz com atributos culturais, se caracterizando por elementos preexistentes a ele; outros, adquiridos por ele no exercício de sua relação no grupo, conferindo diferenças aos demais grupos internos no estabelecimento de ensino. O, entre suas personalidades, conferindo a ideia de um elemento dentro da estrutura institucional que é a escola, se evidenciando quando contrasta na diferença do outro, se legitimando de maneira subjetiva

Com base em Cardoso de Oliveira (KOSN, p. 12), dentro da concepção de identidade do aluno, notamos existir a *identidade contrastiva* de afirmação do jovem migrante, filho de agricultores ou de indígena, em detrimento do jovem morador da zona urbana, tomada de consciência de sua condição presente, de identidade combinada entre seus pares e suas relações: aluno-aluno, aluno-família, aluno-sociedade, utilizando-se da combinação identitária em cada situação. As identidades modelam-se no cumprimento do dever como estudante, tentando buscar uma compatibilidade entre a antiga representação (rural/tribal) e o atual (urbano)

Osse processo identitário na escola decorre de um desenvolvimento ético socializador acumulativo que permite ao aluno, do momento de sua entrada e de sua estada como educando, uma adaptação nos diferentes ambientes espaciais da escola. Construindo-se ao longo de processos históricos dos grupos humanos e da necessidade de permanência no grupo social a fim de se firmar no contexto de existência

Os alunos quando vão para escola se confrontam com uma realidade diversificada, não muito diferente da que se observava fora do estabelecimento de ensino, com regras e

normas tanto dentro como fora. Inserido em um novo contexto, assume uma nova postura social, quando é aceito pelo grupo onde os outros sujeitos estão nas mesmas condições de agregados de uma ordem, como declara Santos (LIVEIRA)

Os indivíduos normalmente agem de acordo com os padrões estabelecidos pelo grupo social em que vivem. Assim como um indivíduo pode possuir mais de uma identidade, assumindo de modo coerente os papéis e comportamentos que ele são exigidos (IJJI, p. KLI)

Assim, esse contexto, as identidades são construídas de maneiras diversas, de acordo com diferentes sociedades, o lugar social que o sujeito ocupa, os conjuntos de valores, ideias e normas, formando seu instrumento de leitura para a interpretação do mundo. Assim, cada sujeito, segundo seu contexto sócio-histórico e a partir desses referenciais, vai organizando a sua percepção da realidade. Sabemos também que possuímos várias identidades. A identidade pessoal, a identidade social, a identidade familiar, a identidade nacional etc.

Assim também, com a criança, ela possui uma identidade na família, na escola, no grupinho, na educação física, em casa, na igreja. Como há muitas identidades, precisamos pensar como a criança se relaciona com a família, com a escola, no local onde mora, etc., para pensar a sua identidade. A alteridade na construção da identidade é fundamental, pois a imagem que o Outro faz do infante pode interferir na construção da imagem que ele faz de si próprio. É neste momento de sua vida que têm os primeiros contatos com os Outros que não de sua casa. Assim, estabelece a ideia que a criança é um sujeito que pela sua idade não estabelece relações sociais.

Offman (KOOI), em sua investigação sobre as interações ocorridas entre atores sociais na vida cotidiana e as construções resultantes destas interações, afirma que os sujeitos constroem suas identidades; e que a manutenção destas identidades depende do processo resultante das interações mantidas por estes sujeitos no processo de compreensão de si

próprios e de suas intervenções na realidade vivida. O seu autor diz que as identidades coletivas passaram a ser compreendidas a partir de, não só um aumento de interações sociais, mas também da razão político-estratégica de atores sociais. Poderemos considerar que nas últimas três décadas do século XX, como sendo quase um consenso a ideia de que identidades coletivas são construções políticas e sociais e que devem ser tratadas como tal, como referencial.

A noção de identidade dentro do contexto de sociedades complexas rompe com as dicotomias entre indivíduo e sociedade; passado e presente, bem como entre ciência e prática social, estão tão associadas > ideia de acontecimentos sociais como esta última > primeira. O sentido de continuidade e permanência presente em um sujeito ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra. Da mesma maneira que a identidade, os acontecimentos sociais também deixaram de ser pensado como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte do processo social em que aspectos da psique se encontram interligados a determinantes sociais.

A identidade, enquanto imagem cognitiva assimilada pelos seus integrantes, se estrutura por meio dos processos de identificação do sujeito com a sociedade. Contudo, outro elemento que interage nesse processo de formação da identidade, que é a cultura. Ela influencia a identidade na medida em que os valores e crenças do grupo interferem na representação que eles constroem (Koopman, 2003).

Assim, o processo histórico, o homem se reconhece como sujeito que faz, vive e influencia, e é influenciado pela história, tendo como principal objetivo a construção de sua identidade, onde se articulam os aspectos grupais e individuais, o particular e o geral, proporcionando uma reflexão do sujeito dentro da sociedade ou grupo. Não há sociedades sem

cultura, do mesmo modo que não existe ser humano destituído de cultura, conseqüentemente sem identidade (SANTANA, 1973, p. 111) A identidade é socialmente construída no plano simbólico da cultura (MANNING, 1970, p. 10)

A identidade é constituída pelo conjunto de representações que seus integrantes formulam sobre seu significado, em um contexto social, isto é, quem são seus integrantes compreendem a si mesmos como um coletivo. É importante salientar que além da representação construída pelos sujeitos, existe também uma complementaridade entre a identidade e a cultura imbricadas, pois a segunda influencia amplamente a primeira, na medida em que a cultura abarca o repertório simbólico e de valores com os quais os sujeitos constroem as representações acerca dos fenômenos, esse sentido, seu significado é construído pelos seus integrantes, a partir dos parâmetros culturais que eles dominam. Sobre a dimensão simbólica de construção de identidades / eert" contribuí argumentando que,

desvencilhar as dimensões simbólicas da ação social: arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum e não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionais; é mergulhar no meio delas (MANNING, 1970, p. 10)

Como em outros processos identitários, a identidade do discente se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, que é a família, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sensações e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo e vai criando ramificações e desdobramentos, a partir das outras relações que o sujeito estabelece em seu meio.

A identidade da criança é entendida aqui como uma construção social, histórica, cultural e plural. Amplica a construção do olhar de um grupo étnico-racial ou de sujeitos que

pertencem a um mesmo grupo étnico-racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro (// 7 MOS, IJJM) A reflexão sobre a construção da identidade da criança não pode prescindir da discussão sobre a identidade como processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social

Como sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais. Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais

*conhecer-se inserido numa delas, o discente sabe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Essa perspectiva, quando pensamos a escola como um espaço específico de formação, inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, conteúdos, normas, projetos, provas, testes e conteúdos

Entendemos que a identidade social dos alunos passa a significar uma complexa estratégia na luta diária pela sobrevivência material e simbólica. Estamos diante da incorporação de identidades que, em decorrência de eventos históricos, introduzem novas relações de diferença, as quais passam a ser fundamentais no domínio dos espaços sociais na escola. Assim, podemos pensar as identidades não como sendo fixas, mas, tomando os argumentos de Boaventura Santos (IJJJ), como identidades em curso, integrantes do processo histórico da modernidade, no qual concorrem velhos e novos processos de reatualização e de particularização das identidades

2.3 Do racismo a Discriminação e o Preconceito

A elaboração desses conceitos teve início no final do século XIX, com a construção da teoria das diferenças inatas e permanentes entre brancos e não-brancos. Essas elaborações influenciaram de modo marcante a compreensão das ciências sociais sobre a questão racial. Essa prática, que utiliza critérios de raça para se separar, humilhar, discriminar, foi denominada racismo (SANTANA, 2007, p. 112).

Essas escolas emergiram nesse período. A etnobiologia acreditava que a inferioridade das raças estava ligada às diferenças físicas, podendo explicar outras diferenças culturais. Para comprovar suas elaborações, cientistas dedicavam parte de seus estudos a medir crânios e esqueletos, na busca de provar a correlação entre os caracteres inatos e culturais, levando a uma acentuação do caráter primitivo de determinadas raças (SANTANA, 2007, p. 113).

Essas construções científicas vieram contribuir para a consolidação de estereótipo imaginário social, acreditando que a distinção moral estava contida na essência racial, ou seja, características depreciativas como o índio não sabe falar, não tem educação, não tem história, não tem *cultura*, não é bonito, não é inteligente, não pode liderar, entre outras características, estariam ligadas intrinsecamente a questões fenotípicas, isto é, uma redução do cultural ao biológico, desvalendo-se as características individuais e sociais do sujeito. As marcas do corpo ou caracteres físicos demarcam as distâncias e os locais ocupados no prestígio social. Por meio de um traço objetivo dos caracteres físicos, indica-se o caminho para construções arbitrárias, baseadas na ideologia dominante, as quais passam a atribuir significados que desqualificam a identidade dos povos indígenas.

Para entendermos a relação entre racismo e o preconceito, Miller nos informa que trata-se de uma ideia ou opinião antecipada, sem maior ponderação ou conhecimento da realidade objetiva, que pressupõe características sejam elas físicas, étnicas ou sociais, dependendo da maneira de como é usada essa opinião provoca o fracasso pessoal, sendo limitador das potencialidades do sujeito e como tal não permite que esses sujeitos possam viver a vida, tão limitada pelas condições cotidianas das sociedades complexas, em sua plenitude possível, por causa de sua classe, cor ou origem. Por conta do meio social, muitas vezes assumimos estereótipos, análises e esquemas elaborados, por outro lado somos envolvidos pelo meio em que crescemos (: ODDO*, IJJJ)

, esse sentido, pode-se passar muito tempo até que percebamos criticamente tais esquemas impostos. Às vezes, passam-se horas inteiras sem que se problematizem os estereótipos de comportamento e pensamento. Outras vezes, pode-se questioná-los num menor espaço de tempo. O preconceito sempre é visto como um fenômeno social de menor importância e não relacional.

Quando esse preconceito é relacionado às diferenças, a partir da cor da pele e do fenômeno, se torna um modelo discriminatório recalcado, escondido atrás de um sistema de valores explícitos, que inibe o outro na sua avaliação. Essa se-re-ação disfarçada estimula o imaginário da igualdade e da harmonia étnica entre nós, pois não se assume que existe esse tipo de comportamento (B7* / OS 'O*OA*A, KOOP, p. QP). A ocultação da discriminação étnica na sociedade brasileira foi estimulada pelo discurso da *democracia racial*, da qual Gilberto Freyre é um grande expoente, na década de 1930, seguido por Gilvina Viana^{KP} na

^{KP}) e acordo com Joel Afonso dos Santos (KOSL), era conhecido na academia como o intelectual da ideologia do colonialismo. Ele possuía um método próprio para analisar a sociedade brasileira e interpretações meramente impressionistas. Escreveu as obras: *Populações meridionais do Brasil* (1 volume), *Ovolução do povo brasileiro*, *7 caso do império*, *Instituições políticas brasileiras* (1 volume), *Ata e assimilação* entre outras obras.

d!cada de KOLJ, e que s\$ come#ou a ser contestado na d!cada de NJ por Ilorestan Iernandes e
7rac6 , o+ueira^{KQ}

, essa perspectiva te\$rica, o preconceito contra %ndio.descendentes no ambiente
escolar ! tido como tratamento diferenciado conferido a certos membros em sala de aula, que
se s#o identificados como diferentes de Y , \$sZ (/ 2AMA*m0S, K00S), pode ori+inar.se da
representa##o que se tem do *outro*, visto como opini#o ou #ul+amento constru%do
institucionalmente antes do conhecimento dos fatos e su#eitos, usualmente desfavor#veis
9u%"o pr!vio, conceito ne+ativo que um su#eito ou +rupo tem sobre outro su#eito ou +rupo
diferente (3 * 2W, K0S0; SADVA, K00N; B0 , E7, K00S)

SantFAna (IJJK) analisa o preconceito !tnico enquanto fen<meno social,
relacionando.o como fen<menos psicol\$gicos, considera que esse modelo de preconceito est#
baseado em #ul+amentos de pessoas sobre outras pessoas, a partir de suas caracter#sticas
fision<micas, ou se#o, encontra.se na esfera da consci-ncia dos su#eitos)i" ele, nin+u!m !
obri+ado a +ostar de al+u!m, mas, ! obri+ado a respeitar as diferen#as)a# adv!m a cr#tica >
i+ualdade racial propalada pelo Ostado , acional que todos devem ser i+uais

7 preconceituoso nem sempre fere os direitos, de fato, do outro, mesmo que n#o
alimente +randes simpatias por esse outro se#o ele, ne+ro, %ndio, homosse@ual, ci+ano etc
'reconceito !, portanto, uma opini#o preestabelecida, que ! imposta pelo meio, !poca e
educa##o OIe re+ula as rela#=-es de uma pessoa com a sociedade Ao re+ular, ele permeia toda
a sociedade, tornando.a uma esp!cie de mediador de todas as rela#=-es humanas OIe pode ser
definido, tamb!m, como uma indisposi##o, um #ul+amento pr!vio, ne+ativo, que se fa" de
pessoas esti+mati"adas por estere\$tipos (SA , EFA , A, IJJK, p NL)

^{KQ}2m dos intelectuais mais preocupado com a problem#tica racial no Brasil A sua obra mais conhecida !4
'reconceito de Marca4 As rela#=-es raciais em Atapetinina S#o 'aulo4 OduSP, K00S

Apesar do preconceituoso nem sempre ferir os direitos do outro, isso não quer dizer que tal tipo de sentimento não possa vir a se tornar prejudicial, pois, o preconceito é o primeiro passo para uma atitude discriminatória, e discriminar significa separar, distinguir, estabelecer diferenças

Com isso, por discriminação entendemos como um comportamento de exclusão dirigido a um membro de um grupo, que pode ser exercido através de segregação observada em instituições sociais e que, dessa maneira, disseminam o preconceito (M´0*S, IJJJ) Oste autor assegura que a discriminação é uma conduta negativa injustificável contra um grupo e seus membros, e que tem como processo subjacente o preconceito. A discriminação pode aparecer de forma direta, expressa de maneira clara com proibições ou tratamento desigual a um sujeito ou grupo, ou de forma indireta e automática, estando muito presente na sociedade atual

2.4 De quem estamos falando?

Apresentamos o sujeito da pesquisa e suas especificidades no contexto de um sujeito ativo, fundador de história e agente direto das relações sociais. Para tanto, partimos da posição do método de procedimento, que consiste no trabalho de campo, que significa um momento de aproximação com o objeto que se pretende investigar, abre a possibilidade não somente de aproximação, mas também de criação e recriação do conhecimento a partir da experiência presente e real, questionando sobre as nuances do fenômeno e o preparo do pesquisador. Representa um processo de desbravamento, rumo a algo que se tem apenas superficialmente construído e idealizado sobre o objeto e os sujeitos, propicia diálogo que nasce a partir da aproximação e articulação de falas e práticas. Assim o trabalho de campo deve estar ligado a uma vontade e a uma identificação com o tema a ser estudado, permitindo uma melhor realidade da pesquisa proposta (, eto, K00L, p NI).

A ida ao campo de pesquisa parte da forma da identificação com a temática, da livre vontade e da capacidade criadora do pesquisador que pretende conhecer o espaço em que está inserida sua problemática; conhecer os sujeitos envolvidos na problemática; avaliar se sua metodologia é eficiente; e por fim se inserir no macro contexto que envolve a pesquisa enquanto processo de investigação, incluindo os sujeitos e os referenciais teóricos

A entrada no espaço social e físico onde se pretende fazer o trabalho de campo, no nosso caso uma escola de primeira a quarta série de ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Boa Vista localizada na periferia da cidade, se deu conforme o esperado, pois os primeiros contatos partiram de uma conversa formal com direção do estabelecimento de ensino quando nos apresentamos enquanto pesquisador em educação. Em seguida, apresentamos uma síntese da proposta de investigação científica, explicitando detalhadamente os métodos de procedimentos, objetivos da pesquisa, público alvo, duração da permanência no estabelecimento, os possíveis benefícios da pesquisa para a comunidade e para a ciência da educação, essa fase da pesquisa devemos construir um bom relacionamento, pois caso contrário podemos inviabilizar essa etapa da pesquisa, e conseqüentemente o projeto em si fica deficitário

Osse primeiro contato serviu para conhecermos nosso público alvo potencial, os alunos de terceira e quarta série do ensino fundamental, e o público secundário, seus respectivos professores, construindo os primeiros laços de intercâmbio através de uma aproximação lenta e gradual, essa fase se deu através da nossa presença em sala de aula observando os comportamentos que possibilitassem a criação de subsídios para a investigação. Em seguida fizemos testes-piloto, para avaliarmos a estrutura e a dinâmica de entrevistas, para então estabelecer o padrão definitivo aplicável

'elo fato de termos tido experiência como docente em estabelecimentos de ensino semelhantes ao que escolhemos para a pesquisa, tivemos o cuidado de não subestimar a capacidade de mudanças contextuais, pensar que a escola não poderia passar por metamorfoses seria imaturidade perceptual. A escola é uma instituição social dinâmica que segue os processos de mudanças, pois se muda direção, professores, alunos, técnicos, o que faz refletirmos que nossa presença foi recebida e percebida de outra maneira. Por isso, não podemos pensar que iríamos depararmos com informações que não sabemos, pelo fato de um dado momento histórico termos pertencido a esse ambiente. Devemos perceber o campo com o espaço de novas possibilidades criadoras, capaz de nos proporcionar novas percepções, e evitar atritos na relação com os sujeitos, e com a própria ética com a ciência na coleta e condução das informações.

Portanto, esse primeiro contato com o campo nos propiciou uma reflexão sobre a dinâmica da investigação científica com instrumento criado pela racionalidade humana, com o objetivo de captar elementos que monstrem e fundamentem a observação sobre os fenômenos. Mostra-nos a necessidade de mantermos diálogos constantes entre abordagem e procedimentos metodológicos, a fim de evitar confusões epistemológicas que impossibilitem a veracidade dos resultados da investigação.

, o campo prático de coleta, utilizamos a interpretação visual por meio de fotografias de três grupos étnicos heterogêneos: *negro, índio, e branco*. Nessa maneira, foi possível observar qual a compreensão tida pelos alunos acerca de sua identidade étnica. Percebemos que o branco foi representado como associado ao que é desenvolvido, cidadão, possuidor de beleza física, sorridente, enquanto o negro e o índio seriam o inverso, moradores do meio rural, ligados ao trabalho braçal, desprovidos de dinheiro, terras e com saúde debilitada. A imagem do negro é mutilada de atribuições positivas, pois para alguns o negro é associado a

macumbeiro, feiticheiro, representa a escuridão da alma, “coisa do diabo que é preto...”, e o indígena é representado como um quase nulo, desconhecido, sem história, comedor de bicho do mato e de ratões, sua trajetória é marcada pela distância real e simbólica entre brancos e negros. Existe uma noção de hierarquia étnica, segundo qual o índio fica numa sub-lista piramidal. Os grupos étnicos têm seus espaços bem delimitados no imaginário social, transbordando para o convívio cotidiano real.

Como resultado do trabalho de campo, apresentamos os seguintes dados quantitativos que se somam às vozes dos sujeitos, irão servir como elementos constitutivos de entendimento do fenômeno investigado.

Levantamento da Classificação Étnica dos Alunos pelo Registro de Nascimento e pela Auto-Identificação

A, A3AAdg A) A) 0		D73AD) 0	37* , 7 *0 /	37* A2E7.
		, AS3AM0 , E7	, AS3AM0 , E7	A) 0 , EA1A3Anm7
JK	A C JO	Boa Vista C **	' arda	, e+ro
JI	B C KJ	Boa Vista C **	, ão re+istrada	, e+ro
JM) C JO	Boa Vista C **	Branca	Branco
JL	D . KJ	Boa Vista C **	' arda	, e+ro
JN	M . KJ	Boa Vista C **	, ão re+istrada	Branco
JP	M . JO	Boa Vista C **	' arda	, e+ra
JQ	M C JO	Boa Vista C **	, ão re+istrada	, e+ro
JS	* C JO	Mucala C **	, ão re+istrada	, e+ro
JO	` . JO	Boa Vista C **	' arda	, enhum
KJ	A C KJ	Manaus C AM	Branca	Branco
KK	A C KK	Boa Vista C **	' arda	, e+ro
KI	B C KJ	Boa Vista C **	' arda	, e+ro
KM) C KK	Altamira C ' A	, ão re+istrada	, e+ro
KL	A C KK	Boa Vista C **	Branca	, e+ro
KN	9 C KK	Au+ustin\$polis C E7	, ão re+istrada	, e+ro
KP	D C KJ	Boa Vista C **	' arda	And%+ena
KQ	D C KJ	Boa Vista C **	' arda	And%+ena
KS	E C KK	Boa Vista C **	' arda	, e+ro
KO	B C KK	Boa Vista C **	' arda	Branco
IJ	A C KJ	Boa Vista C **	' arda	And%+ena
IK	9 C KJ	Boa Vista C **	' arda	And%+ena
II	D C KI	Boa Vista C **	' arda	, e+ro
IM	* . JO	Boa Vista C **	' arda	And%+ena

IL	* C KK	Boa Vista C **	' arda	Branca
IN	E C KJ	Boa Vista C **	' arda	And%+ena
IP	A . JO	Boa Vista C **	' arda	, e+ro
IQ) C JO	Boa Vista C **	Branca	, e+ro
IS	: C JO	Boa Vista C **	, ão re+istrada	, e+ro
IO] C JO	Boa Vista C **	, ão re+istrada	, e+ro
MJ	D C JO	Boa Vista C **	' arda	, e+ra
MK	* C JO	Boa Vista C **	Branca	, e+ra
MI	* C JO	Boa Vista C **	Branca	Branco
MM	E C KJ	Boa Vista C **	' arda	Branco
ML	; C JO	Boa Vista C **	' arda	, e+ra
MN	0 C JO	Boa Vista C **	' arda	, e+ra
MP	9 . KJ	Boa Vista C **	' arda	, e+ra
MQ] C KK	Boa Vista C **	' arda	Branca e ne+ra
MS	E C JO	Boa Vista C **	Branca	, e+ra

Ao relacionarmos a auto.identificação do sujeito com determinado grupo étnico, sua justificativa para tal escolha percebemos discursos identitários de assimilação de características que representam uma postura ideológica diante do processo de identificação

A sociedade roraimense caracteriza-se por possuir uma pluralidade étnica significativa, sendo esta, produto de um processo socio-histórico de colonização e exploração iniciado no século XVIII, que inseriu num mesmo cenário dois grupos étnicos distintos o europeu, advindo de Portugal e o índio, habitante milenar destas terras. Esse contato favoreceu o intercuro dessas culturas, levando à construção de uma relação inelutavelmente miscigenada, multifacetada, uma unicidade marcada pelo antagonismo e pelo conflito

Observa-se que todos os alunos entrevistados nasceram na região, onde do Brasil Boa Vista, Manaus, Altamira, Mucaema e Amapá.

A última fase do processo migratório em Roraima, ocorrido em meados da década de 1960, trouxe muito trabalhadores rurais oriundos do Maranhão e do Estado do Pará, e de índigenas do Estado, onde de Roraima, que se instalaram nos bairros periféricos da cidade de Boa Vista, onde o governo do Estado construiu um grande conjunto habitacional, que em

decorrência desse ato surgiram outros bairros em seu entorno (10**A, K00P; SADVA; S72WA, IJJP)

Identificação pela cor segundo o *e+istro de , ascimento
'ardo4 IM
3or não.re+istrada4 JS
Branco4 JQ
, e+ro4 JJ

Segundo o AB / 0, a cor parda ! uma cor intermediária entre o negro e branco, branco e índio, deixando de lado os termos caboclo, cafuzo e mameluco, &5 h5 muito em desuso por causa de sua caráter discriminatória. Mas esse termo, muito usado para fins de identificação, gerou muita polêmica por esconder a afirmação étnica do sujeito, dessa maneira impossibilitando a efetiva organização dos movimentos que lutam em defesa do seu grupo étnico como ! caso do movimento negro quando alguns negros se apresentam e são apresentados como *marrom-bombom, moreninho, moreno-jambo.* , o caso específico de *oraima, o indígena ou seu descendente ! classificado como *regional, roraiminha, ula-ula, caboquinho*, descaracterizando e poluindo sua identidade *e+istrar as crianças como pardas seria de certa maneira torná-las menos mar+inais (SA , E7S; SADVA, IJJP)

A cor segundo a Auto. identificação
, e+ro4 IM
Branco4 JS
And%+ena4 JN
) upla identificação , e+ro4 Branco4 JK
, ão se identificou4 JK

7 entendimento a respeito da auto. identificação passa necessariamente pelo debate sobre identidade social em um contexto desfavorável, que está intrinsecamente ligado a noção de pertencimento, aceitação e sobrevivência. Pois, as várias configurações de identidade habitam reflexões dos teóricos da modernidade, como / iddens (K00K) ou da pós-modernidade como Boaventura Santos (IJJJ) e e+em a circunscrição deste homem ao momento atual do

mundo globalizado, marcado por um capitalismo desorganizado, a fim de explicitar as novas bases sobre as quais se articulam o pessoal e o social na contemporaneidade

Assim, a relação entre o visível e o invisível, o manifesto e o não manifesto, do conteúdo indicado nas falas dos sujeitos, foi aqui referenciado como parte de um processo educacional em permanente construção e reconstrução, cuja expressão do que se evidenciou como visível e repetitivo, foi tomado como um referente expresso em palavras que iremos discorrer no próximo capítulo

3. REPRESENTANDO UMA POSTURA

3.1 – A escola como espaço de conflitos

Com todos os avanços humanos, é possível observarmos a utilização de meios didáticos como ferramentas de transmissão de informações por meio dos quais os sujeitos compartilham conhecimentos, simbolismos, valores, percepções e representações, as sociedades de cultura complexa, apareceu a necessidade de sistematização dessas informações, nas quais mediante modelos formais e centralizados aos saberes e interesses são transmitidas aos sujeitos. Com essa sistematização das informações, acreditava-se que essa seria a maneira mais viável de adquirir e desenvolver um conhecimento especializado que atendesse a realidade objetiva da sociedade

Osse *locus* espacial.institucional de conhecimento foi denominado Oscola, constituindo.se num sistema aberto que passou a fa"er parte da superestrutura social, formada por diversas outras institui#=es como4 fam%lia, i+re%a, meios de comunica#ão A sistem5tica escolar ! or+ani"ada para cumprir uma fun#ão social que, em +eral, est5 de acordo com as demandas sociais

7 seu principal ob#etivo ! capacitar su#eitos especiali"ados para assumir seu espa#o na sociedade capitalista, ou se#a, um su#eito produtivo, submisso, tendo boa intera#ão com o seu +rupos social 'ara isso, ! necess5rio manter ativos os controles sociais, que são formados por re+ras aplicadas ao cotidiano escolar, eliminando qualquer disfun#ão que venha impedir a efetua#ão do processo educativo 'ara um controle mais efica", utili"am.se recursos que podem variar desde puni#ão at! a se+re+a#ão ou mar+inali"a#ão dos +rupos considerados desviantes da norma e do *status quo* estabelecido Ossas re+ras institucionais operam de modo simb\$lico, repercutindo e le+itimando outros espa#os sociais que habitualmente estão de acordo com as inst#ncias de poder (AB*AM7VA` , IJJI)

A introdu#ão dos infantes como atores sociais nesse espa#o ! feita, na maioria das ve"es, como pr5tica natural, que t5 fa" parte da sua e@ist-ncia de maneira arbitr5ria 9ustificando tal pr5tica, os pais egou fi+uras de autoridade o definem como via de acesso ao conhecimento de teorias, conceitos e modelos relacionais ao conte@to s\$cio.cultural que formam a vida em sociedade, para então possibilitar o in+resso no mercado de trabalho e poder ser um su#eito produtivo Om outras situa#=es, os pais atribuem > escola a fun#ão de produ"ir su#eitos com uma refle@ão cr%tica e uma a#ão pol%tica transformadora, +arantindo o seu e@erc%cio pleno de cidadania Assim, acredita.se que o espa#o institucional propiciar5 um ambiente de crescimento eqVitativo para todos os que usufruem os seus servi#os,

aperfeiçoando suas atribuições pessoais e, a partir de então, propiciará o acesso à vida em sociedade

Dentro dessa reflexão sobre a função social da escola como instituição social com atribuição de formar sujeitos capacitados, algumas indicações devem ser feitas. Até que ponto a escola estaria correspondendo a tais atribuições? Qual o tipo de cidadão que estaria sendo construído nesse espaço? Um dos aspectos que dão margem a esse tipo de questão seria a observação do método de ensino adotado pela instituição, o qual parece encontrar-se pautado em um padrão que atende às necessidades apenas de determinados grupos; e dentro de uma compreensão monolítica, desconsideram a pluralidade cultural presente em uma sala de aula. Assim, a escola poderá ser um espaço de absorção dos valores de grupos dominantes, levando de modo sutil e eficaz a satisfação dos interesses capitalistas em relação à questão indígena. A negação das questões que envolvem a imagem do indígena na escola poderá contribuir para a acentuação da exclusão social em outros espaços sociais.

A escola nessa perspectiva do domínio ideológico vai de encontro às suas propostas de construção de um sujeito crítico e polido, capaz de modificar a ordem social. Nesse sentido, a escola poderá ser um meio de manutenção das desigualdades sociais pelo uso de métodos simbólicos e indiretos de coerção social, cultural e político. A desconstrução dessas estratégias de dominação pode ser de difícil acesso devido ao crédito atribuído à escola como detentora do saber e dos conhecimentos tidos como verdades, tornando-se mais fácil a interiorização e consolidação dos valores que perpetuam as inferioridades, como a imagem negativa do indígena e seus descendentes neste espaço social.

3.2 Relativizando a questão negra com a questão indígena: para início de uma reflexão crítica

Com o objetivo de coletar informações sobre a relação entre auto-identificação e o processo identitário, usamos como procedimentos, fotografias e um modelo de entrevista semi-estruturada que proporcionaram a comparação entre grupos étnicos predominantes no processo de ensino, quando se trata de questões ligadas a cor e etnia, grupo 1: *indio-descendente*; grupo 2: *negro*; e grupo 3: *branco*. Após essa visualização e auto-identificação pedimos para justificar sua escolha. A partir dos discursos explicitados pelos entrevistados construímos um debate com o intuito de interpretar as dinâmicas sociais explicitadas pelos sujeitos. Analisando as respostas às seguintes perguntas: *1) Depois de observar as fotos, marque com "X" o grupo de alunos que você mais se parece ou que você mais gostou? 2) Porque você escolheu essa resposta?*

Com o decorrer da pesquisa, analisamos as falas dos sujeitos dos três grupos étnicos estabelecidos, interpretando seus argumentos a respeito sua identidade e a representação social das diferenças.

Devido ao fato de não existir nem mesmo o pressuposto de referenciais que estudam as diferenças étnicas que envolvam o debate a respeito da representação da imagem do indígena e seus descendentes no ambiente escolar, optamos por começar nossa reflexão fazendo uma relação paralela de nossa temática com pesquisas realizadas sobre diferenças étnicas entre crianças de escolas públicas, como as de 7 liveira (KOOL), 3 avaleiro (IJJM), 1ª "A" (IJJN), quando nestes trabalhos investigou-se como eram estabelecidas as relações entre crianças negras e brancas em sala de aula e em outros ambientes da escola.

Observou-se que os dois grupos se relacionavam de maneira tensa, se-re-ando, excluindo. A criança negra mantinha-se em uma postura introvertida, recusando-se em muitos momentos a participar das atividades coletivas propostas, com medo de que os outros rissem dela, ou seja, para não ser rejeitada ou ridicularizada. Isso ilustra o quanto uma situação social pode silenciar as crianças negras, reduzindo-as a um estado quase de mutismo e invisibilidade em sala de aula, levando-as a profundo desconforto, intensificado pelo sentimento de não-pertença.

3avalleiro (IJJM), em atividades propostas em sala de aula, solicitou às crianças que falassem sobre si em uma redação. O que se viu foi que a criança negra se auto-referia de modo depreciativo, descrevendo-se a partir do discurso dos seus colegas: "*feia, preta, fedorenta, cabelo duro*", não se sentia desejada nos grupos.

A criança negra pode ser submetida a uma violência simbólica, manifestada pela invisibilidade da figura do negro no conteúdo escolar, ou pela linguagem verbal por meio de insultos e piadas depreciativas, demonstrando de modo explícito o desrespeito dirigido a esse grupo étnico, aprendido muito cedo pelas crianças classificadas como brancas.

A criança negra também pode incorporar esse discurso e sentir-se marginalizada, inferiorizada, desvalorizada, excluída e por fim estigmatizada, sendo levada a falso entendimento de que não é merecedora de respeito ou dignidade, lutando-se sem direitos e sendo visto como algo indesejado. Esse tipo de sentimento está pautado nos discursos transmitidos às crianças de que para ser humanizado é preciso corresponder às expectativas do padrão dominante, ou seja, ser branco (1AWWA, IJN).

Esses estímulos ao *embranquecimento necessário* são transmitidos pelo sistema social que envolve o sujeito e, além disso, pelo sistema mais próximo dele, a família. Esse tipo de

ação condu" não apenas > desvalori"ação do *eu*, mas tamb!m acarreta intensa an+Tstia, porque a crian#a não conse+ue corresponder >s e@pectativas (3AVADD0A* 7, IJJM) Assim, a identidade da crian#a ne+ra passou a ser lesada4 ao se voltar para o seu pr\$prio corpo, as crian#as encontram as marcas da e@clusão, relei#ão e, portanto, insatisfa#ão e ver+onha

Buscou.se entender a identidade, como um con&unto de ima+ens, representa#=es, conceitos de si, sendo considerado, especialmente, o car5ter dial!tico de sua constru#ão, e a import&ncia da alteridade nesse processo ^ imposs&vel falar de identidade sem falar de sociabilidades A identidade pode ser entendida como um con&unto de representa#=es que a sociedade e os su&eitos constroem sobre al+o que uni uma e@peri-ncia humana, multifacetada, tanto no plano ps&quico como no plano social nos mais diversos n&veis (MA * X 2 0S,K00Q)

3 ompreendemos a Aidentidade como um fen<meno que emer+e da dial!tica entre o su&eito e a sociedade (B0 * / 0 *; D 2 3 J MA , , , K00K, *apud* 3A *) 7S7) 0 7DAV0A * A, K0SN, p LM), Yesta ! mantida ou remodelada pelas rela#=es sociais, formadas a partir do contraste com a outra identidadeZ Om nossa pesquisa, essa identidade contrastada ! do mi+rante *não-índio* que alme&a a constru#ão de um +rupu ou comunidade, com a do nativo, *índio-descendente*

A identidade ! o con&unto de caracter&sticas pr\$rias e e@clusivas de uma pessoa ou de um +rupu Ola estabelece a forma#ão da personalidade de cada su&eito influenciando suas atitudes dentro do +rupu que fa" parte, identificando.se ou não, sendo essa identifica#ão que estabelecer5 sua rela#ão de sobreviv-ncia no +rupu^{KS}

^{KS} 7 conceito de +rupu pode ser definido como um con&unto de pessoas, e podem ser estruturado ou não. estruturado As caracter&sticas são4 a) as rela#=es entre os membros são interdependentes, i e , a conduta de um deles influi a conduta dos outros; e b) seus membros compartilham a mesma ideolo+ia, i e , um con&unto de valores, cren#as e normas que re+ulam sua conduta m&tua 7s +rupos não . estruturados não tem as caracter&sticas citadas outrora São situa#=es ef-meras uma via+em em um avião ou <nibus, assistir filme em um cinema, ou ver um acidente são e@emplos de +rupos não.estruturados 7 que fa" um +rupu se diferenciar de outro ! o aspecto ideol&ico) icion&rio de 3 i-ncias Sociais, Oditora4 1 / V, K(Odi#ão, *io de 9aneiro4 K0SP

Serve como referencial entre o sujeito e sua representação na sociedade, pois a formação da identidade individual da perspectiva de afirmação ou não, v- os efeitos das suas relações durante e depois da instalação em um determinado espaço físico, fazendo a dicotomia entre indivíduo e sociedade

A fala de uma entrevistada nos chama atenção na pesquisa pelo fato de ter notado que existe o ideário de diferença e poder entre crianças de tonalidade de pele diferente. *eu acho que toda pessoa que nasce morena tem um sonho delas é ser branca [...], a pessoa branca gosta de ser racista com a pessoa morena, mas eu acho que aquela pessoa morena não gosta de racismo da pessoa branca* D^{KO}, KI, AA^{IJ}ne+ro A criança ne+ra poder5 acabar por ne+li+enciar a sua tradição cultural, por ser pouco ou nunca trabalhada didaticamente em sala de aula em favor de uma postura de *branquitude* que lhe foi imposta como ideal de realidade social e pessoal de inserção

Essa postura de compreensão e de querer ser branca acreditamos ser decorrente da internalização de que *embranquecer* seria o único meio de ter acesso ao respeito, e > diversidade. Como observamos nesta outra fala: *as crianças brancas estão estudando e respondendo as tarefas e é muito bom. E eu também estudo para a faculdade. E depois da faculdade eu vou procurar um emprego*), O, AA4branco

Esse ideal de *embranquecimento* faz com que a criança deseje mudar tudo em seu corpo, cabelo, cor da pele, formato do nariz, +rossura dos lábios etc, porque no seu imaginário para se ter sucesso da vida ! necessário ser branco. 7liveira (K00L) nos mostra que no discurso de uma das crianças entrevistadas em sua pesquisa, uma frase causou espanto: *Eu queria dormir e acordar branca do cabelo liso*. A argumentação dessa criança nos leva a supor que seria como acordar de um pesadelo, povoado de insatisfação, vergonha e rejeição

^{KO} ' or questões éticas usamos apenas a inicial do nome do entrevistado

^{IJ} AA C Significa Auto. Identificação

rumo a uma nova vida. A criança não entende nem é entendida nesse sistema educacional, reproduz um padrão hegemônico estabelecido, estigmatizando a criança negra como incapaz, frustrada e sem personalidade.

Além desse modelo simbólico discriminatório, ele também é reafirmado pela não-verbalização, ou seja, pelo silêncio, quando estudos mostram que parece haver a falta de contato físico afetivo por parte dos professores para com as crianças negras, demonstra assim a rejeição ao seu grupo étnico causando-lhes sentimento de se-rejeição, essa condição, o seu sofrimento não é reconhecido, havendo uma aparente falta de acolhimento por parte dos profissionais (LAWWA, IJJN), que silenciam ou se omitem em face de uma situação de discriminação. Essa postura denuncia a banalização do preconceito e a conivência dos profissionais com ele, resta saber se por despreparo ou conivência (* 7 Mm7, IJJK)

^ observável que em alguns casos, falta de intervenção por parte dos profissionais da escola diante de tal problemática, aspecto esse também observado no ambiente escolar pesquisado. Alguns fatores que estariam implicados em tais questões seriam: a) Os educadores poderiam estar imbuídos de forte impronância da ideologia dominante, que oprime e nega tudo aquilo que se distancia do padrão estabelecido pelas ideias dominantes, impossibilitando-os de pensar numa perspectiva multicultural; b) A escola como espaço de poder, acreditando que ela seria a detentora de um suposto saber e, por conseguinte, possuidora da verdade absoluta, intimidando alguns educadores a não ultrapassar os limites, não questionando determinada postura ou a adoção de determinado material didático predominado pela ideologia branqueada, permanecendo a sensação de mal-estar que não é significada, ou seja, não é falada, dando continuidade ao silêncio e > cumplicidade com determinadas atitudes; c) e por fim, e não menos importante, a falta de preparo dos professores para lidar com a questão étnico-racial em sala de aula, desencadeando a difusão da

discriminação e do preconceito. Essa falta de preparo impossibilita a decodificação e a intervenção do educador em situações que denotem sinais de preconceito, pois não têm como identificá-los.

3.3 O lugar da minoria

A representação que se tem do índio em *Oraima* é que ele *é feio, preguiçoso, fedorento, burro e atrapalha o desenvolvimento...* Para entendermos melhor porque se criou essa imagem nos fundamentamos em Moscovici (IJJM), que compreende a representação social como um conjunto de conceitos, explicações e afirmações interindividuais poder-se-ia dizer que são a versão contemporânea do senso comum.

As pessoas constroem suas representações nos seus grupos sociais, através das conversas, das visões, das crenças que veiculam através dos meios. Assim, os pré-conceitos, conceitos e imagens vão sendo aceitos, naturalizados, considerados verdadeiros, embora sejam apenas representações. Muitos dos preconceitos, dos estereótipos, das exclusões, decorreram desse processo e dos equívocos que pode gerar essa maneira inicial de ver as coisas.

O intercuro histórico nos mostra que o contato entre grupos étnicos diferentes desencadeou alguns desencontros no que tange a interesses e aos modos de vida. As diferenças se acentuaram, levando à formação de uma hierarquia de classes e de cor que deixava evidentes a distância e o prestígio social entre colonizadores e colonos. Os índios, em especial, permaneceram em situação de desigualdade situando-se na marginalidade e exclusão social, sendo esta última compreendida por uma relação assimétrica em dimensões múltiplas: econômica, política, cultural reforçada pela legitimação do discurso do estrangeiro. O naturalista Azevedo ao analisar aspectos bioantropológicos do homem da

Amanhã, avaliou de maneira negativa o que ele chamou de híbridos – o sujeito resultante do cruzamento de diferentes raças perde as melhores características das raças puras. Segundo esse pesquisador europeu,

o resultado de ininterruptas alianças entre mestiços – uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que tenha conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado (A / ASSAW, KOQN, p. KSL)

Assim e sua mulher parecem um tanto chocados não apenas com a mestiçagem propriamente dita, mas também com a aceitação pela sociedade de pessoas de todas as cores. Durante sua estadia em Manaus, o casal teve a oportunidade de ir a um baile, oferecido em homenagem a Evares Bastos. Oliabeth fez o seguinte comentário quanto aos participantes da festa:

Ora grande a variedade de toaletes; sedas e cetins roçam-se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades, do negro ao branco, sem contar as cores acobreadas dos índios e dos mestiços. Não há aqui, com efeito, o menor preconceito de raça. Uma mulher preta há admitido-se, e se vê, que se é livre há tratada com tanta consideração e obtém tanta atenção quanto uma branca (A / ASSAW, KOQN, p. KQL)

Essa visão excludente relacional se verifica após mais de um século quando pelo menos 1/3 das populações negras e pardas são analfabetas, esse índice se acentua para baixo quando se observa o indígena, que possui menos de quatro anos de estudo funcional de acordo com o IPEA. A pesquisa nacional por amostra de domicílios mostra ainda um contínuo e expressivo de uma trajetória escolar difícil em que acompanhado de baixo rendimento, índices de reprovação e evasão maiores do que os das crianças classificadas como brancas. Mostrando dessa maneira que o estigma causado pela exclusão discriminatória

fruto de um modelo de preconceito dominante somado a pobreza, causa sérias complicações no processo ensino-aprendizagem na infância (LAWWA, IJJN; SAVADDOA* 7, IJJM)

Para compreendermos essa dinâmica social relacionada > problemática étnico-racial, apontamos alguns indicadores, como o reflexo do contexto familiar desfavorável, quando percebemos que os pais têm pouca escolaridade, somado a falta de tempo de acompanhar a vida escolar de seus filhos, a falta de acesso a materiais didáticos e cursos paralelos, ou ainda, a representação da escola que, para muitas crianças discriminadas, é um referencial de fracasso e exclusão por não conseguirem bons resultados, embora isso não seja impedimento meramente cognitivo, mas uma possível dificuldade de inserção no espaço escolar das crianças pertencentes aos grupos étnicos tidos como inferiores como negras e indígenas, por se sentirem excluídas do mesmo, se configuram como uma exclusão simbólica, & que a criança tem acesso > matrícula e > sala de aula, mas não é aceita no contexto mais amplo

A imagem do índio de ontem idealizada e caracterizada pelos cronistas, naturalistas e viajantes na América, e a imagem do índio hoje observada pelos colonizadores e invasores em nossa época tem uma semelhança significativa apesar do tempo cronológico que os separa, ele ainda é visto como o estrangeiro de dentro, um sujeito que não é bem vindo, desperta um discurso pautado no senso comum, sua imagem está atrelada ao atraso em relação ao modelo estatal de desenvolvimento. Há evidente imagem negativada do indígena e seus descendentes é observada nos mais diversos espaços sociais de nossa época, sobretudo na capital, Boa Vista, que é composta por uma grande maioria de não-índios migrantes e filhos de migrantes. Essa imagem é difundida também no espaço escolar, onde os estudantes reproduzem uma postura aprendida socialmente nos meios midiáticos e em suas residências

Ossa imagem neativada focou mais evidente com as demarcação e homologia de terras indígenas no Estado como veremos nos mapas, e pelo crescimento da resistência política organizada nas últimas décadas

Esse modelo de relação torna-se mais perceptível com a observação do cotidiano escolar, que apresenta imagens caricatas do Índio, como comedor de raízes (mandioca, macaxeira, batata, etc), indolente, preguiçoso ou mesmo sua ausência nos livros, cartazes, em datas comemorativas, como a Independência do Brasil, lutas sociais, Dia das mães, Dia dos pais, entre outras datas sempre lembradas na escola, que em geral ilustradas por uma família branca, o que leva a criança indígena a não se reconhecer nesse conteúdo. Existe ainda uma ausência de conteúdos que problematizam as diferenças étnicas, sobretudo do Índio nos currículos escolares, privando as crianças índio-descendentes de conhecerem a sua história milenar. É possível observar a demonstração de preconceito e discriminação proveniente de colegas e algumas vezes até de professores despreparados para esse debate, que violentam por meio de insultos e exclusão a identidade indígena

As representações são criadas pelas pessoas e grupos no decorrer da comunicação e da cooperação que se estabelece em seu meio. A partir desta criação, ganham mobilidade social, circulam, convergem, divergem, permitindo que novas representações surtam, e antigas sejam superadas. Os sujeitos operam um papel ativo nesse processo dialético de criação, circulação e renovação

A exclusão simbólica, que pode ser manifestada pelo discurso do outro, parece tomar forma a partir da observação do cotidiano escolar quando o aluno fenotípico indígena é excluído dos processos de socialização. Este poder ser uma via de disseminação da discriminação por meio da linguagem, na qual estão contidos termos pejorativos que em geral desvalorizam a imagem do Índio e de seus descendentes. Nessa maneira o aluno se torna um

sujeito estimado ^ importante lembrarmos que o estigma ! um processo que tem raízes lonquas ele ! construído em uma perspectiva psicossocial ^ descrito como a qualidade que desacredita significativamente um sujeito aos olhos de outro, preconceituando-o para depois se reafirmar. Esse fenômeno ocorre quando se pratica uma distinção contra uma pessoa da qual resulta que essa pessoa ! tratada de forma desigual ou injusta, sendo essa distinção baseada no fato da pessoa pertencer, ou julgar-se que pertence, a um grupo particular. Eambém provoca importantes consequências na maneira como cada sujeito vê a si próprio

, essa dinâmica o cotidiano escolar vai dando indícios do lugar do índio descendente nesse espaço escolar. Muitas crianças acabam resignando-se a esse não-reconhecimento, a ponto de se avaliarem de maneira distorcida, considerando-se incapazes, inferiores e, ao menor sinal de dificuldade, abandonam o processo escolar

A identidade de indígenas e índios descendentes ! colocada como uma relação de diferença calcada na subalternidade e na diferença de classes. Boaventura Santos (IJJJ), ao relacionar identidade e questões de poder, nos lembra que quem ! obrigado a reivindicar uma identidade encontra-se necessariamente em posição desfavorável, de carência, ameaça e/ou subordinação. Esta posição ! sustentada por representações sociais que justificam a inferioridade estrutural do grupo, nas quais no ambiente escolar podemos identificar forte disposição preconceituosa ou que se confia pela seara

Sobre a instituição escolar e suas relações sociais estabelecidas, conforme já salientamos, entendemos como ambiente capaz de produzir e reproduzir formalmente as informações e conhecimentos produzidos para sua clientela, os alunos. A educação ! um processo sistêmico de ensino e aprendizagem pelo qual repassamos e recebemos informações das mais diversas áreas do conhecimento humano, trabalhadas com métodos e metodologias

que facilitam o entendimento sobre determinados assuntos que permeiam nossas vidas cotidianas, a partir das orientações políticas se+uem objetivos determinados

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade da criança. Olhar lançado sobre a criança e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, se+re+5.las e at! mesmo ne+5.las

^ importante notar que a identidade construída pela criança não.ind+ena se d5 não s\$ por oposi#ão ao índio.descendente mas, tamb!m, pela ne+ociação, pelo conflito e pelo diálogo com este. As diferenças implicam processos de aproximação e distanciamento, esse diálogo completo, vamos aprendendo, aos poucos, que as diferenças são imprescindíveis na construção da identidade, e nos modelos discriminatórios

As características que o estigma marca estão intrinsecamente ligadas >s características marcantes nos aspectos físicos fenotípicos ou de origem, o que Traci, o+ueira chama de *preconceito de marca e preconceito de rótulo*, ou os dois aspectos somados, como por exemplo, a cor da pele, o modelo de nariz, o formato e a cor do cabelo, a forma de andar, vestir, comer, e+altar as divindades, entre outras características individuais ou coletivas, essas classifica#=es podem ser totalmente arbitrárias (, 7 / 20A*A, KONN)) entro de um determinado enquadramento cultural, alguns atributos são escolhidos e definidos, pelo outro, como desvalorizadores e desacreditadores

7 processo de estigmatização observável num e noutro cenário inter.racial ou inter!tnico ! por esse autor caracterizado pela dicotomia apar-nciagascend-ncia !tnica, a primeira, e+pressa no preconceito de cor ou de marca; a se+unda, manifesta como preconceito de origem, do local de nascimento. Sobre esse aspecto di" ele4

Quando o preconceito de raça se refere em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de *marca*; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de *origem* (, 7 / 2011, KONN, p. 120)

, a perspectiva teórica de Tiziana, o que percebemos que os índios e os índios descendentes sofrem o preconceito duplo, pela cor da pele, pelo seu local de origem, e adicionamos mais um elemento a esse conjunto de preconceitos em se tratando de Guaraní, a luta política pelos direitos sociais

Portanto, o pior é o efeito moralmente perverso do etnocentrismo colonial explorador, que tende a transformar a consciência indígena numa consciência infeliz, estigmatizada e que descreve essa consciência como dividida em duas, levando o índio a se ver com os olhos do não-índio, do colonizador. A esse respeito Charles E. Taylor (1990) argumenta que, apesar disso, a sociedade branca formou uma imagem depreciativa e qual certamente, os discriminados não tiveram força para resistir. Nesse ponto de vista, esta autodepreciação tornou-se uma das armas mais eficazes de sua própria opressão

, a década de 1970, Hoffman (1978), investigou as interações ocorridas entre atores sociais na vida cotidiana e as construções resultantes destas interações. Nesta nova perspectiva, passou-se a afirmar que sujeitos constroem suas identidades e que a manutenção destas identidades depende do processo resultante das interações mantidas por estes sujeitos no processo de compreensão de si próprios e de suas intervenções na realidade

As identidades coletivas passaram a ser compreendidas a partir não só de um acúmulo de interações sociais, mas também da ação político-estratégica de atores sociais. Hoffman analisa detidamente a temática, oferecendo fatos elementos para a compreensão do fenômeno que se encontra mais próximo de nós do que nos damos conta

Um dos aspectos que mais chama a atenção refere-se ao fato de que o estigma configura-se como algo eterno ao sujeito. Quando se trata de uma característica que se constitui em alvo de estranhamento para os demais para seu portador ela nada mais! que parte de sua história, de seu ser, que compõe sua identidade. Este autor trabalha com os mais variados tipos de fontes de estigmatização: cor da pele, fisionomia, deficiências físicas, ou mentais, origens nacionais e regionais, particularidades linguísticas, entre outras características

, essa perspectiva, fica evidente que neste sujeito que se considere no dever de decidir sobre o estatuto do outro enquanto ser humano rotulando-o, marcando-o, estabelecendo um *selo de qualidade*. Embora nem sempre fique explícito, são sujeitos que pensam que têm o direito de decidir que pessoas poderiam, em sua opinião, serem considerados descartáveis, cidadãos de segunda classe, sendo menos humanos que os demais, dentro de uma categoriação que consideram cabíveis e justificáveis. A reprodução desse modelo de autoafirmação e descarte fica evidenciada de maneira implícita em falas como esta: *Eu escolhi o grupo branco porque eu sou branco eu tenho orgulho de ser branco porque eu acho bonito a minha cor. Eu queria ter um filho branco igual a mim. B, 11, AI:branco.*

Os situações de interação que Hoffman analisa, demonstra como os discriminadores procuram fazer com que o sujeito portador de estigma seja exposto o tempo todo. O principal objetivo! submetê-lo constantemente > prova, sobretudo visando fazer com que seja desacreditado por ser portador de uma característica pessoal-cultural-étnica. Ou melhor, para que se sinta desacreditado, invisibilizando sua atuação, sua inserção efetiva no grupo social, nas instituições

^ com base nesse processo básico que se criam condições de deterioração da identidade da vítima de estigmatização, a partir da qual facilita a manipulação de seu comportamento, atitudes, sentimentos, potencializando mecanismos de exclusão social e

cultural 'percebemos isto ao interpretarmos atitudes de crian#a envolvida na pesquisa; di" ela ao fa"er a observa#ão de uma foto das crian#as *Porque na imagem tem um menino que é meio careca e quando eu era pequeno eu só cortava meu cabelo igual ao dele. E também por que parece que ele estudou na mesma escola que eu, e porque ele é da minha cor. A figura um e três das crianças se parecem comigo por isso eu escolhi a figura dois (negro).* A, 11, *AI:negro* 7 aluno que respondeu em sua auto.identifica#ão desta maneira possui tra#os fision<nicos que fenotipicamente quem o v-, o classifica como %ndio.descendente 'percebemos nesse ar+umento o que / offman nos mostra como manipula#ão identit5ria

2m dos aspectos mais perversos do processo de esti+mati"a#ão ! o que se refere > sua le+itima#ão por parte do pr\$prio discriminado ^ claro que não se espera que e@ista quem se ofere#a para sofrer processo tão doloroso, mas os mecanismos de le+itima#ão são variados, li+ados, de maneira +eral, a sentimentos de amea#a, medo e > busca da sobreviv-ncia em um espa#o conflituoso Osse sufocamento esti+mati"ador causa comportamento de revide4 *eles (índios) têm um jeito legal e já as fotos de número três (brancos) eu achei muito feia. Eles tinham um jeito que queriam ser mais do que os outros, eles eram mais que os demais. Como mais ricos, mais limpos e mais [...], por isso que eu achei a figura um mais legal, nas três eles queriam ser mais que os outros.* L, 10, *AI:índio-descendente.*

Ainda de acordo com / offman (KOSS), outra maneira de le+itima#ão, que em sua opinião ! a mais cruel, ! a que leva o esti+mati"ado a esti+mati"ar outro ^ como se a esti+mati"a#ão fosse inevit5vel, ficando para as prov5veis v%timas a decisão de quem seria o escolhido 3om isso, ocorre uma situa#ão em que uma v%tima potencial indica outro como merecedor da esti+mati"a#ão, pensando dessa maneira ser menos *pior* Erata.se, sobretudo, de pacto que se fa" de maneira t5cita do esti+mati"ado com o esti+mati"ador 7u ainda, em se tratando de +rupos, sempre que um +rupos esti+mati"ado ele+e, internamente, entre seus

membros, alvos de esti+mati"a#ão, repete.se o processo desenvolvido pela sociedade que por outro, o reconhece e le+itima como al+o comum e normal

Eu não gostei de nenhum grupo, nenhum se parece comigo. Y,9,AI: Não se identificou com nenhum grupo Mas fenotipicamente poderia ser classificado como branco A não auto.aceita#ão muito observada no conte@to escolar pode ser decorrente de um poss%vel comprometimento da identidade em forma#ão devido a atribui#=es ne+ativas provenientes do seu +rupu social diante do etnicamente inferiori"ado, no caso em estudo o %ndio.descendente

'ara 7liveira (K00L), essa internali"a#ão do discurso alheio ocorre porque a avalia#ão, antes de ser pessoal, ! social O grupo que mais gostei foi o grupo dois, por que na minha opinião ele tem três meninas e dois meninos, as meninas são morenas cabelo cacheado e preto. E os dois meninos eram morenos também eles estavam desenhando cada um estavam fazendo os seus desenhos de tinta guache, e os outros estavam pintando com lápis de cor, foi isso que eu gostei do grupo dois e eles não eram parecidos comigo, mas eu gostei do grupo. M,9, AI:negra.

,ossa identidade ! resultado de um processo dial!tico entre o que ! de car5ter individual e cultural, ob!etivo e sub!etivo em uma produ#ão s\$cio.hist\$rica, um processo criado e recriado continuamente ^ pelo olhar do outro que nos constitu%mos como su!eitos, ! a qualidade desse olhar que contribui para o +rau de auto.estima da crian#a4 o grupo um é formado por pessoas carentes e saudáveis com mais alegria e até porque, parecem mais na foto indicando, uma carência no olhar. No sorriso atencioso e etc. Eles são pobres de tribos pobres com quantidade financeira pouca de se viver. R, 9, AI:índio-descendente Apesar de o entrevistado não ter posto de maneira clara seu modo de ver a ima+em um, ele dei@a transparecer em seu ar+umento, certa piedade ao +rupu !tnico do qual se identifica

Com a internalização, a criança vai tornando sua os elementos que são compartilhados pela cultura, após esse processo o discurso social passa a ter um sentido individual, sendo o psiquismo humano uma apropriação dos modos e costumes sociais (VARESE, KOSL). A mensagem transmitida é que, para o índio existir, ele tem de ser branco, ou embranquecer com o tempo pela readaptação aos modelos dominantes, para se afirmar como pessoa precisa negar o seu corpo e sua cultura, enfim, sua etnicidade. O resultado dessa penalização é o desvirtuamento da identidade individual e coletiva, havendo um silenciamento a discriminação por parte da criança que passa por um processo de formação, e do cidadão ao longo da vida.

Quando se discute discriminação étnica contra indígenas e seus descendentes, como fator de ameaça à integridade, não se pode omitir ou dispensar a discussão de conceitos que podem ser úteis. Nesse sentido, o caso dos conceitos de *exclusão, ironia, indiferença e suas relações*.

Essa fala, mais uma vez, vemos um entrevistado que se auto-identifica como índio descendente com argumento que aqueles grupos étnicos, *são pessoas que precisam de ajuda, porque são pessoas que necessitam de alimentos* (J10, AI:índio-descendente).

Percorrendo vários campos das relações sociais, os estigmas alcançam tanto os índios descendentes, como os meninos de rua, os que são portadores de necessidades especiais (físicas, mentais, ou psicológicas) e os homossexuais. Sendo um modelo seletivo estabelecido que atende a critérios, atributos ou características pessoais, sociais e culturais percebemos esse conteúdo quando vemos não-índios se referirem aos índios ou índio descendentes *Olha aquele caboco feio, deve ser ladrão!*

A construção, aceitação e divulgação do preconceito e do estigma são, em si, processos seletivos, geradores de violência. Ossa construção é realizada por seres dotados de racionalidade, seres pensantes, capazes de raciocínio e de intenções.

^ preciso compreendermos melhor as relações estabelecidas entre discriminação e estigma. O estigma é uma marca, um rótulo que se atribui a pessoas com certos atributos, que se incluem em determinadas classes ou categorias, por serem comuns na perspectiva de desqualificação social. Os rótulos dos estigmas decorrem de preconceitos, de ideias pré-concebidas, cristalizadas, consolidadas no pensamento, crenças, expectativas socioindividuais (// 711MA, KÖÖN)

Entendemos que arquitetura dos vínculos e das práticas sociais é permeada por uma construção coletiva sobre a realidade que orienta as condutas e guia as ações. Segundo Hoffman (KÖÖN), a identidade revela a representação do outro e ao mesmo tempo oferece uma análise posicional das relações sociais que foram constituídas entre o sujeito e esse outro sujeito.

Quando esse processo ocorre como uma construção interativa em que existe uma tensão e uma articulação dos processos identitários que influenciam os sentidos atribuídos às representações sociais, e simultaneamente são influenciados por estas, pois não existe a identidade sem a diferença e/ou por meio da representação (3 * 2W, IJJP, p. KPS)

Assim, os atributos ou características que justificam o estigma são previamente avaliados, com pouca ou nenhuma oportunidade de análise crítica e consciente, que os associe às circunstâncias reais da vida e das relações humanas, sociais. Conseqüentemente, o preconceito é inflexível, rígido, imutável, prejudicial e dialéctico.

Os que constroem ou aceitam preconceitos, constroem e aceitam estigmas (// 711MAM, KÖÖN). Ambos, preconceitos e estigmas, promovem e naturalizam palavras ou

ações violentas. Por conseguinte, essa construção pode ser a origem e o início da violência, nesse caso a violência física.

Almeida (IJJP), diz que pensar a violência em nossa sociedade nos remete a uma reflexão sobre as relações sociais que se constroem e estruturam o pensamento social, que o mantêm ou transformam. Continua argumentando que vale a pena lembrar que as relações sociais são permeadas por relações de poder que se instalam nas relações de gênero, de classe, cultura e etnia, entre as diversas categorias e grupos.

3 Cada sociedade ou cada cultura, ao longo de sua história, em um interminável processo de negociação entre seus membros, é levada a eleger determinado conjunto de valores e práticas em detrimento de outros, que ordena, que dá significado à vida social e lhe permite nomear o que entende por violência. Enfim, a sociedade instrumentalizada com ferramentas simbólicas que lhe permite colocar à margem aqueles que por uma razão ou outra não se comportam ou não se enquadram nas normas estabelecidas (ADMORA A, IJJP, p. 111)

Sabe-se que a violência não se define somente no plano físico, apenas a sua visibilidade pode ser maior nesse plano. Essa observação se justifica quando se constata que violências como a ironia, a omissão e indiferença, não recebem, no meio social, os mesmos limites, restrições ou punições que os atos físicos de violência. Entretanto, essas armas de repercussão emocional são de efeito tão ou mais profundo que o das armas que atingem e ferem o corpo, porque as *armas brancas* da ironia ferem um valor precioso do ser humano, a autoestima.

, esse sentido, a escola e o processo ensino-aprendizagem poderão silenciar as crianças de descendência indígena, intensificando o sentimento de *coisificação* ou invisibilidade, que pode gerar uma ansiedade paralisante, de modo que seus talentos e habilidades se tornem comprometidos por não acreditarem nas suas potencialidades, ambicionando pouco nas suas atividades ocupacionais futuras. Mais adiante, essa experiência leva a criança a se questionar sobre o que é preciso para ser olhada, reconhecida, esse

momento, poder5 dar in5cio ao processo de *embranquecimento* e auto.e@clus5o de suas caracter5sticas individuais e !tnicas

3.4 Burro, feio e preguioso: Simbolismos socialmente constru5dos

S5o porque a pessoa tem um cabelo diferente, a pessoa tem a cor diferente, n5o muda nada. B, 10, AI:negra

7 'ro+rama , acional de) ireitos : umanos brasileiro de K00S define discrimina#5o como Yo nome que se d5 para a conduta (a#5o ou omiss5o) que viola direitos das pessoas com base em crit!rios in5ustificados e in5ustos tais como etnia, se@o, idade, op#5o reli+iosa e outrosZ (p KN) A discrimina#5o seria a e@teriori"a#5o do preconceito e do estere\$tipo 95 a discrimina#5o racial estaria relacionada a prefer-ncias por ra#a, cor e etnia A 3onven#5o da 7 , 2, de K00P, estabeleceu o se+uinte conceito para a discrimina#5o racial

Xualquer distin#5o, e@clus5o, restri#5o ou prefer-ncias baseadas em ra#a, cor, descend-ncia ou ori+em nacional ou !tnica, que tenha como objeto ou efeito anular ou restrin+ir o reconhecimento, o +o"o ou e@erc5cio, em condi#5es de i+ualdade, dos direitos humanos e liberdades fundamentais no dom5nio pol5tico, social ou cultural, ou em qualquer outro dom5nio da vida p5blica (3onven#5o Internacional de) ireitos : umanos . 7 , 2, K00P)

7 confronto das representa#5es com a realidade social sobre as diferen#as !tnicas no ambiente escolar, quando submetido a uma an5lise fundamentada, pode demonstrar al+uns equ5vocos na sistem5tica curricular e da pr5tica did5tico.peda+\$+ico A constru#5o, aceita#5o e divul+a#5o do preconceito e da discrimina#5o 5 s5o, em si, processos violentos e contradit5rios, que +eram mais viol-ncia Assim, percebe.se que os processos e@cludentes atendem a determinada demanda pol5tica em um conte@to de rela#5o de poder

7 Índio descendente é discriminado não somente pela posição social imposta de sujeito inferior que a grande maioria ocupa, mas sobretudo pela cor e suas características fenotípicas. Sendo a discriminação contra o Índio descendente em Boa Vista uma problemática que perpassa o cultural e o social, se relacionando ao político. A sua imagem é apresentada de maneira estereotipada, estigmatizada, e, nesse caso, a desestigmatização na educação escolar se torna um processo mais difícil, pois, vai exigir um projeto mais sistemático de crítica da escola enquanto instituição direcionada ao educar. Essa crítica envolveria entre outras situações uma revisão das mensagens dos livros didáticos e mudanças nos currículos educacionais. Porém, as reivindicações educacionais ligadas à questão cultural encontrariam maior resistência porque, de acordo com Ferreira (KOSQ),

o Estado brasileiro tem sido o guardião da integridade cultural do país, o que significa que o Estado é, ao mesmo tempo, formulador e executor de uma política histórica de assimilação do diferente, do outro. Essa política que mistura integração cultural com preservação de nacionalidade e atende com segurança nacional. Inibe, quando não anula, qualquer tentativa de cultivo de alteridades culturais ou étnicas. A escola tem sido um dos grandes mecanismos com os quais o Estado executa essa política (p. 11).

, a sociedade capitalista do consumo, determinadas culturas são supervalorizadas em detrimento de outras quando se discrimina. Nesse sentido, dá-se ao dominador a ideia de que ele é o *melhor* e ao dominado o sentimento de *menor valor* social. A sociedade, então, fica dividida sob duas lógicas: a do discriminador que manda e se considera o mais culto, possuidor da informação e do poder, o melhor, e estabelece as regras que mais lhe interessam e; a do discriminado que precisa lutar para elevar sua autoestima e construir uma identidade afirmativa acerca de suas origens e posição na sociedade. O que fica a escola que nem se dá conta do quanto ela representa um espaço discriminatório. Lopes (IJKK) nos dá a resposta

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las.

para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e na#-es tais como são, com suas características próprias e individualidades; que buscar soluções e fazê-las valer ! uma questão de direitos humanos e cidadania (p. KSS)

Por não se ter percebido de maneira crítica o preconceito e discriminação étnica contra a população índia e índio-descendentes no ambiente escolar brasileiro, e sobretudo no contexto americano como uma problemática, acaba se legitimando esse tipo de preconceito e discriminação que se estabelecem sutilmente no cotidiano escolar e é reforçado pelo silêncio que se estabelece sobre o mesmo, com isso o educando por causa de seu fenotipo sofre os reflexos desse fenômeno. A educação como processo social acaba não cumprindo sua missão, a de fomentar o debate sobre as diferenças, e o combate às ideias discriminatórias, dessa maneira o respeito ao outro se torna um desafio, assim sendo,

não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculam o aproveitamento das possibilidades que elas comportam. Quem não se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos, e políticos acaba fracassando, inclusive pessoalmente (Miller, 1999, p. 14)

As novas ressignificações por vida, por convivência e uma consciência social inclusiva requerem, sobretudo, que a escola assuma um dos valores expressivos dos tempos contemporâneos: a aceitação da pluralidade e, portanto, das diferenças, das especificidades, das singularidades

A análise crítica, que aproxima visões e consciências das circunstâncias reais da vida, observa-se que cada sujeito é singular, é diferente, é único em suas características, respeito-lo, qualificá-lo, acolhê-lo, não é uma concessão, mas sim um direito, esse direito é social, é político, é de cidadania.

7 que se pondera nessas reflexões!, sobretudo, a proposta de superação de preconceitos em favor de avanços nas discussões e atitudes de inclusão e de respeito > vida no seu significado social pleno, inerente a valores, direitos e deveres que garantem a dignidade de ser humano e cidadão. A ideia! épressa nessa fala: "porque eles não estão *se importando pela cor, eles estão para aprender não para ver a diferença porque cada um nasce de um jeito pode ser um pequeno moreno meio queimado ou branco o que importa é ser um humano. Não é só que seja branco pense que é rico e os negros sejam pobres e que pense que voltou o tempo da escravidão, todos somos iguais. D,11, AI: negra.*

3.5 Um olhar sobre o outro: diante do espelho alheio

'ara a interpretação da representação social que se faz" do descendente de indígena em sala de aula, analisaremos a imagem feita pelo Y7utroZ, por constituírem-se em entidades quase tanáveis, que se cruzam e se cristalizam através da fala, do resto, no nosso universo cotidiano. Aproximamos da noção de representação,

quando precisamos sua natureza" de processo psicológico capaz" de tornar familiar, situar e tornar presente em nosso universo interior o que se encontra a uma certa distância de nós, o que está de certo modo ausente (Moscovici, IJJK, p. 11.PM)

7 conceito de representação social! importante para o estudo do preconceito e da discriminação étnica, uma vez" que o grande volume de teorias e fenômenos transmitidos na sociedade não poderiam ser corroborados na experiência individual. Contudo, a representação de uma realidade ou objeto não corresponde > percepção real dessa realidade ou objeto, uma vez" que esta tem o papel ativo de modelar o que apreende do exterior e reproduzir essa realidade ou objeto, reconstruindo-o.

Segundo Moscovici, elas representam-se para tornar o estranho, o ausente em nós, que nos impressiona, familiar (id, p. 104) Ossa percepção que causa estranheza é acomodada pela modelagem, através do repertório de experiência da realidade interior. O objeto ou sujeito ausente em nós, ao penetrar no nosso universo, relaciona-se e articula-se com outros objetos e sujeitos que aí se encontram, permutando entre si as propriedades daquele e deste, tornando-o próximo e familiar. Por outro lado, os objetos e sujeitos encontrados são transformados, deixando de existir como tal, para converterem-se no seu equivalente.

Om relação > representação social do índio descendente no ambiente escolar, os objetos postos no nosso universo, ao articularem-se com a percepção inicial deste, transformam-no, na maioria das vezes, em um ser estimado, tornando-o estranho, e não familiar. A representação construída destes os afastava da comunidade, na qual deveriam ser integrados, a vida social há situa-se em que cada pessoa é uma representação de uma pessoa (Moscovici, id. p. 104) Por exemplo, com os filhos dos ricos, dos artistas, as reações dos sujeitos não são a essas pessoas, mas ao nome e às posições que ocupam. Este modo, quando se trata de um sujeito ou grupo estranho, eles não são julgados por si próprios, mas pela etnia, cor da pele, classe ou nação a que pertencem, como os judeus, os palestinos, os negros, os índios, os homossexuais, entre outros.

As representações sociais constituem-se no senso comum dos sujeitos estabelecidos em um espaço sócio-cósmico, elaborado a partir de imagens, crenças, e ideologias. É fundamental sabermos como se produzem as representações sociais.

Sua função é contribuir exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais (Moscovici, 1988), esse sentido, transformar as representações sociais significa transformar o senso comum, os processos de

forma#ão de conduta e as rela#ões com o 7 utro, com o diferente ' ara entendermos a no#ão de diferen#a e relacion5.la >s representa#ões sociais se fa" necess5rio discorrermos sobre a no#ão de identidade que desi+na o 0u e o 7 utro.

7s alunos %ndio.descendentes s#o visto como sujeitos inferiori"ados pelo fato de estarem ocupando um espa#o que na concep#ão dominante, n#o ! dele, que n#o lhe cabe, um estran+eiro dentro de seu pa#s, por n#o assimilar al+uns c\$di+os e posturas que lhes insiram dentro de um +rupu maiorit5rio, que lhes +aranta ter uma rela#ão social satisfat5ria

Osse tipo de vis#o constru#da nos meios sociais, passada pelas fam#lias *n#o-ind#genas* e pouco discutidas por professores, +estores e secretaria de educa#ão refor#am ainda mais o conflito invis#vel e a discrimina#ão contra o aluno %ndio.descendente enquanto sujeito com identidade em constru#ão

) e fato, cria.se uma proibi#ão sistemati"ada, que nas palavras de S8liar (IJJM), essa proibi#ão que o outro seja o outro em detrimento da mediocridade, da mesmice, do e+ocentrismo e da mesquinhe", o outro pode ser pensado sempre como e@terioridade, como al+uma coisa que n#o sou, que n\$5 n#o somos

Mas a mesma dualidade apontada acima, de um *outro* pr\$@imo e um *outro* distante, e@iste tamb!m em termos de interioridade, quer di"er, que esses outros tamb!m podem ser eu, sermos n\$5Z (S J DAA*, IJJM, p IP) Osse ar+umento de interioridade identit5ria pode ser percebido quando uma entrevistada di": *Eles fazem as atividades com amor e carinho, porque tem crian#as que n#o tem escolas para estudar, para aprender, crian#as como n#os, n#o tem essas oportunidades, como n#os, crian#as que vivem pedindo esmola por isso escolhi a dois. E, 9, AI:negra.*

Osse processo de identificação, em que a exclusão que aparece como produto da dinâmica de afirmação de uma identidade supostamente superior, é visto como uma espécie de morte de ambos os lados da fronteira, ou seja,

^ a separação e a superposição institucional indiscriminada; o aniquilamento do outro; a negação do exercício do direito a viver na própria cultura, na própria língua, no próprio corpo, na própria idade, na própria sexualidade etc, uma norma muitas das vezes explicitamente legal que impede o pertencimento de um sujeito ou de um grupo de sujeitos e a uma comunidade de direitos, o direito irreduzível da diferença (S J DAA*, IJJM, p 0K)

Gostei mais do grupo três, é porque eu achei mais parecido comigo a cor dos olhos, e também eu achei bacana o que eles estavam fazendo, e também eles tinham meu tamanho e minha forma de estudar prestando atenção na aula. T, 10, AI: branco.

Eles se parecem muito comigo e porque eu gostei muito do grupo três, por ter minha cor e minha aparência, e também por ter minha forma de estudar. R, 9, AI: branco.

A relação do tempo diante da afirmação nos remete a um *estar sendo* como processo e não como um estado identitário, um *eu sou*, essencializado significa que as identidades não podem ser temporalmente alcançadas, enquanto produzem um movimento de perturbação em cada unidade, em cada momento, em cada fragmento do presente. É essa dinâmica que se travará nas relações em sala de aula e no cotidiano que definirão que modelo, ou forma, ou perspectiva de identidade se objetiva, nos chamando a refletir sobre, a desorientação cultural e a afirmação de novas identidades. (S J DAA*, IJJM, p LQ)

Eles têm a mesma cor minha, eu pareço com eles, e eles se parecem comigo. Um certo dia lá na sala não tinha ninguém da minha cor, eu estava tão sozinha. E minha mãe me colocou de manhã, eu estudava de tarde, e eu conheci uma menina morena, tinha cabelo preto, olhos castanhos, meiga e brincalhona, e o nome dela era Ana, e hoje nós somos amigas. H, 9, AI: negro.

Mais uma vez o excluído ! somente um produto da impossibilidade de interação criado pela sistemática da negação ^ a negação de estar dentro que serve, ao mesmo tempo, como uma afirmação desse espaço 7 e impulso ! uma produção, um modo construtivo do social ^ um sujeito absolutamente necessário para a nova ordem, recriação de a#es ' orem, não denuncia, nem denuncia, nem anuncia nada4 está privado de lin+ua+em * revela sua contradição sem dizer nada; está sendo produzido para testemunhar seu espaço sem falar sobre sua espacialidade, onde ele cabe no espaço

Porque para eles (crianças negras) não tem racismo, pra eles tanto faz ser branco ou negro. Porque eles se misturam por conta da beleza, pra eles não faz diferença o que importa é o amor, a felicidade. I, II, AI:negra

, essa perspectiva McDaren (IJJJ, p KIK), nos diz que,

vivida por uma pessoa, a raça, a classe, o +-nero e a história são importantes na formação de sua identidade política, mas nós devemos estar prontos para examinar nossas próprias eperi-ncias e vo"es nos termos da nossa complexidade discursiva e ideológica de suas forma#es

)iante de uma problemática que envolve a formação social do sujeito e dos componentes estruturais que dela fazem parte, faz-se necessário entender o processo ensino-aprendizagem como um processo político, como argumenta 'aulo 1reire (KOQQA, p SQ),

2ma visão in+ua da prática educativa ! v-la como prática neutra, a serviço de ideias abstratas A impossibilidade de ser neutro ou apolítico ! que exige do educador uma ética o que me move a ser ético ! saber que a educação ! política *espeitar os educandos e não mentir para eles dizendo que estudar não tem nada a ver com o que se passa no mundo lá fora 3 compreender o movimento contraditório entre rebeldia e acomodação torna-se importante (1*0A*0, KOQQA)

'ara essa escola moderna existir, tem que fazer uma série de indagações sobre o que de fato ! ser moderno dentro de um mundo dividido em classes, e marcado por inúmeras disparidades socioeconômicas 'ara início do debate nos pautaremos sobre a análise do termo

moderno a partir da ideia de Mises (KOOB, p. 10), que diz que o moderno se caracteriza pela tendência em cancelar a dimensão sócio-histórica, a serviço dos interesses dominantes da ordem estabelecida.

, esse sentido, as definições de modernidade são construídas de tal maneira que as especificidades socioeconômicas são apazadas ou deixadas em segundo plano, para que a formação histórica chamada de sociedade moderna possa adquirir um caráter paradoxalmente *intemporal* rumo ao futuro, em virtude de sua contraposição, elaborada de modo crítico, ao passado mais ou menos distante

7 processo de domínio a partir do aspecto econômico com bases na política positiva monta um discurso de um *paraíso* futuro, configurando uma postura conformista diante dos acontecimentos

Essa postura abre o debate sobre a necessidade de emancipação do homem, enquanto ser ativo, isto envolve reconhecer o modo como a história vê a si próprio, suas expectativas e papéis sociais em um contexto emaranhado por uma estrutura capitalista emergente. , esse contexto, se faz necessário o debate sobre a ideologia e suas características no processo de dominação e emancipação

As percepções ideológicas obtidas através da criticidade, na medida em que no mínimo um sujeito pode reconhecer as razões de sua existência e ação. A ideologia se torna um fato notório de demarcador de território político e social. Quando a ideologia dominante tem vantagem sobre algum conflito, não é interessante para ela se desfazer ou apaziguar tal ou tais conflitos, pois dessa forma legitima e estende seu domínio no tempo e espaço, como também criando novas categorias de domínio. Inclusive tais conflitos parte da estrutura social, como argumenta Mises

Essa orientação prática que define também o tipo de racionalidade apropriado ao discurso ideológico, cujos interesses não devem se articular como proposições

teóricas abstratas das quais nada surge a não ser outras proposições teóricas abstratas da mesma espécie, mas, pelo contrário, devem se articular como indicadores práticos bem fundamentados e estímulos efetivamente viáveis dos sujeitos coletivos reais e não de tipos ideais artificialmente construídos (KOOP, p. 11)

Percebemos então, que a consciência é obtida através de auto-emancipação, através da reflexão individual e coletiva que conduz a uma consciência ou perspectiva de transformação que reflete em nossas ações no contexto sócio-histórico. Os processos de produção de conhecimento se dão em uma lógica estrutural sistêmica, que envolve os conhecimentos de base, ou seja, o senso comum, que se dá em um ciclo dialético instrumental que ir-se-á confirmando enquanto conhecimento trabalhado. Está sempre envolto em conflitos e quebra de paradigmas, em nenhum momento podemos pensar essa forma de consciência por processos fechados, desconexos e que atendam a uma dada conveniência ideológica.

Debates que proporcionem discussões dos conceitos e paradigmas das relações sociais de cor e etnia são oportunidades educativas, relevantes, para as ressignificações que se fazem necessárias, prementes, para os avanços da vida, da convivência e da consciência social por intermédio da escola.

Diante disso, entendemos que a escola enquanto instituição social pode ser em certa medida, transformadora, sempre que possa proporcionar às classes subalternas os meios iniciais para que, após uma longa trajetória de conscientização e luta, se organizem e se tornem capazes de governar aqueles que as governam. Mas para isso se concretizar, devemos estar imbuídos do espírito crítico que se constrói no bojo da sistemática da construção de conhecimentos.

Em suma, a discriminação é um fenômeno complexo que, por um lado, implica diversos aspectos psicológicos e, por outro, práticas econômicas, sociais e culturais específicas. Quanto ao preconceito, pode ser apresentado como uma forma de relações

interpessoais ou intergrupais, quando um sujeito ou grupo deprecia e discrimina outro. Além disso, nesta temática há de se considerar também as relações de poder estabelecidas entre os diversos grupos, destacando que essas relações intergrupais se desenvolvem em um contexto de conflitos culturais e ideológicos de uma sociedade (B7AV0, E2*ASA, E7S, IJJJ), e não no vácuo.

Munanga (IJJJ) tem uma análise muito clara quanto ao problema do preconceito; para esse autor, tal problema é semelhante a um iceberg, onde é possível ver a sua ponta, isto é, as práticas discriminatórias a partir dos comportamentos sociais e individuais, enquanto a parte que fica submersa não tem noção de sua existência, seriam as manifestações invisíveis do preconceito, ele afirma que,

não se trata de desvendar o distanciamento paradigmático do culturalismo e biomaterialismo dos seres humanos, mas, ultrapassar as perspectivas tradicionais quanto a diferenciação entre sujeitos e a flexibilidade de uma alocação categorial de sua organização social, econômica ou de cor da pele, assumindo uma ética do respeito mútuo; talvez uma espécie de contrato sócio-humano. racialmente, um modelo chamado sociedade "capa" de tornar as diferenças apenas para quem se isola do grupo tido como norma social (M2, A, /A, IJJJ, p. 11)

Diante de tal quadro, não é de se estranhar que muitos alunos, dessa maioria parte da população, não se identifiquem como tal porque o índio e índio-descendente estão sempre relacionados a coisas ruins, pensamento esse que remonta o imaginário social do colonizador. Com isso, a autoestima e a autoconfiança desses alunos diminuem, na medida em que um autoconceito negativo é gerado na sociedade.

Sabemos que esse debate não se encerra por aqui

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Ao contrário do incontável número de trabalhos acadêmicos que analisam a questão negra, desde o início do século XX, problematizando e enfocando os momentos da escravidão, a exclusão social, a pobreza econômica e violência concreta e simbólica o Índio tem ocupado um espaço microscópico, quase imperceptível, em nossa historiografia. Esse lugar infinitamente pequeno e secundário que foi dedicado à história indígena tem levado a esses povos o esquecimento, ou lembrados subitamente em flashes sensacionalistas, ou de uma nostalgia tropical, ele quase ou nunca aparece quando se analisa as relações de diferenças no ambiente escolar. O Índio tem uma história, uma história indubitavelmente plural. É necessário então reconstituir o verdadeiro cenário; desconstruir abordagens simplistas que

eurocentrismo nas análises, configurando o indígena num ambiente social e histórico e primitivo como o imaginário do século XVIII e XIX?

Elementos culturais como a antropofagia, ritos de iniciação, casamentos, indumentárias, entre outros, ainda povoam o imaginário coletivo moderno, classificando o indígena mesmo no contexto urbano como um não-pertencente ao meio social vigente. Essa resignificação espacial histórica é também um ressignificar de consciência. As representações criadas para o indígena americano ainda são projetadas e extrapoladas no infinito, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro.

Para os indígenas, é um olhar sobre si, reconstruindo suas identidades que, por tanto tempo foram mascaradas e ou desfiguradas por uma miopia histórica. Talvez esse processo tenha se dado pelo fato dos negros lutarem por tomadas de espaços sociais e políticas de ações afirmativas, inclusive formando intelectuais que pesquisaram suas demandas, enquanto que os indígenas lutavam por terra e território em um espaço específico, e sua maioria aliados dos espaços acadêmicos.

Mesmo com algumas pesquisas, a história do indígena permanece adormecida, ou sendo compreendida a partir de interpretações que não deixam claras muitas vezes da problemática, ainda mais quando se trata de crianças com descendência indígena em escolas públicas urbanas. Quando ampliamos um pouco mais o poder da nossa lente como observador, perceberemos que nos níveis escolares do ensino fundamental e médio, as representações construídas para o indígena brasileiro são ainda mais distorcidas e comprometedoras.

As representações sociais mostram-se multifacetadas, o que determina, de certa maneira, o caráter plural de uma abordagem interdisciplinar. Abordagens ancoradas nesse

campo ampliariam o leque de problematizações acerca da invisibilidade indígena pontuam elementos teórico-metodológicos tão importantes quanto necessários para a compreensão do processo sócio-histórico dos povos. Nesse sentido, que se faz necessário um direcionamento epistemológico que possibilite a resignificação histórica dos indígenas, considerando toda a sua complexidade cultural. Infelizmente um currículo que envolva o estudo da história indígena ainda abastardo das discussões das secretarias de educação e produções acadêmicas em sua maioria. Pouco que se tem avançado.

modernas, as quais vêm sendo influenciadas por normas sociais carregadas com discursos de lutas de justiça e direitos sociais e raciais igualitários, revelam uma espécie de combate psicossocial no qual apenas o sujeito troca a camuflagem de sua expressão representacional ou do discurso na sua interação social

7 estudo da interface relacional entre preconceito e discriminação, no campo da educação, oferece uma possibilidade de pensar em um mesmo cenário a problematização de duas temáticas de inquestionável importância no contexto das relações sociais. Ao contemplarmos as relações étnicas dentro do espaço escolar, questionamo-nos até que ponto este espaço está sendo coerente com a sua função social quando se propõe a ser um ambiente institucional que preserva a diversidade cultural, responsável pela promoção da equidade.

A escola é responsável pelo processo de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes níveis étnicos. O contato diversificado faz da escola o primeiro espaço de vivência das tensões por causa das diferenças. A relação estabelecida entre crianças não-índias e índio-descendentes numa sala de aula pode acontecer de modo tenso, ou seja, se restando, excluindo, possibilitando que a criança *inferiorizada* adote em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu grupo social. O discurso do opressor pode ser incorporado por algumas crianças de maneira massificada, passando então a se reconhecer dentro de si *feia, caboca, fedorenta, suja*, iniciando o processo de desvalorização de seus atributos individuais, que interferem na construção da sua identidade de criança.

Essas mensagens ideológicas tomam uma dimensão mais aterrorizante, ao pensarmos em quem são seus receptores. São crianças em processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social, que podem incorporar mais facilmente as mensagens com conteúdos discriminatórios que permeiam as relações sociais, aos quais passam a atender os interesses da

ideologia dominante, que objetiva consolidar a suposta inferioridade de determinados grupos. Nesse modo, compreendemos que a escola tanto pode ser um espaço de disseminação quanto um meio eficaz de prevenção e diminuição do preconceito.

Esse tipo de visão construída nos meios sociais, passada pelas famílias não-indígenas e pouco discutidas por professores reforçam ainda mais o conflito invisível e a discriminação contra o aluno índio descendente enquanto sujeito com identidade em construção.

Esse acontecimento inicial parece ter de algum modo subsistido, contribuindo para o quadro situacional do índio descendente em sua rotina. Seu cotidiano coloca-o frente à vivência de circunstâncias como preconceito, descrédito, evidenciando a sua difícil inclusão social. Sendo assim, buscou-se nessa pesquisa compreender como são construídas as relações étnicas num dos espaços da superestrutura social, que é a escola, e como ela contribui para a formação da identidade das crianças discriminadas.

Nesse sentido, percebemos que o cotidiano escolar revela inclinação para corresponder ao padrão branco colonial, negligenciando os valores referentes às matrizes indígenas, podendo levar à acentuação do estigma de inferioridade. Essas ações preconceituosas conduzem a um processo de despersonalização dos caracteres indígenas, o que dificulta e, em alguns casos, inviabiliza a inserção da criança no sentimento de pertencimento ao espaço escolar, comprometendo a sua autoestima, impossibilitando-a de ter um autoconhecimento individual e cultural, pois esses dois níveis estão diretamente ligados a condições desvalorizadas atribuídas pelo grupo dominante.

No processo educativo é uma via de acesso ao resgate da autoestima, da autonomia e das imagens distorcidas, pois a escola é ponto de encontro e de embate das diferenças étnicas,

podendo ser instrumento eficaz" para diminuir e prevenir o processo de exclusão étnica e social sofrido pelo índio descendente

teve

A exclusão étnica tem feito tantos e tão diversos tipos de vítimas que temos como dever histórico, enquanto seres humanos, buscar todas as maneiras de superá-la. Trabalhar a educação voltada para a superação da discriminação nas escolas e na sociedade, por exemplo

deba

REFERENCIAIS

AB*AM7VA`, M **Violências nas Escolas** Brasília 2, 0S37,)SEgAA)S do Ministério da Saúde, Site de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 3, 'q, Instituto Ayrton Senna, 2, AA)S, Banco Mundial, 2SAA), Fundação Ford, 37, S0), 2,)AM0, IJJI

A / ASSAW, Douis e Oli"abeth **Viagem ao Brasil (1865 – 1866)** São Paulo 0) 2S'g Belo Horizonte Atatiaia, KOQN

A / , OS : 0DD0*. **O Cotidiano e a História** Ped São Paulo 'a" e Eerra, IJJI

ADM0A)A, An+ela Maria de Oliveira **Manifestação da questão social no Brasil In: Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudos em Representações Sociais** An+ela Almeida (or+) Brasília Editora Universidade de Brasília, IJJP

A ' 'D0, Michel **Política Cultural e Educação** I ed São Paulo 3orte", IJJK

BA**7S, ,ilson Trácia de **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional** Recife Universidade Federal de Pernambuco, KOON

BAE0S, : enr6 ; alter **Uma Naturalista no rio Amazonas** São Paulo 0) 2S'g Belo Horizonte Atatiaia, KOSO

B0 , E7 Maria Aparecida Silva **Cidadania em preto e branco** São Paulo btica, KOOS

B0* / 0*; D23 JMA , , **A construção Social da Realidade – Tratado sobre a sociedade do conhecimento** IN ed 'etr\$polis4 Vo"es, IJIN

B7MBASSA*7, Dui" Carlos **As Fronteiras da Epistemologia** 'etr\$polis4 Vo"es, K00Q

B7* / OS '0*0A*A, 9 B **Racismo à brasileira** An4 M2 , A , / A, J (or+) **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial** São Paulo 0dusp, K00P

B*ASAD C **Parâmetros Curriculares Nacionais** Ciclos do Ensino Fundamental, M(L(4 Temas Transversais, Brasília Ministério da Educação e do esporte, Secretaria da Educação Fundamental, KOOS

B20 , 7, Ma+ali Franco **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: Uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**) dissertação de Mestrado em / eo+rafia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, IJJI

3A*)7S7)07DAVOA*A, *oberto **Identidade, etnia e relação social** São Paulo
Ioneira, KOSN

oooooooo **O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever** Análise revista de
Antropologia Vol 10, n. 1 São Paulo: Editora S.A., KOOP pp. 1-10

3ASE7*AA)AS, 3onelius **A Instituição Imaginária da Sociedade** Traduzido por
*eñard M. ed. maio de 1991, KOSI

3AVADDOA*7, Olliane **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e
discriminação na educação infantil** 1 ed. São Paulo: Fonte, IJJM

_____. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo
melhor** Análise 3avalleiro (org.) **Racismo e anti-racismo na educação.** São Paulo: Summus,
IJJK

30, E*7)0A, 17*MANm7)A730S0)0*7*AAMA **Índios de Roraima: Macuxi,
Taurepang, Ingaricó, Wapixana** Coleção: História Antropológica, n. 1 Boa Vista
Coroário, KOSO

30, E*7)0A, 17*MANm7)A730S0)0*7*AAMA **Índios e Brancos em Roraima**
Coleção: História Antropológica, n. 1 Boa Vista: Coroário, KOSO

37SEA, : ideraldo Dima da **Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: Discurso dos
Viajantes – Século XIX** Dissertação de Mestrado em História Universidade
Católica de São Paulo, K00N

323:0,)en6s **A noção de cultura nas ciências sociais**, trad. Viviane *ibeiro, Bauru
0)2S3, IJJI

32, : A, Ouclydes da **À Margem da História** São Paulo: UFMG, KOQN

3*2W, 15tima Maria leite *epresenta#-es sociais, identidade e exclusão social: o fracasso
escolar em matemática *In: Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudos
em Representações Sociais* Anela Almeida (org.) Brasília: Editora Universidade de
Brasília, IJJP

)2A*E0, Dui" lernando)ias, **Classificação e valor na reflexão sobre identidade social**
In: A aventura antropológica, *uth Cardoso (7r+) maio de 1991 "a" e Eerra, KOSP

1A*A/0, ,5dia **As Muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a
colonização.** maio de 1991 "a" e Eerra; A, '73S, K00K

1AW0,)A, Avani (7r+) **Metodologia da Pesquisa Educacional** 0 ed São 'aulo4 3orte", IJL

1AWWA, *ita de 35ssia **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre seus pares** Belo : ori"onte4 Aut-ntica, IJL

10**0A*A, `edo **Ideologia racial e estrutura social. An4 A Questão étnica e os Movimentos Sociais** Revista Proposta. *io de 9aneiro, 1AS0, n NK p IL.IN, novgOK

10**A, 'atr%cia **Achados ou Perdidos: A migração indígena em Boa Vista** / oiUnia4 MADAD, KOOJ

1*0A*0, 9os! *ibamar Bessa *et alli* **A Amazônia Colonial (1616 – 1798)** Manaus4 Metro 3Tbico, KOOK

1*0A*0, 'aulo **Pedagogia do Oprimido** L ed *io de 9aneiro4 'a" e Eerra KQQa

1*0AEAS, Aimer-, **História e geografia de Roraima** Manaus4 / rafima, KOP

1*AO)MA, , , / eor+e **Estudos sobre a técnica** São 'aulo4)ifel, KOPS

12*EA)7, 3elso **Formação econômica do Brasil. II** ed São 'aulo4 , acional, KOSQ

/ AS]ODD, / eor+e *Entrevistas Individuais e Grupais. In: Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual prático* BA20*, Martin ; e / AS]ODD, / eor+e L ed 'etr\$polis4 Vo"es, IJN

/ 00*EW, 3lifford **A Interpretação das Culturas** São 'aulo4 3op+ri+ht, KOSO

/ A))0, S, A. **Modernidade e identidade pessoal.** 'ortu+al4 3elta ,KQQ

_____. **A constituição da sociedade** São 'aulo4 Martins 1ontes, KOOK

/ 711MA, , 0 **Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** L ed *io de 9aneiro4 / uanabara, KOSS

oooooooooooo **A representação do eu na vida cotidiana** 'etr\$polis4 Vo"es, KOOI

/ 7MOS, M!rcio 'ereira **Os índios do Brasil** 'etr\$polis4 Vo"es, KOOK

/ 7MOS, , D **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade** An4 3avalleiro(or+) **Racismo e anti-racismo na educação.** São 'aulo4 Summus, IJJK

/ 7M0S, , ilma Dino **Trajetórias escolares/corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou ressignificação cultural** Trabalho apresentado na 25ª Reunião Anual da ANPed 3a@ambu, M / , IJJI

/ 7 ,)AM, , eide **A Invenção da Amazônia** São 'aulo4 3ia das Detras, KOOL

/ 2A*0S :A, 'edrinho 97V3 :0D7VAE3 : , Sandra (7r+s) **Textos em Representações Sociais** S ed 'etr\$polis4 Vo"es, KOON

/ 2AMA*m0S, **A Racismo e anti-racismo no Brasil.** São 'aulo4 1unda#ão de apoio > 2niversidade de São 'aulo; ed ML, K000

/ 2AMA*m0S Ant<nio S!r+io **Preconceito e discriminação – queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil,** Salvador4 , ovos Eoques, K00S

: ADD, Stuart **Identidade Cultural na Pós-Modernidade** KJ ed *io de 9aneiro4) ' _A, IJJN

: ADD Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade** Eradu#ão de Eoma" Eadeu e /uacira Douro *io de 9aneiro4) _A, K00Q

: 0*WDA3 : , 3laudine, **A Problemática da Representação Social e sua utilidade no Campo da Doença** São 'aulo4 : ucitec, IJJN

]D23] : 7 : , , 3l6de **Antropologia: um espelho para o homem** Biblioteca de Ostudos Sociais e 'eda+\$+icos Belo : ori"onte4 Atatiaia Dimitada, KOPM

] 2 * ` , Dorilai B **A Sereia Amazônica dos Agassiz: Zoologia e racismo na Viagem ao Brasil** *evista Brasileira de : ist\$ria São 'aulo V IK njLK, p KNQ C KQI, IJJK

DA 37 ,)AMA , 0, 3harles Marie **Viagem Pelo Amazonas (1735 – 1745)** São 'aulo4 , ova 1ronteiraç0) 2S' , K00I

DASB7A,]eren Mac8noG **A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817 – 1820)** São 'aulo4 : ucitec, K00Q

D7 '0S, Dui" 'aulo da Moita (7r+) **Discursos de Identidades: Discurso como espaço de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família** 3ampinas4 Mercado das Detras, IJJM

D7 '0S, Vera , eusa **Racismo, Preconceito e Discriminação** An4 M2 , A , / A,]aben+ele (or+) **Superando o racismo na escola** Bras%lia4 Minist!rio da Oduca#ão, Secretaria de Oduca#ão 1undamental, IJJK

MA*37 ,A, Marina de Andrade; DA]AE7S, Ova Maria **Fundamentos de metodologia Científica** Ned São 'aulo4 Atlas, IJJM

MA*X20S, M 7 da S **Escola noturna e jovens** *evista Brasileira de Oduca#ão 9uventude e 3ontemporaneidade, n N.P , Tmero especial São 'aulo, K00Q

M3DA*0 , , 'eter **Multiculturalismo Crítico** M ed São 'aulo4 3orte"4 Anstituto 'aulo 1reire, IJJJ

M0)0A*7S, Maria das /ra#as 1erreira de **Um Estranho no Espelho: Representações do Caboclo Amazônico**) isserta#ão de Mestrado 'ro+rama de '\$s. / radua#ão em Sociedade e 3ultura na Ama"<nia da 2niversidade 1ederal do Ama"onas Manaus, IJJL

M0//0*S, Bett6 **Amazônia, a ilusão de um paraíso** Eradu"ido por Maria `edda Dinhares *io de 9aneiro4 3ivilia#a#ão Brasileira, K00Q

M^SWb*7S, Astv5n 7 poder da ideolo+ia São 'aulo4 Onsaio,K00P

MA , A` 7, Maria 3ec#lia de Sou"a **O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde** São 'aulo4 : ucitec, K00P

MA , / 20E, Y**Introdução”** In: DA 37 ,)AMA , 0, 3harles Marie **Viagem Pelo Amazonas** (KQMN C KQLN) São 'aulo4 , ova 1ronteirag0) 2S' , K00I

M7S37VA3A, Ser+e **Representações Sociais: investigação em psicologia social** 'etr\$polis4 Vo"es, IJJM

oooooooooooo **A representação social da psicanálise** *io de 9aneiro4 Wahar, K0QS

oooooooooooo **La psychanalyse, son image et son public: étude sur la représentation sociale de la psychanalyse** 'aris4 'resses 2niversitaires de 1rance, K0PK

oooooooooooooooo **A era das representações sociais** Erad de Maria :elena 15vero do ori+inal "L'ere des representations sociales" An4)7AS0 _ 'ADM7 ,A*A, A (eps) **L'etudes des representations sociales** , euchatel 'aris4) elachau@ et , iet! , ppMML.SJ, K0SN

M7EE, Duis **As Amazonas: Um mito e algumas hipóteses** In4 D' :g*evista de : ist\$ria 3ap#tulo K São 'aulo K00P

M2 , A , /A] 'ref5cio 0m4 A 3arone e M A S Bento (7r+s) '**sicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil** 'etr\$polis4 Vo"es, IJJI pp 0.KK

oooooooooooo **Superando o racismo na escola.** Bras%lia4 M03gSecretaria de Onsinio 1undamental, K000

M` 0*S,) / **Preconceito: O ódio ao próximo. Em: Psicologia social** *io de 9aneiro4
DE3 IJJJ pp KSK.IJP

, 0E7, 7t5vio 3ru" **O Trabalho de campo como descoberta e criação. In Pesquisa Social,**
Maria 3ec%lia de Sou"a Mina6o (7r+), et al 'etr\$polis4 Vo"es, K00L

, 7 / 20A*A, 7rac6 **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem** *Anais do*
XXXI Congresso Internacional de Americanistas 7r+ani"ado por : erbert Baldus São 'aulo4
Anhembí, KONN

oooooooooooooooo **Preconceito de Marca: As relações raciais em Itapetininga. São Paulo:**
OduSP, K00S

' 0 , , , / emma **A análise Semiótica de Imagens Paradas. In: Pesquisa Qualitativa com**
Texto, Imagem e Som: Um manual prático BA20*, Martin ; ; / AS] ODD, / eor+e L
ed 'etr\$polis4 Vo"es, IJJN

' 0*0A*A, 9oão Baptista B **A criança negra: identidade étnica e socialização.**
Cadernos de Pesquisa, São 'aulo4 1 unda#ão 3arlos 3ha+as, n PM, K0SQ
' *7 / *AMA , A3A7 , AD) 0) A*0AE7S : 2MA , 7S CB*ASAD **Gênero e Raça: todos**
pela igualdade de oportunidades: teoria e prática Bras%lia4 MEb.a Assessoria
Anternacional,K00S

*0AS, Arthur 3e"ar 1erreira **Histórias do Amazonas I** ed *io de 9aneiro4 Atatiaia, K0S0

*73 : A, Overardo **O que é Etnocentrismo** K0 reimpr São 'aulo4 Brasiliense, IJJL

*7Mm7, 9 **O educador e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro**
An4 3avalleiro(or+) **Racismo e anti-racismo na educação.** São 'aulo4 Summus, IJJK

Sb, 3elso ' **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais** *io de 9aneiro4 0d20*9,
K00S

SÀ, 3elso 'ereira de **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**
*io de 9aneiro4 0duer&, K00S

Sb, Samuel M de A **O Imaginário Social Sobre a Amazônia: Antropologia dos**
Conhecedores : ist\$ria, 3i-ncias, SaTde Man+uinhas Vol (suplemento) p SS0 C OJJ
setembro, IJJJ

SA , EF A , A, Ant<nio 7l%mpio **História e Conceitos Básicos sobre Racismo e seus**
Derivados An4 M2 , A , / A,] aben+ele (or+) **Superando o racismo na escola** Bras%lia4
Minist!rio da Oduca#ão, Secretaria de Oduca#ão 1undamental, IJJK

SA, EADDA, 'aulo **As fronteiras da república. História e política entre os Macuxi no vale do rio Branco** 1A'OS' . 1unda#ão de Amparo a 'esquisa do Ostado de São 'aulo, 3ampinas KOSO

SA, E7S)0 7DAVOA*A, ' !rsio **Introdução à sociologia** IL ed São 'aulo4 btica, IJJI

SA, E7S, B S **Pela mão de Alice.** São 'aulo4 3orte", IJJI

SA, E7S, /evanilda SADVA, Maria 'almira da (7r+s) **Racismo no Brasil: Percepções da discriminação racial no século XX** K ed São 'aulo4 Oditora 1unda#ão 'ersel Abramo, IJJN

SA, E7S, 9oel *ufino dos **O que é racismo** São 'aulo4 Brasiliense, KOSL

S0A*D0, 9ohn **Actos de Fala** 3oimbra4 Divraria Almedina, KOSL

S0V30,]7, , icolau **O Front brasileiro na Guerra Verde: Vegetais, Colonialismo e Conduta** *evista da 2S' nj MJ &un g &ul ga+o p KJS C KKO, KOOP

SADVA, Eadeu Eoma" da (7r+) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** 'etr\$polis4 Vo"es, IJJI

oooooooo **Teoria cultural e da educação** Belo : ori"onte4 Aut-ntica4 IJJI

SADVA Ana 3elia da **A discriminação do negro no livro didático** Salvador4 0) 21BAg30A7, KOON

SADVOA*A, Sirlei **A Amazônia de Euclides da Cunha: Paraíso versus Inferno** In: VAAA 3on+resso Duso.Brasileiro de 3i-ncias Sociais, KP, KQ,KS set 3oimbra p JK C KJ, IJJI

SAM7, AA, , Di+ia E D **Mulheres da Amazônia brasileira: entre o trabalho e a cultura** Bel!m4 21 'Ag, A0A, IJJK

S]A) M7 *0, E **Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro** São 'aulo4 'a" e Eerra, KOQP

S]DAA*, 3arlos, **Pedagogia (Improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** *io de 9aneiro4) ' _A, IJJM

S72WA, 3arla Monteiro de **Migrantes e Migrações em Boa Vista: Os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé** Boa Vista4 0d21** , IJJP

S'A?, 9ohann Baptiste Von; MA*EA2S,]arl 1rederich 'hilipp Von **Viagem pelo Brasil (1817 – 1820)** São 'aulo4 0) 2S'g Belo : ori"onte4 Atatiaia, KOSK

EA`D7*, Charles **As fontes do self: a construção da identidade moderna** São Paulo
Do60la, K00Q

V` / 7ES]`, D S **A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, K0SL

; ADDA30, Alfred Russel **Viagens pelos rios Amazonas e Negro** São Paulo (0) 2S'g
Belo Horizonte Atatiaia, K0Q0

ANEXOS

GRUPO 1



GRUPO 2



GRUPO 3



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)